

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

TATIANA ROZALIA GUEDES

**ENTRE A NECESSIDADE E O JOGO POLÍTICO: UMA HISTÓRIA SOBRE
A CRIAÇÃO E EXTINÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS DA UEMS EM
CASSILÂNDIA**

CAMPO GRANDE – MS

2018

TATIANA ROZALIA GUEDES

**ENTRE A NECESSIDADE E O JOGO POLÍTICO: UMA HISTÓRIA SOBRE
A CRIAÇÃO E EXTINÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS DA UEMS EM
CASSILÂNDIA**

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

CAMPO GRANDE – MS

2018

TATIANA ROZALIA GUEDES

**ENTRE A NECESSIDADE E O JOGO POLÍTICO: UMA HISTÓRIA SOBRE
A CRIAÇÃO E EXTINÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS DA UEMS EM
CASSILÂNDIA**

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto (orientador)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Profa. Dra. Carla Regina Mariano da Silva
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Profa. Dra. Angela Maria Guida
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

CAMPO GRANDE – MS

2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que eu realizasse essa caminhada.

Aos meus pais Vera e Manoel, pelo apoio incondicional em todos os momentos, pelos ensinamentos, pela vida e pelo amor.

Ao Valmir, pelo companheirismo, pela compreensão, pela paciência, por me fazer acreditar que era possível quando eu achava que não conseguiria continuar.

Aos meus irmãos Natan e Damiana, pelo apoio, por compreenderem minha ausência nos momentos em família.

À minha cunhada Aparecida, pelo apoio.

Aos meus sobrinhos Luiz Fernando e João Vitor, por compreenderem minha ausência nos finais de semana, nas brincadeiras, nos filmes da *Netflix* e nas tarefas de Matemática.

Ao professor Thiago, meu orientador, por acreditar em mim, pelas orientações, pela paciência, pelas exigências, pelos ensinamentos.

Às professoras Angela e Carla, pelas valiosas sugestões e contribuições a esse trabalho.

Ao Grupo HEMEP, pelas discussões dos textos, pelas contribuições nesse trabalho.

Aos depoentes Paulo, Marco, Janete, Renata, Erika, Brandini e Edemir por aceitarem contribuir com a nossa pesquisa.

Ao Cassilândia Jornal, pelos recortes de jornal.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, pelas contribuições em minha formação e para o desenvolvimento desse trabalho.

Aos colegas da turma 2016 pelas discussões.

À Cleide Arinos, pelo companheirismo, pelas discussões das nossas pesquisas, pelo compartilhamento das angústias, pelos almoços, pelo acolhimento.

À Regina Lamblém, pelo companheirismo, pelas caronas, pelas discussões, pela estadia.

Aos colegas Vlademir Bondarczuck e Person Gouveia pelo companheirismo de “irmãos de orientação”.

À Escola Municipal Cecília Meireles, nas gestões da Ângela Marin, do Cleber Júnior Torres e da Leonice Camargo, por compreender minha ausência em reuniões e por organizar meu horário.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho.

Mas é preciso escolher. Porque o tempo foge. Não há tempo para tudo. Não poderei escutar todas as músicas que desejo, não poderei ler todos os livros que desejo, não poderei abraçar todas as pessoas que desejo. É necessário aprender a arte de “abrir mão” – a fim de nos dedicarmos àquilo que é essencial.

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho conta uma história sobre a criação e extinção do curso de Ciências com Habilitação em Matemática da UEMS de Cassilândia – MS. Ele foi elaborado com o objetivo de compreender sobre a formação de professores de Matemática naquela localidade no início da década de 1990. Esse curso iniciou em 1994, logo após a criação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, e foi extinto no ano de 2000, iniciando nesse ano o curso de Matemática – Licenciatura Plena (em funcionamento até os dias de hoje). Esta pesquisa está inserida no Grupo HEMEP – História da Educação Matemática em Pesquisa – que tem um projeto de mapeamento da formação e atuação de professores de Matemática em Mato Grosso do Sul. Este projeto do grupo está inserido no projeto do GH OEM – Grupo de História Oral e Educação Matemática – que visa mapear a formação e atuação de professores de Matemática no Brasil. Para essa investigação utilizamos a História Oral, que permite ao pesquisador produzir fontes intencionalmente, na criação de uma versão histórica, sem a intenção de estabelecer essa história como uma verdade absoluta. Por meio de entrevistas (realizadas com cinco professores e duas ex-alunas do Curso), documentos oficiais da universidade e notícias de jornais, fizemos alguns apontamentos que julgamos pertinentes, como: a influência política para implantar a UEMS; questões políticas e rivalidades partidárias se sobrepuseram aos interesses educacionais; a carência de professores de Matemática em Cassilândia e região; o desejo da população cassilandense por outros cursos; as dificuldades no início do curso e a contribuição desse curso para as áreas de Física, Química e Biologia. Para falarmos sobre a criação e extinção do curso de Ciências da UEMS de Cassilândia criamos a nossa história, que não buscou resgatar o “fato ocorrido”, mas sim produzir uma história baseada em nossas interpretações de depoimentos, documentos oficiais e recortes de jornais, que expressam o nosso entendimento sobre a formação de professores de Matemática em Cassilândia na década de 1990, tendo como foco o curso de Ciências da UEMS.

Palavras-chave: História Oral. Historiografia. Formação de professores de Matemática. Curso de Ciências. UEMS.

ABSTRACT

This paper reports a story about the creation and extinction of the Science with Mathematics Training course at UEMS in Cassilândia – MS. It was developed with the objective of understanding the formation of Mathematics teachers in this place in the early 90's. This course began in 1994, after the creation of the State University of Mato Grosso do Sul - UEMS, and it was extinguished in the year of 2000, and in that year began the course of Mathematics - Full Degree (in current operation). This research is part of the HEMEP Group - History of Mathematical Education in Research - which has a project to map the formation and performance of Mathematics teachers in Mato Grosso do Sul. The project of this group is part of the GHOM - Oral History Group and Mathematics Education - which aims to map the training and performance of Mathematics teachers in Brazil. For this investigation, we use Oral History, which allows the researcher to produce sources intentionally, in the creation of a historical version, without the intention of establishing this history as an absolute truth. Through interviews (made with five professors and two former students of the Course), official university documents and newspaper news, we made some notes that we consider pertinent, such as: the political influence to implant the UEMS; political issues and partisan rivalries overlap with educational interests; the lack of mathematics teachers in Cassilândia and region; the desire of the Cassilandense population for other courses; the difficulties at the beginning of the course and the contribution of this course to the areas of Physics, Chemistry and Biology. To talk about the creation and extinction of the UEMS science course in Cassilândia, we created our history, which did not seek to rescue the "fact", but to produce a story based on our interpretations of declarations, official documents and newspaper clippings, which express our understanding of Mathematics teacher training in Cassilândia in the 1990s, focusing on the UEMS Science course.

Keywords: Oral History. Historiography. Teacher training in mathematics. Course of Sciences. UEMS.

SUMÁRIO

1. MINHAS MEMÓRIAS	9
2. O ESPAÇO DA NOSSA NARRATIVA: A CIDADE DE CASSILÂNDIA.....	13
3. O NOSSO ENREDO E A HISTÓRIA ORAL.....	21
4. OS PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA	38
4.1 Paulo Neres Carvalho	38
4.2 Marco Aparecido Queiroz Duarte	64
4.3 Renata Patrícia Paulino Brandão Machado	73
4.4 Janete Bortolaia de Freitas.....	80
4.5 Erika Pereira da Silva Souza	101
4.6 Antônio Canuto Brandini.....	111
4.7 Edemir Feliciano Garcia	140
5. O NOSSO DESFECHO: UMA HISTÓRIA SOBRE O CURSO DE CIÊNCIAS DA UEMS DE CASSILÂNDIA	152
REFERÊNCIAS	178
APÊNDICES.....	184
Roteiros de Entrevista.....	184
ANEXOS.....	193
Anexo A – Cartas de Cessão.....	193
Anexo B – Estrutura curricular do curso de Ciências com Habilitação em Matemática e Biologia.....	200
Anexo C – Estrutura curricular do curso de Ciências com Habilitação em Matemática (por série).	201
Anexo D – Estrutura curricular do curso de Licenciatura em Matemática.....	203

1. MINHAS MEMÓRIAS

Sou licenciada em Matemática pela UEMS, unidade de Cassilândia, iniciei o curso no ano de 2001, segunda turma do curso de Matemática. Há dez anos sou professora da Educação Básica e lecionei por um período na Educação Superior (na UEMS de Cassilândia, nas Faculdades Integradas de Cassilândia – FIC e na Faculdade de Chapadão do Sul – FACHASUL). No ano de 2015, decidi me organizar para fazer o processo seletivo para o Mestrado em Educação Matemática, ofertado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Por ser professora da Educação Básica e perceber algumas dificuldades dos alunos, apresentei um projeto que versava sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos no conteúdo de frações. Após ser aprovada, verifiquei que não seria viável a execução do projeto proposto, pois o assunto não se encaixaria muito bem nas linhas de pesquisa do grupo HEMEP¹, grupo a que pertencço.

Em minha primeira participação na reunião do Grupo HEMEP, em conversa com o professor Thiago, meu orientador, decidimos que iríamos pensar num outro projeto para desenvolvermos. Ainda, nesse dia, fomos até a sala do Grupo (eu, Thiago e Vlademir, um colega de orientação) e durante o percurso o professor Thiago perguntou-me: “você gostaria de pesquisar sobre o curso de Matemática da UEMS de Cassilândia?” Fiquei surpresa na hora, não imaginava que poderia pesquisar sobre a universidade em que me graduei, então respondi: “Eu adoraria, professor!” Comentei que inicialmente o curso era Ciências com Habilitação em Matemática e que foi extinto em 2000, iniciando nesse ano, o curso de Matemática – Licenciatura Plena (em funcionamento até os dias de hoje). Decidimos então, que nossa investigação seria sobre o curso de Ciências, que iniciou em 1994, após a implantação da UEMS, que ocorreu em dezembro de 1993.

O Grupo HEMEP possui atualmente três frentes de pesquisa: aspectos históricos do ensino e da aprendizagem de Matemática, história da formação de professores que ensinam Matemática, história oral e narrativa. Um dos objetivos do Grupo é produzir um mapeamento da formação e da atuação de professores que

¹ HEMEP – História da Educação Matemática em Pesquisa - Grupo de pesquisa da UFMS de Campo Grande – MS. www.hemep.org

lecionam Matemática em Mato Grosso do Sul. Esta ação está ligada ao projeto “Mapeamento da formação e atuação de professores no Brasil” do GHOEM².

Alguns trabalhos desenvolvidos pelos Grupos HEMEP e GHOEM abordam a temática da formação de professores de Matemática, como Silva (2015) que investigou o movimento de criação e funcionamento de Licenciaturas em Matemática e Ciências em Mato Grosso do Sul, estudando três cursos vinculados à UFMS³ e um curso da UCDB⁴; Cury (2011) que pesquisou a constituição e o desenvolvimento dos primeiros cursos que formaram professores de Matemática no estado do Tocantins; Morais (2012) que construiu uma versão histórica da formação de professores de Matemática na região de Mossoró – RN, de 1940 a 1974, período anterior à criação do mais antigo curso de Licenciatura de Matemática dessa região; Fernandes (2011) que pesquisou sobre a formação de professores de matemática do Maranhão, na década de 1960, época em que ocorreu a implantação do primeiro curso de Licenciatura do Estado; Reis (2014) que conta a história da formação de professores primários da Escola Joaquim Murtinho; Faoro (2014) que apresenta compreensões da criação e do desenvolvimento do primeiro curso de formação de professores de Matemática de Dourados; Silva (2016) que pesquisou sobre a formação de professores de Matemática que atuaram em Paranaíba na segunda metade do século XX, utilizando a metáfora “cena” para constituir cenários dessa formação; Almeida (2017) que fala sobre um Curso Modular de Matemática em Campo Grande – MS; Morais (2017) que investigou um curso de Licenciatura em Matemática, na modalidade a distância e Zandomenighi (2017) que conta uma história do curso de Matemática da UNIDERP⁵ – Campo Grande.

Tomando como escopo o curso de Ciências da UEMS de Cassilândia, sua abertura e extinção, ligadas a questões locais, políticas partidárias e movimentos de âmbito nacional, como as políticas de formação de professores, temos a intenção de tecer compreensões sobre a formação de professores de Matemática em Cassilândia nesse recorte temporal.

Para compreendermos sobre essa formação, mobilizamos narrativas de pessoas envolvidas no processo de criação e extinção do Curso, pesquisas em

² GHOEM – Grupo História Oral e Educação Matemática - Grupo de Pesquisa da UNESP de Bauru - SP. www.ghoem.org

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁴ Universidade Católica Dom Bosco.

⁵ Anhanguera – UNIDERP (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal).

jornais e documentos como: resoluções da UEMS, grades curriculares, projetos pedagógicos e ata de reuniões.

Nosso trabalho se constitui de cinco capítulos. No primeiro falamos como surgiu a pesquisa e trazemos outras que abordam a mesma temática de nossa investigação. Essas pesquisas nos ajudaram a caminhar com o nosso trabalho (como roteiro de entrevista, textualizações, compreensão da metodologia e modos análises), forneceram-nos informações sobre a formação de professores de Matemática de outras regiões, o que nos possibilitou fazer uma conexão com a formação dos professores de Matemática na região de nossa investigação.

No segundo capítulo trazemos informações sobre o espaço da nossa narrativa, a cidade de Cassilândia, um pouco das belezas naturais, da cultura e da economia da região do Bolsão sul-mato-grossense. Tudo isso contribuiu para nos auxiliar a compreender que, apesar de Cassilândia fazer fronteira com o estado e Goiás e estar próxima a outros estados, isso não foi relevante para a cidade receber uma unidade da UEMS. A influência política de um deputado estadual foi determinante para implantação da Universidade na cidade, porém, não foi suficiente para a população receber os cursos que desejava (Agronomia e Direito).

No terceiro capítulo, o nosso Enredo, apresentamos o nosso percurso no decorrer da pesquisa, a busca por informações em um jornal da cidade, o contato com os depoentes, as dificuldades que tivemos para realizar algumas entrevistas, a escolha pela narrativa histórica em nosso movimento de análise e o referencial teórico-metodológico, a História Oral, que nos permite produzir fontes intencionalmente, fontes orais que nos possibilitaram traçar compreensões sobre o curso de Ciências e criarmos a nossa história sobre esse curso.

No quarto capítulo apresentamos os personagens da nossa história, as sete entrevistas, cinco professores e duas ex-alunas do curso de Ciências. Para as entrevistas elaboramos um roteiro, com o objetivo de nos nortear no decorrer das gravações e as textualizações das entrevistas foram realizadas em conjunto (depoentes e pesquisadores). As narrativas dos depoentes nos auxiliaram a compreender a formação de professores de Matemática em Cassilândia e, conseqüentemente, contribuíram para contarmos a nossa história sobre o curso de Ciências da UEMS.

No quinto capítulo apresentamos algumas de nossas compreensões sobre a formação de professores de Matemática de Cassilândia, tomando como escopo o

curso de Ciências da UEMS, que iniciou após a implantação dessa universidade, e foi extinto no ano de 2000. Contamos uma história (um olhar) sobre o referido Curso, sem a intenção de esgotar o tema ou cristalizar uma versão em detrimento de outras, apresentamos, sim, nossas interpretações de algo que aconteceu, a partir do que ouvimos de nossos depoentes, do que lemos em jornais e em documentos da Universidade.

Com o andamento da pesquisa pude perceber que embora minha graduação fosse em Matemática, meu curso era uma continuidade do curso de Ciências com Habilitação em Matemática. Embora as grades dos cursos fossem diferentes, haviam disciplinas comuns, com ementas próximas umas das outras. Além disso, a maioria dos professores lecionou nos dois cursos e, os alunos, interagiam, trocavam ideias sobre os conteúdos das disciplinas, situações que geraram uma proximidade entre os cursos. Com o encerramento das turmas de Ciências, com as mudanças na grade do curso de Matemática e com a chegada de novos professores, a aproximação dos dois cursos foi ficando apenas na memória das pessoas que vivenciaram essa época (como eu).

2. O ESPAÇO DA NOSSA NARRATIVA: A CIDADE DE CASSILÂNDIA

Cassilândia é uma cidade do estado de Mato Grosso do Sul, popularmente conhecida como a “Princesinha do Vale do Aporé” ou como “Cidade Sorriso”. Com 63 anos de emancipação política é cercada por fazendas de gado e seringueira, tem uma população hospitaleira, que “abraça” a todos que chegam à cidade.

Em setembro de 1990, quando cheguei a Cassilândia, vinda do estado do Rio de Janeiro, achava tudo muito diferente, como a galinhada (arroz com frango), o arroz com pequi, o palmito de gueroba ou guariroba (o palmito amargo), o biscoito de polvilho, o churrasco acompanhado de mandioca doce, as expressões locais como “menino custoso”, “lá na Cassilândia”, “menino homem” e “menina mulher”. A cultura local é uma mistura com forte influência de goianos, mineiros, paulistas e sul-mato-grossenses.

Localizada na região leste do Estado, faz parte da região denominada Bolsão Sul-mato-grossense, por ser uma região de grande arrecadação fiscal do Estado de Mato Grosso do Sul.

Inicialmente na região do Bolsão, a pecuária tinha forte predomínio, mas nas últimas décadas houve uma diversidade na economia como a produção agrícola (cana-de-açúcar, soja, milho e algodão), a produção florestal (seringueira e eucalipto) e a indústria (oleiro-cerâmica, derivados do leite, têxtil, frigoríficos, papel, celulose e sucroalcooleira) (FLUMIGNAN, D. L; FIETZ, C. R; COMUNELLO, 2015, p. 5).

A região do Bolsão é uma dentre as nove⁶ regiões de planejamento do Estado de Mato Grosso do Sul, fazendo fronteira com os Estados de Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Os municípios que fazem parte dessa região são: Água Clara, Aparecida do Taboado, Brasilândia, Cassilândia, Chapadão do Sul, Inocência, Paranaíba, Paraíso das Águas, Santa Rita do Pardo, Selvíria e Três Lagoas. (MATO GROSSO DO SUL, 2015).

⁶ As nove regiões são: Região de Campo Grande, Região da Grande Dourados, Região do Bolsão, Região Norte, Região do Pantanal, Região Sudoeste, Região Leste, Região Cone-Sul e Região Sul – Fronteira.

Figura 1: Nove Regiões de Planejamento de MS



Fonte: FLUMIGNAN; FIETZ; COMUNELLO (2015, capa)

Figura 2: Região do Bolsão do Estado de MS



Fonte: Mato Grosso do Sul (2015, p. 38)

Cassilândia faz fronteira com o Estado de Goiás, localiza-se muito próxima das cidades de Itajá – GO, Aporé – GO e Lagoa Santa – GO, tendo proximidade

O Rio Aporé é um dos principais rios da região do Bolsão e faz fronteira entre os estados de Goiás e Mato Grosso do Sul. Cassilândia é banhada pelas águas desse Rio, que proporciona à cidade algumas belezas naturais, como o Balneário do Salto, que dispõe de uma cachoeira com uma queda d'água de cinco metros de altura (há nesse local uma usina hidrelétrica desativada, tombada pelo patrimônio cultural e paisagístico do município). Há, também, um espaço para lazer, visitação junto à queda do Rio Aporé, local para *camping* e chegada das competições de Boia Cross⁸ no Rio Aporé e, ainda, a prática cotidiana de alguns cassilandenses de se banharem nas águas do Rio para refrescar o calor.

Figura 4: Salto do Rio Aporé

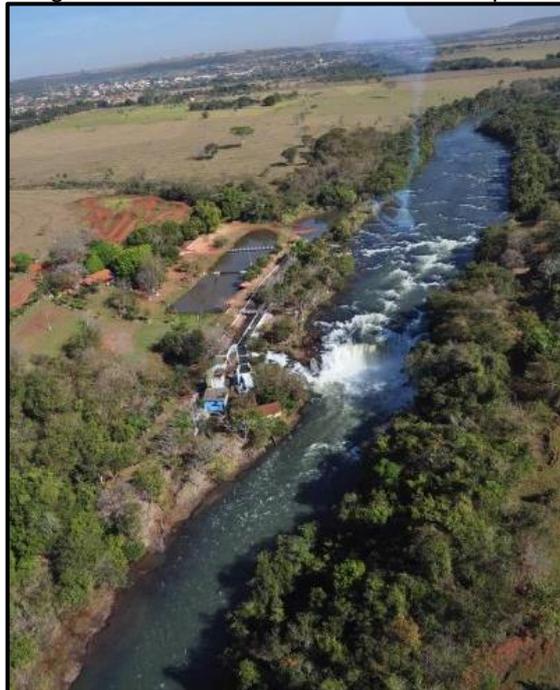


Fonte: Dalmo Curcio⁹

⁸ Uma descida pelo rio em boias individuais.

⁹ Disponível em: <<https://www.madvix.com/BR/Cassil%C3%A2ndia/969597396395811/CAassilandia-Jornal>> Acesso em 23.abr.18.

Figura 5: Vista aérea do Salto do Rio Aporé



Fonte: Dalmo Curcio¹⁰

Outra atração de Cassilândia é a Festa do Peão de Boiadeiro, que é uma marca da cultura da comunidade cassilandense, a população se organiza e celebra essa festividade local, sendo denominada por populares como “a paixão dos cassilandenses”. Em 2015, a cidade foi nomeada Capital Estadual do Rodeio pela Lei nº 4.651 de 18/03/15, sancionada pelo governador Reinaldo Azambuja¹¹. Anualmente, no final do mês de julho e início do mês de agosto, acontece a tradicional Festa, que movimentava o município, o qual recebe pessoas de cidades vizinhas e também de outros estados, pessoas que já residiram em Cassilândia e que se organizam para voltar à cidade nessa época. Atualmente é intitulada de *Expo Cassilândia*¹² e já foi considerada a quinta melhor festa do circuito nacional de rodeio¹³.

Na rotatória, localizada na lateral do recinto da Festa do Peão de Cassilândia, há a estátua de um peão cassilandense, Cassius Clay Ferreira¹⁴, que o homenageia como também aos peões que participaram e participam dessa Festa. A estátua tem

¹⁰ Disponível em: Disponível em: <<http://www.cassilandiajornal.com.br/?pg=noticia&id=11411>> Acesso em 23.abr.18.

¹¹ Diário Oficial de MS nº 8.884 de 19/03/15, p.1.

¹² Embora seja denominada oficialmente de Expo Cassilândia, popularmente é conhecida como a Festa do Peão de Cassilândia, termo que passaremos a utilizar neste trabalho.

¹³ A TV Record considerou a festa como a quinta melhor do gênero (Simões, 2007, p. 34).

¹⁴ Em sua trajetória de peão de rodeio conquistou 23 carros e 24 motos zero quilômetro. Na classificação geral do ranking nacional, foi considerado o 3º melhor peão do país. Disponível em: <http://www.tce.ms.gov.br/lista_noticias/detalhes/192805> Acesso em 08/09/17.

as vestimentas de um peão (colete, cinto, fivela, chapéu, calça de couro para montaria, camisa, bota e espora) com um arreio nos ombros e um laço na mão.

Figura 6: Estátua do Peão



Fonte: Dalmo Curcio¹⁵

A arena é o palco do rodeio, as pessoas se reúnem para festejar em barracas, arquibancadas e camarotes ao redor dela, prestigiam as montarias dos peões em touros e cavalos e, após o rodeio, assistem a shows de diversos cantores.

Outra atração da festa é a locução do rodeio, o locutor narra as montarias e anima a arquibancada com seus poemas e versos. A Festa do Peão de Cassilândia recebe e já recebeu locutores de rodeio renomados. De acordo com Simões (2007), Zé do Prado¹⁶, que foi considerado o melhor locutor de rodeios do Brasil, narrou oficialmente o rodeio da Festa do Peão de Cassilândia por 21 anos, recebendo como homenagem uma estátua de seu busto implantada no portal de entrada do recinto da Festa do Peão de Cassilândia.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.cassilandianoticias.com.br/ultimas-noticias/cassilandia-a-estatua-do-peao-na-saida-da-cidade>> Acesso em 23.abr.18.

¹⁶ José Antônio de Souza, conhecido como Zé do Prado (o anjo negro das arenas), iniciava a locução dos rodeios com a oração da Ave Maria e pelo grito “Seguuuuura Peãooo!” que foi adotado por vários locutores de rodeio. Zé do Prado faleceu em dezembro de 1991. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/zedoprato/about/?ref=page_internal> Acesso em 10.set.17.

Figura 7: Arena da *Expo Cassilândia* 2017

Fonte: Dalmo Curcio, 2017.

Outra celebração, nessa época, é o tradicional desfile que acontece no último dia de festa (no domingo) pelas ruas da cidade em comemoração ao aniversário de Cassilândia (03 de agosto).

Montados em animais (tours ou cavalos), em cima de carrocerias de caminhões ou em carros, as pessoas desfilam pelas ruas da cidade. A população se aglomera em ruas e avenidas para assistir ao desfile e, ao final, se reúne para o churrasco, geralmente, oferecido pela prefeitura de Cassilândia em conjunto com o Sindicato Rural e patrocinadores diversos. O tradicional desfile e churrasco vieram se modificando no decorrer do tempo, na década de 1990 além do churrasco era oferecido um bolo de 150 metros à população.

Figura 8: Desfile na praça São José – 36º aniversário de Cassilândia, 1990



Fonte: Cassilândia Notícias¹⁷

Figura 9: Desfile pelas ruas – 63º aniversário de Cassilândia 2017



Fonte: Dalmo Curcio, 2017.

De acordo com Simões (2007), que fez sua dissertação de Mestrado intitulada de O Desenvolvimento Local na Cidade de Cassilândia: a festa de peão de boiadeiro e a construção da identidade e do sentimento de pertença, ressalta que a Festa do Peão de Boiadeiro de Cassilândia reflete a cultura e a identidade dessa comunidade, possibilitando a integração da população, a renovação das relações pessoais e o contato com modos de vidas diferentes, uma organização que contribui para o desenvolvimento da cidade.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.cassilandianoticias.com.br/ultimas-noticias/fotogaleria-de-onde-nunca-deveria-ter-saído>> Acesso em 30.jul.17.

3. O NOSSO ENREDO E A HISTÓRIA ORAL

Para contarmos uma história sobre a criação e extinção do curso de Ciências com Habilitação em Matemática da UEMS de Cassilândia, utilizamos a História Oral que nos permite, intencionalmente, constituir fontes historiográficas, fazer uma reconfiguração de uma época, no nosso caso, a criação e extinção de um curso no início da década de 1990. Utilizamos fontes que julgamos necessárias para explicitarmos nossas compreensões sobre o referido curso, como o registro de memórias dos nossos depoentes (por meio de entrevistas), notícias de jornais, fotos, e documentos oficiais da Universidade.

O método da História Oral pode ser aplicado em pesquisas historiográficas, como essa, porém, ele não se limita somente a pesquisas que se referem a uma questão histórica. Esse método permite a criação de fontes orais, ressalta a importância da oralidade, da memória, dos diversos pontos de vista e questiona a existência de uma única e verdadeira história. A História Oral permite a criação de várias histórias, tendo no testemunho oral a possibilidade de compreensão de movimentos, trajetórias ou outros processos que, às vezes, não têm como ser elucidados de outra forma.

Embora as pesquisas que utilizam a História Oral tenham alguns procedimentos padrão, como a escolha dos entrevistados, os roteiros, a gravação, a transcrição e a textualização das entrevistas, não podemos resumir a História Oral nesses procedimentos, é “[...] uma metodologia em trajetória: os modos de ação e o pensar sobre esses modos, vão se constituindo ao mesmo tempo em que investigações específicas vão sendo desenvolvidas” (GARNICA, 2012, p. 169).

Uma metodologia não se resume a “um conjunto de métodos que possa ser tratado de um modo meramente procedimental” (GARNICA, 2013, p. 98), no decorrer da pesquisa, outros caminhos podem surgir, havendo a necessidade do pesquisador “construir” uma metodologia que não seja apoiada apenas em procedimentos previstos inicialmente.

[...] a metodologia de pesquisa é sempre um exercício, um fazer em trajetória e não uma mera e simples aplicação linearizada que nos permite passar por etapas em procedimentos mecanicamente implementados. Os referenciais que amparam a opção pelos procedimentos, que amparam o acesso inicial ao campo que a pesquisa pretende explorar e amparam as análises, não se apartam: completam-se e potencializam-se. (MARTINS-SALANDIM, 2012, p.51).

O pesquisador, ao optar por utilizar a História Oral na pesquisa, precisa compreender que ela não é uma coleta de depoimentos e nem confronto da escrita com a oralidade (GARNICA, 2013), ela nos permite contar uma versão histórica de um momento passado, não em sua totalidade, mas recriá-la no tempo presente e no futuro.

Essa reinvenção não é no sentido de reinventar algo que está pronto ou criado, mas no sentido de uma releitura, uma recriação de algo que foi criado em certo momento, pois estamos falando do que é humano, social e cultural, as coisas nesses campos são recriadas, ressignificadas, pois o homem se relaciona com o mundo por meio de palavras e de conceitos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 257-258).

Para Albuquerque Júnior (2007, p. 230), a oralidade não deve ser oposta ao escrito, como se fossem realidades distintas e distantes, “mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos”.

Na produção das fontes desta pesquisa, não tivemos a intenção de buscar uma verdade ou uma história completa (o que seria impossível), necessitamos reconhecer os diversos pontos de vista e dialogar com as fontes que julgamos possíveis de nos auxiliar nas compreensões da nossa temática, contamos uma história do que ouvimos de nossos depoentes, lemos em jornais e em documentos da Universidade.

Costumamos dizer que elaboramos uma história plausível sobre o ocorrido, ou seja, possui tanto uma coerência interna de acontecimentos quanto externa com os elementos que encontramos no decorrer da pesquisa. Poderíamos aproximar nossa “plausibilidade” com a verossimilhança aristotélica, que possibilita vários pontos de vista de uma realidade, com coerência e lógica, uma história possível, emprestamos de Andrade [20--?] este conceito:

O que é, por conseguinte, a verossimilhança aristotélica?
O texto aristotélico, apoiado a outras passagens de sua Poética, leva-nos a compreender, em primeiro lugar, que a verossimilhança se liga a um princípio de coerência interna. A obra literária, toda ela, sem exceção, se verdadeira obra de arte, tem sua lógica. As partes se juntam a formar um princípio coerente e coeso, cada uma justificando a seguinte, unidas todas por uma relação de causalidade interna. Não é, naturalmente, a “nossa” lógica: é a lógica literária (a lógica do texto). Por exemplo, um conto de fadas não pode terminar com soluções realistas. Seria uma incoerência [...] imaginar Fabiano

com os olhos verdes (seria inverossímil, uma vez que, azuis como são, sugerem a paisagem – céu azul, durante a seca – e também chama, de imediato, uma lembrança de um desejo: chuva, água, mar; ou então, mar (azul), chuva, água, fim da seca, fim de penúrias. Quando dizemos que uma obra literária é falsa não é porque ninguém pode se transformar num inseto; não. Dizemos que uma obra é “mentirosa” quando suas partes não se justificam, fundando uma sequência desencontrada, incoerente e desarticulada. (ANDRADE, [20--?], p.70)

Para ajudar a construir a nossa história e, conseqüentemente, traçarmos compreensões sobre a formação de professores de Matemática na região de Cassilândia, mobilizamos narrativas de pessoas envolvidas no processo de criação e extinção do curso, cinco professores e duas alunas.

As narrativas podem ser “orais, visuais, ou ainda, gestuais e escritas” (SILVA, 2014, p.445), cada uma com suas potencialidades e limitações. Quando narramos contamos uma história, produzimos um discurso, de nós, do outro, de um acontecimento (que fizemos parte ou não) sempre em direção a alguém, desta forma, cada vez que contamos uma história contamos de um modo diferente, pois somos afetados por fatores que nos fizeram pensar ou agir de maneira diferente.

Narrar é contar uma história, narrar-se é contar nossa história ou uma história da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. Esse contar, é importante ressaltar, se dá sempre em direção a alguém. Desse modo, a narração prevê um posicionamento frente ao outro (CURY; SOUZA; SILVA, 2014, p. 915).

As narrativas produzidas em entrevista ajudam o pesquisador a construir sua análise, que é produzida com aspectos próprios do pesquisador que se põe a narrar, “é algo extremamente singular” (SILVA, 2015, p. 449).

Uma operação historiográfica inicia com a criação de fontes e caminha para a constituição de uma narrativa histórica, cabendo ao pesquisador reunir fragmentos do passado com a intenção de compreender o que pretende (MARTINS-SALANDIM, 2016, p. 214). Na prática historiográfica, fazemos dialogar passado, presente e futuro, por meio de diversas fontes, com o intuito de constituirmos narrativas que podem nos direcionar a conhecer o que desconhecíamos, esquecemos ou negligenciamos e a direcionarmos o futuro (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011).

Na criação intencional de fontes, o pesquisador produz fontes históricas potenciais, mesmo sem a preocupação em produzi-las e é de sua responsabilidade

construir uma narrativa que entrelace os diversos pontos de vista que as fontes lhe trazem.

[...] o pesquisador que se vale da História Oral é um ‘fazedor de fontes’ sabendo-se ‘fazedor de fontes’ e, portanto, envolto em todas as circunstâncias que esse fazer exige: **o reconhecimento da inexistência de uma verdade sólida, inquebrantável, intransponível, definida e definitiva; o choque entre a pluralidade de pontos de vistas distintos que essas fontes trazem à tona; a responsabilidade ao costurar, para sua pesquisa, essas fontes que lhe dão uma percepção parcial, mas nem por isso pouco nítida**, da realidade que está mergulhado. (GARNICA, 2007, p. 15, negrito nosso).

Criamos, intencionalmente, as fontes que julgamos pertinentes para nos auxiliar na compreensão da criação e extinção do curso de Ciências da UEMS e na criação da nossa narrativa.

Iniciamos a nossa busca por fontes em um jornal da cidade, o “Cassilândia Jornal”. Fui¹⁸ ao jornal, expliquei que estava fazendo uma pesquisa e que procurava notícias sobre a implantação da UEMS e do curso de Ciências em Cassilândia.

Os jornalistas Zildo Vieira e Dalmo Curcio, muito atenciosos e dispostos a contribuir, disponibilizaram jornais encadernados, catalogados por ano, um trabalho muito organizado. No decorrer da investigação no “Cassilândia Jornal”, encontrei algumas notícias, como a influência de um político da cidade, Valdomiro Alves Gonçalves¹⁹, para implantar uma unidade da UEMS em Cassilândia, pois essa cidade não estava na lista dos municípios escolhidos para implantação de uma unidade de ensino da referida Universidade.

Encontrei também a notícia de uma pesquisa com a população sobre a preferência dos cursos a serem implantados na cidade: Computação, Análise de Sistema, Agronomia, Direito e Letras, foram os cursos votados pela população, e os cursos ofertados pela comissão de implantação da UEMS foram Ciências e Letras.

Fui à UEMS de Cassilândia em busca de atas de reuniões, grades curriculares, resoluções, projetos pedagógicos e demais documentos oficiais da

¹⁸ Neste texto quando usarmos a primeira pessoa do singular é porque se refere a uma ação singular, realizada por apenas um dos pesquisadores deste trabalho – que se constitui na pluralidade de mestrando, orientador, entrevistados, banca e grupo de pesquisa.

¹⁹ Valdomiro Alves Gonçalves, natural de Paranaíba – MS, com familiares residentes em Cassilândia, foi Promotor de Justiça na Comarca de Cassilândia, Deputado Estadual por quatro mandatos, Deputado Federal por um mandato, Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso *Uno* e o primeiro Presidente da Assembleia Constituinte do Estado de Mato Grosso do Sul. Valdomiro faleceu em 05 de abril de 2016.

Universidade sobre o extinto curso de Ciências e me informaram que naquela unidade não havia qualquer documento, pois a cada cinco anos eles são incinerados. Entretanto, consegui alguns recortes de jornais guardados pelos funcionários do setor administrativo da unidade. Em seguida, fiz contato com a sede da UEMS em Dourados – MS e um funcionário de lá me informou que os documentos, como Resoluções do Conselho Universitário – COUNI e do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE, poderiam ser encontrados no site da UEMS.

Recorri ao site da Universidade e encontrei algumas Resoluções, como a que extinguiu o curso de Ciências, a que estabeleceu o módulo de 38 semanas para as disciplinas anuais, a que aprovou normas para elaboração de Projeto Pedagógico e elaboração de currículo pleno dos cursos de graduação.

Para prosseguirmos com nossa operação historiográfica, escolhemos dois professores para iniciarmos as entrevistas. Por ter me graduado na UEMS de Cassilândia, obtinha informações de alguns professores que lecionaram nos cursos de Ciências com Habilitação em Matemática, como o professor Paulo Neres Carvalho e a professora Janete Bortolaia de Freitas. O professor Paulo Neres residiu em Cassilândia por alguns anos e, atualmente, leciona na UEMS de Campo Grande. A professora Janete também residiu em Cassilândia por um tempo e, após sua aposentadoria, mudou-se para a cidade de Andradina – SP.

Com residência em Chapadão do Sul – MS (100 km de Cassilândia), viajo toda semana a Campo Grande para cursar o Mestrado e, em uma dessas viagens de volta para casa, numa sexta-feira à noite, coincidentemente encontrei o professor Paulo Neres no terminal rodoviário de Campo Grande. Conversamos um pouco e perguntei-lhe se gostaria de contribuir com a pesquisa e ele aceitou imediatamente. Informou que poderia encontrá-lo em sua sala na UEMS de Campo Grande para gravarmos a entrevista.

A seleção dos entrevistados é de responsabilidade do pesquisador, mesmo que na maioria das vezes a escolha seja feita pelo critério de rede e esse critério pode não funcionar, o entrevistado selecionado pode não ter interesse em gravar uma entrevista, cabe, então, ao pesquisador, escolher a melhor maneira de estabelecer esta rede de entrevistados (SOUZA; SILVA, 2015).

As entrevistas são carregadas de memórias, permitem que o depoente conte sua história de vida, narre sua vivência, “a memória deve ser entendida sempre

como uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado” (CURY, 2011, p. 26).

Cada depoente é atravessado por fatores históricos e sociais, o modo como um depoente enxerga um acontecimento é diferente do modo que outro depoente enxerga o mesmo acontecimento, não faz sentido perguntar quem está falando a verdade, pois há versões sobre o mesmo acontecimento, os depoimentos trazem as visões dos depoentes, seus pontos de vista. Para Lejeune (2014, p.186) “...uma narrativa de vida não fornece diretamente o vivido de outrora, mas o que permanece dele na memória de hoje”. Foi o que ocorreu quando perguntamos sobre a extinção do curso de Ciências, alguns depoentes relataram que foi uma determinação do MEC, da LDBEN/1996 e, outros, que o referido Curso não estava mais satisfazendo a demanda, que tinha uma carga horária excessiva, então, a Universidade resolveu extingui-lo.

Embora o entrevistador reestruture a entrevista em um processo chamado de textualização, o modo de narrar do entrevistado fica caracterizado (MARTINS-SALANDIM, 2012), as vivências do narrador e modo como narra, podem interferir neste momento, mesmo que o entrevistador tenha informado o tema da entrevista (tenha um roteiro) ou direcionado uma questão, o entrevistado pode mudar os rumos da entrevista – e normalmente muda. Percebemos em algumas entrevistas uma forte condução por parte do entrevistado, respondendo aquilo que desejava, quase que independente de nossas perguntas e, outras vezes, estabeleciam silêncios e esquecimentos que nos calavam frente a algumas temáticas de nosso interesse inicial: era necessário respeitar.

Ao narrar um acontecimento, o depoente se constitui nessa narrativa, constrói a sua história, narra-se em direção ao outro, conta a história que deseja que o outro escute. De acordo com Bruner (2014, p. 76), não é simples narrarmos frente ao outro, depende do que “nós achamos que eles acham que nós deveríamos ser”, narramos a partir do que pensamos que o outro pensa que somos ou que gostaria de ouvir.

[...] nós construímos e reconstruímos nossos eus constantemente para satisfazer as necessidades das situações com que nos deparamos, e fazemos isso com a orientação de nossas memórias do passado e de nossas esperanças e medos do futuro. (BRUNER, 2014, p. 74).

Nesse sentido, Albuquerque Júnior (2011) ressalta que mesmo quando o sujeito conta sobre sua vida, o sujeito narrado não coincide com o sujeito que se vive, pois ele se apresenta de acordo com a situação que está vivendo, podendo contar o que queria ter sido, o que pensa ser ou o que quer ser, um sujeito multifacetado.

[...] o homem que se conta não é o mesmo homem que vive, mesmo quando narra sua própria vida. Quando faz memória ou autobiografia, o sujeito narrador não coincide com o sujeito narrado, o sujeito da narrativa não é o mesmo personagem contado. Porque o sujeito da narrativa é um sujeito em estado de vida, em carne e osso, é um sujeito em que corre sangue nas veias. Já o sujeito narrado é um sujeito em estado de palavra, é feito de papel, é um sujeito em que corre tinta nas veias. O historiador que pretende estar falando (sic) do sujeito de carne e osso, falará na verdade do sujeito de papel e tinta que chega até ele mediante suas distintas formas de representação, embora estas formas de representação permitam a ele, pelo menos, garantir que o seu personagem realmente fez parte do passado. O historiador dará a ele uma nova vida, de tinta e papel, embora faça parte do pacto de leitura entre o leitor e o autor do texto historiográfico acreditar que ali se fala do sujeito de carne e osso que um dia viveu no passado. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 254).

Em uma entrevista, os interesses do pesquisador e do depoente podem ser diferentes. O pesquisador tem a intenção de ouvir sobre assuntos que contribuirão para sua pesquisa, porém, o depoente pode usar esse momento para falar de sua vida, de suas mágoas, de seus projetos, de coisas que nunca teve a oportunidade de relatar.

Ao levar alguém a contar longamente sua vida, ao partir metodicamente em busca de seu desejo de falar, ao oferecer a escuta que ele estava precisando, desencadeia-se um processo capital para ele, revolve-se bruscamente em todo um passado que não estava forçosamente pedindo para ressurgir. A emoção ou a perturbação são por vezes profundas. O prazer também está presente, certamente: a alegria de falar, a alegria principalmente de ser ouvido por alguém que, dessa forma, reconhece o valor de sua vida. Libertação de poder dizer o que estava morrendo por não dizer, [...]. Perturbação também para certos modelos que o lento revolvimento da memória acaba impedindo de dormir. (LEJEUNE, 2014, p. 181).

Em duas entrevistas percebemos que após algumas perguntas houve uma mudança de direção nas respostas ou um esquecimento, talvez proposital, o que nos fez refletir sobre o nosso papel na entrevista. Até que ponto podemos (ou devemos) forçar as questões para fazer explicitar as temáticas que desejamos?

Ainda que tentemos, essa tentativa pode ser frustrada por um simples “silêncio” do entrevistado.

Para dialogarmos com nossos depoentes, elaboramos um roteiro de entrevista²⁰, privilegiando questões abertas, para que nossos depoentes pudessem relatar o que considerassem pertinente sobre a temática abordada. Os roteiros foram construídos com a intenção de nos direcionar no decorrer da entrevista, não impedindo os depoentes de abordarem temas distintos dos escolhidos por nós, situação que ocorreu em algumas das entrevistas.

[...] aquele que narra não tem um papel passivo no momento da entrevista. Ao contrário, por mais que o entrevistador selecione os entrevistados, elabore um roteiro buscando evidenciar pontos de seu interesse, cabe ao entrevistado decidir quais aspectos serão narrados, quais serão evidenciados e quais serão omitidos. (SOUZA, SILVA, 2015, p. 44).

Porém, ao final do processo, percebemos algumas falhas na construção dos roteiros e outras na condução das entrevistas: como perguntas binárias (era isso ou aquilo?), que davam aos depoentes somente duas opções de resposta ou, outras vezes, dando a resposta na pergunta, induzindo o depoente a uma resposta, coibindo-os de relatarem algo mais relevante ou contar o que desejavam.

Ao fazer contato com os possíveis interlocutores, explicava-lhes sobre o assunto da pesquisa, sobre a gravação, áudio e imagem, que havia um roteiro para nos nortear no decorrer da gravação e que se achasse necessário, eu poderia enviar o roteiro antes, e que após a gravação transcreveria, textualizaria e enviaria o texto para conferência, sendo direito do depoente fazer as alterações que achasse pertinente ou, ainda, desistir da entrevista se fosse sua vontade, e que após a conferência pediria uma carta de cessão.

Consideramos que estas informações eram importantes para os depoentes, que precisavam ter uma ideia dos procedimentos que adotamos “nas” e “com” as entrevistas, deixando-os à vontade para relatar suas memórias, sabendo que suas vontades seriam respeitadas e que teríamos cuidado ético com as entrevistas.

²⁰ Elaboramos um roteiro para a entrevista com o professor Paulo Neres (que foi o primeiro professor de Matemática a lecionar no curso) e modificamos algumas questões deste roteiro para as entrevistas da professora Janete e do professor Brandini (que iniciaram no curso um pouco depois do professor Paulo). Para as entrevistas do professor Marco e do professor Edemir, também modificamos algumas perguntas, pois iniciaram no curso alguns anos depois dos professores Paulo, Janete e Brandini. E, para as duas ex-alunas, elaboramos um outro roteiro.

Decidimos começar as entrevistas pelo professor Paulo Neres, por ele morar em Campo Grande – MS e ser de mais fácil acesso. Após o encontro no terminal rodoviário, entrei em contato com o professor pelo *Facebook*²¹, para acertamos a data da entrevista. Na primeira tentativa não conseguimos definir uma data, pois ele já tinha uma viagem marcada, e na segunda tentativa definimos data, local e horário, gravamos no laboratório do curso de Turismo²² da UEMS de Campo Grande – MS. O professor recebeu-me muito disposto e com grande simpatia, assim, gravamos a entrevista num clima carregado de lembranças sobre os dois Cursos (Ciências com Habilitação em Matemática e Licenciatura em Matemática). Ele lembrou quando chegou à Cassilândia, na década de 1980, foi visitar a irmã que morava lá e ficou sabendo da carência de professores de Matemática, então, resolveu mudar-se de Campinas para Cassilândia, pois já estava terminando o curso de Ciências com Habilitação em Matemática pela PUC de Campinas.

Antes de encerrar a entrevista, apresentei algumas notícias de jornais ao professor, que recordou da época da implantação do curso de Ciências, que o “pessoal da Matemática” torcia para implantar o curso de Análises de Sistemas, porque ia ter aulas de Matemática. Lembrou também do assunto discutido na aula inaugural da unidade de Cassilândia, ministrada por ele.

Após a entrevista com o professor Paulo Neres, nossa intenção era entrevistar a professora Janete Bortolaia, porém, por ela morar distante, decidimos entrevistar outros professores citados pelo professor Paulo Neres. Na entrevista com o professor apareceram os nomes do professor Marco Aparecido Queiroz Duarte, do professor Antônio Canuto Brandini, do professor João Toledo e do professor Nery, todos professores de Matemática que lecionaram no curso de Ciências.

Decidimos realizar a segunda entrevista com o professor Marco Aparecido Queiroz Duarte (citado pelo professor Paulo Neres) que reside em Cassilândia. O contato inicial foi feito via *whatsapp*²³ e, em resposta, o professor disse que aceitaria, mas que gostaria de receber o roteiro antes da gravação. Combinamos a data e

²¹ Rede social em que o usuário pode conversar com outras pessoas, ver vídeos, fotos e compartilhar conteúdos. www.facebook.com

²² Paulo Neres Carvalho leciona nesse curso.

²³ Aplicativo de celular com envio de mensagem instantânea.

local (local sugerido pelo professor), gravamos numa das salas de aula da Escola Evangélica em Cassilândia²⁴.

Antes de convidá-lo para ser um de nossos depoentes, enviei um *e-mail* para o professor, perguntando se tinha o projeto pedagógico do curso de Ciências. Respondeu que não tinha, mas que diante da nossa necessidade havia solicitado para Dourados uma cópia desse projeto. No dia seguinte recebi um *e-mail* do professor Marco, tendo em anexo o Projeto Pedagógico do curso de Ciências com Habilitação em Matemática.

No decorrer da entrevista, o professor Marco nos contou que a UEMS tinha um projeto de rotatividade de cursos, o que permitia os professores residirem em cidade diferente da que lecionava, pois o deslocamento era descontado na carga horária semanal do professor. Contou-nos, também, que quando chegou a Cassilândia, os professores que atuavam no curso de Ciências eram: Paulo Neres, Janete Bortolaia, Antônio Canuto Brandini, Edemir Feliciano, Jorge Viegas, João Toledo, Edilson e Eliane Greici. Dentre esses nomes, tínhamos contato de dois: Antônio Canuto Brandini (também citado pelo professor Paulo) e Edemir Feliciano.

Enquanto nos organizávamos para a próxima entrevista com um desses professores (Brandini ou Edemir), já estávamos em contato com a professora Janete para agendar uma data para a entrevista e, também, buscando por ex-alunos do curso de Ciências. Para a entrevista com ex-alunos do Curso, selecionamos alguns nomes da primeira turma do curso (por meio de placas na Universidade e notícias de jornais), dando preferência para os que atuam como professores da Educação Básica em Cassilândia, por lecionarem na cidade do curso investigado.

Escolhemos inicialmente uma ex-aluna, fiz contato via *whatsapp* e ela aceitou gravar a entrevista em sua casa. Porém, algumas horas antes da realização da entrevista, ela enviou uma mensagem dizendo que não seria possível gravarmos, pois estava com muito trabalho naquela semana (provas e aulas), combinamos então para a semana seguinte. Conforme combinado, fiz contato novamente por meio do aplicativo de mensagem instantânea, porém, a depoente visualizava as mensagens e não as respondia. Insisti mais uma vez, e ela respondeu que não

²⁴ O professor Marco não leciona nessa escola, a escolha do local ocorreu pela escola estar localizada na zona urbana e ceder, algumas vezes, espaço para a Universidade realizar algumas atividades.

poderia gravar. Entendemos que ela não estava disposta a gravar, agradeci-lhe a atenção e resolvemos tentar outro nome.

O outro depoente escolhido foi um ex-aluno da primeira turma, fiz contato por telefone, expliquei sobre a pesquisa e perguntei se gostaria de falar sobre o curso de Ciências. No decorrer de nossa conversa ele aceitou gravar e pediu que retornasse a ligação na próxima semana. Conforme combinado retornei a ligação e ele respondeu que ligaria marcando a data e não obtive mais resposta.

Sem êxito com os dois primeiros contatos, resolvemos tentar outro nome, a ex-aluna Renata Patrícia Paulino Brandão Machado, professora da Educação Básica em Cassilândia. O primeiro contato foi via *whatsapp*, a depoente disse que aceitaria gravar, porém, na semana combinada a depoente disse que não seria possível realizar a entrevista. Nesse instante comecei a pensar se aconteceria a mesma situação nas outras tentativas de entrevista, mas felizmente marcamos uma nova data e gravamos a terceira entrevista na Escola Hermelina Barbosa Leal (uma das escolas que a Renata leciona). Antes da gravação encaminhei o roteiro de entrevista, conforme solicitado por Renata e, no decorrer da gravação, não tivemos interrupções, a entrevista ocorreu num clima tranquilo na sala dos professores da escola. Renata mencionou alguns professores que lecionaram em sua turma: Paulo Neres Carvalho, Antônio Canuto Brandini, Roberto Venerando, Denise e Edilson (alguns já citados por Paulo e Marco).

Depois da entrevista com a Renata, tentei contato com uma outra ex-aluna da primeira turma, ela disse não se lembrar de muita coisa, mas pediu que enviasse o roteiro. Encaminhei e, novamente, como o ocorrido com as outras tentativas de entrevista com ex-alunos, não obtive resposta. Tentei contato mais umas duas vezes, porém, sem êxito.

As dificuldades em conseguir entrevistar ex-alunos nos fizeram refletir: por qual motivo tivemos tamanha dificuldade em conseguir um depoimento de um ex-aluno, já que o curso formou um número considerável de pessoas²⁵? Talvez seja por medo exporem suas ideias a respeito do curso em que se graduaram? Por medo de se comprometerem ao narrar sobre algum professor ou alguma situação que

²⁵ De acordo com a Diretoria de Registro Acadêmico da UEMS, o curso de Ciências com Habilitação em Matemática de Cassilândia diplomou 97 alunos.

ocorreu? Talvez por revelar ali, publicamente, aspectos de sua formação que não estavam de acordo? Ficam aqui nossas questões.

Optamos por entrevistar ex-alunos, pois achamos pertinente conhecer seus pontos de vista, isso nos ajudaria a compor a nossa narrativa levando em conta diversas perspectivas. Não tivemos a intenção de confrontar depoimentos ou representar um grupo, de serem depoentes genéricos, representantes de uma categoria.

[...]. Não se trata, portanto, de, ao entrevistarmos um indivíduo de cada 'categoria profissional' [...] pensarmos que, todos os demais indivíduos dessas categorias já estivessem nele representados (PINTO, 2013, p. 23).

Antes da gravação da entrevista com o professor Paulo Neres, conseguimos contato com a professora Janete Bortolaia de Freitas, trocamos mensagens (instantâneas) sobre a gravação da entrevista. A professora se mostrou disposta a gravar e, ainda, nos informou que a sua pesquisa de mestrado era sobre o curso de Ciências de Cassilândia, que esse trabalho poderia contribuir com a nossa pesquisa. Perguntei à professora Janete se poderia encaminhar uma cópia de sua dissertação²⁶ e, gentilmente, encaminhou-me a única cópia impressa, pois ela não tinha nenhum arquivo salvo do trabalho.

A dissertação intitulada de “Contribuições do Curso de Ciências – Habilitação Matemática da UEMS para a Formação de Professores: concepções e avaliações de seus alunos”²⁷ tem como objetivo analisar as contribuições do curso para a formação de professores de Matemática. Para realizar esse estudo, Janete aplicou um questionário aos alunos da segunda turma do curso de Ciências, coletando a opinião deles sobre o referido curso. A professora tabulou os dados (com frequência absoluta e relativa) e apresentou-os de forma analítica. Na dissertação da professora Janete, encontramos algumas informações sobre o curso, como alguns objetivos de sua criação e extinção, a opinião dos alunos sobre a profissão do professor, o motivo que os levaram a escolher cursar uma licenciatura e quais as intenções deles após o término do curso.

A quarta entrevista foi realizada com a professora Janete, gravamos em sua residência, na cidade de Andradina – SP. Após o primeiro contato até a gravação da

²⁶ Procuramos a dissertação na internet, porém, não obtivemos êxito nas buscas, então, optamos por pedir uma cópia para a professora.

²⁷ Dissertação elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFSCAR.

entrevista, passaram-se 10 meses, o motivo de tanta demora foi por não residirmos na mesma cidade e tentarmos acertar uma data para a entrevista, foi difícil.

Antes de gravarmos, a professora solicitou que enviássemos o roteiro da entrevista antecipadamente, para poder se inteirar do assunto. A professora respondeu o roteiro manualmente antes da entrevista e, no dia da gravação, recorreu às suas respostas escritas em alguns momentos. Quase no final da entrevista, apresentei algumas notícias de jornal à professora, que se recordou da tentativa de extinção da UEMS, no governo de Wilson Barbosa Martins, e de alguns alunos do curso de Ciências. A entrevista foi gravada num clima de reencontro, fui aluna dela e não a via há muitos anos. Janete recebeu-me muito feliz em sua residência, conversamos sobre algumas lembranças de Cassilândia, antes e após a gravação da entrevista.

Janete lembrou-se de alguns professores que lecionaram no curso de Ciências, no curso de Matemática ou nos dois cursos, como Paulo Neres, Antônio Canuto Brandini, Marco Aparecido, Edilson, Roberto Venerando e Edemir Feliciano (alguns nomes mencionados em entrevistas anteriores). Dentre esses nomes, já havíamos pensado em dois para as próximas entrevistas (Brandini e Edemir) e isso reforçou bastante nossa intenção.

Após a entrevista com a Janete e das tentativas frustradas (e frustrantes) das entrevistas com ex-alunos, começamos a pensar em outros possíveis nomes de ex-alunos. Surgiu-nos o nome da quinta entrevistada, Erika Pereira da Silva Souza, professora da Educação Básica em Chapadão do Sul, que fez parte da última turma do curso de Ciências. Por estarmos constituindo um cenário histórico da criação e extinção do curso, achamos que seria viável entrevistá-la.

Por eu lecionar na mesma escola da depoente, no município de Chapadão do Sul, o contato com a Erika foi imediato. Expliquei sobre a pesquisa e os procedimentos de gravação e, sem hesitação, ela aceitou gravar. Enviei o roteiro, a pedido da própria Erika e uma semana depois gravamos na Escola Municipal Cecília Meireles, em Chapadão do Sul. Tivemos três interrupções no decorrer da entrevista, porém, não nos pareceu que houve grandes perdas no relato das lembranças da depoente, Erika lembrou-se de alguns professores que lecionaram em sua turma, como Paulo Neres, Janete Bortolaia, Antônio Canuto Brandini, Marco Aparecido, Edemir Feliciano, Jorge Viegas, Wilson, Djalma, Marcelo Polezzi, Lourdes e

Gustavo. Novamente, os dois nomes (Brandini e Edemir) que havíamos selecionado para as próximas entrevistas apareceram.

A sexta entrevista foi realizada com o professor Antônio Canuto Brandini, conhecido como Brandini, (citado por todos os outros depoentes). Fiz contato por telefone com o professor e ele aceitou prontamente dar seu depoimento. Gravamos em sua residência, na cidade de Aparecida do Taboado – MS, o professor recebeu-me com muita ansiedade, muitas lembranças vieram à tona, como as ações que realizou na UEMS de Cassilândia no decorrer dos quase 20 anos que lecionou na unidade, além de questões políticas, como a escolha da cidade para implantar uma unidade da UEMS, a intenção de fechamento da Universidade na vigência do governo de Wilson Barbosa Martins²⁸, a troca de gerente²⁹ da unidade da UEMS de Cassilândia e a sua “nomeação” como professor de Física do curso de Ciências. Além desses acontecimentos, Brandini relatou que quando chegou a Cassilândia, em 1995, precisou intervir junto ao Prefeito da época para conseguir ônibus para levar os alunos a um protesto em Campo Grande – MS, pois o Prefeito, por questões políticas, não tinha um bom relacionamento com algumas pessoas da UEMS de Cassilândia.

Após a entrevista com o professor Brandini, fizemos contato com o professor Edemir Feliciano Garcia, também citado por alguns depoentes, e gravamos a entrevista em sua sala, na UEMS de Cassilândia. Edemir foi professor da Educação Básica em Cassilândia no início da década de 1990 e, no final dessa década, começou a lecionar na UEMS por cedência. Foi transferido para outra unidade, mas voltou para Cassilândia no início da década de 2000, para lecionar no curso de Agronomia e Matemática (nos quais leciona atualmente). O professor contou-nos que quando iniciou sua carreira, em Cassilândia, chegou a lecionar várias disciplinas em uma mesma turma de Ensino Médio, por carência de professores habilitados em algumas áreas.

Embora os nomes dos professores João Toledo, Nery e Edilson tenham sido citados por quase todos os depoentes, não os entrevistamos porque não conseguimos o contato deles e, após a gravação com o professor Edemir, julgamos

²⁸ Foi Senador da República, pelo Mato Grosso *Uno*, Deputado Federal, Prefeito de Campo Grande, Governador de MS por dois mandatos não consecutivos (1983 – 1986 e 1995 – 1998). Faleceu em 13 de fevereiro de 2018.

²⁹ Na UEMS o gerente de unidade é responsável pela administração da unidade universitária, proporcionando condições para o funcionamento das atividades nela desenvolvidas.

ter um material suficiente para discutirmos alguns temas, o que foi confirmado pelos professores que avaliaram o trabalho na banca de qualificação.

Seguimos os procedimentos padrão com as entrevistas, após a gravação, elas foram transcritas na íntegra, deixando registrados os vícios de linguagem e preservando, ao máximo, o modo de falar de cada depoente. Na textualização, embora o texto seja produzido em conjunto, depoente e pesquisador, a vontade do depoente precisa ser respeitada, mantendo cuidado ético com os relatos, porém, o pesquisador não pratica neutralidade, é um texto impregnado de suas interpretações e objetivos.

As textualizações não se restringem à apresentação de dados, para a análise do pesquisador, elas são apresentadas com a intenção de que outros leitores possam fazer suas compreensões sobre o tema ou utilizá-las como fontes para suas pesquisas. Textualizar não seria somente tirar os vícios de linguagem, reorganizar o texto e deixá-lo mais fluido, escrevemos um outro texto (baseado nas gravações). Se utilizarmos as mesmas palavras do depoente não escreveremos o mesmo texto, pois o que o depoente relatou não existe mais, existe apenas uma gravação da fala das pessoas envolvidas na entrevista (VIOLA DOS SANTOS; LINS, 2016).

Nas pesquisas em História Oral e Educação Matemática, como as do GHOEM, as narrativas de professores versam sobre as vivências e experiências desses professores, cada depoente conta o que marcou para ele, relata o passado com as experiências do presente, ressaltando desta forma algumas potencialidades de uma narrativa (SILVA; TIZZO, 2015).

Nas textualizações das entrevistas, optamos por manter as perguntas e respostas, acreditamos que elas permitem que o leitor compreenda como foram conduzidas as entrevistas, podendo também fazer interpretações e compreensões que não conseguimos abordar, pois é o leitor quem valida o texto escrito.

A interpretação de uma narrativa é singular, o leitor pode fazer diversas interpretações do texto, pois o autor “morre” a partir do momento que escreve e fica a cargo do leitor fazer uma interpretação do que ele acha que o autor queria dizer (SILVA; SOUZA, 2015).

Após iniciarmos as entrevistas, já começamos a pensar no nosso modo de análise. Alguns trabalhos como Cury (2007), Cury (2011), Fernandes (2011), Morais (2012), Martins-Salandim (2012), Pinto (2013), Faoro (2014), Reis (2014), Silva (2015), Silva (2016), Almeida (2017), Morais (2017) e Zandomenighi (2017) nos

ajudaram a pensar sobre o modo de produzir interpretações sobre o curso investigado, particularmente nestes casos, o narrativo.

De acordo com Bolívar, Domingo, Fernández (2001), as narrativas são experiências contadas em forma de histórias, que dão sentido à vida e são interpretadas de acordo com o momento vivido por cada pessoa. Essas interpretações são reconstruídas com o passar do tempo, pois a vida “muda” de acordo com o tempo.

Entendemos como narrativa uma experiência expressa como uma história; por exemplo (como foco de investigação) as questões/ formas de construir sentido, a partir de ações do tempo pessoal, passando pela descrição e análise dos dados biográficos. É uma reconstrução específica da experiência (do plano de ação para a sintagmática da linguagem), que por meio de um processo reflexivo do significado que é dado ao que aconteceu ou viveu. Cada história biográfica organiza uma sequência (cronológica e temática) dos eventos vividos. Uma ordem cronológica (curso de uma vida) é combinada, então, com um código configurativo (eventos), para combiná-los em um todo significativo. (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2011, p. 20, tradução nossa).

De acordo Cury (2011), quando nos apropriamos de narrativas, tecemos nossas interpretações sobre elas, produzimos a possibilidade de um processo analítico que será validado pelo leitor.

As narrativas, então, oferecem em si a possibilidade de uma análise, se concebermos análise como um processo de produção de significados a partir de uma retroalimentação que se iniciaria quando o ouvinte/leitor/apreciador de um texto se apropria deste texto, de algum modo, tecendo significados que são seus, mesmo que produzidos de forma compartilhada, e constrói uma trama narrativa própria que será ouvida/lida/vista por um terceiro, retornando ao início do processo. (CURY, 2011, P. 160).

Quanto às possibilidades de análises de uma narrativa, Bolívar, Domingo, Fernández (2001, pp. 107 e 109), destacam e diferenciam dois tipos: a análise de narrativas e a análise narrativa. A análise de narrativas consiste em elencar categorias (paradigmaticamente), temas comuns, com potencialidades significativas. O outro modo é a análise narrativa, a criação de uma narrativa, em que o pesquisador unifica os dados pela sua interpretação e explicita suas compreensões.

Uma análise narrativa não é um resumo e nem uma narrativa de maior relevância que as outras, é uma leitura interpretativa que o pesquisador faz, destacando elementos significativos para ele, com o objetivo de explicar o que

deseja, podendo outro leitor ter acesso às mesmas fontes e tecer outras compreensões da temática investigada.

O processo de uma análise narrativa é, então, sintetizar um conjunto de dados em um conjunto coerente, em vez de separá-los por categorias. O resultado dessa integração narrativa é uma compreensão retrospectiva de eventos passados, de acordo com uma sequência temporal contínua, para alcançar um determinado fim. Aqui o processo recursivo se move dos dados obtidos para o surgimento de uma determinada trama. Esta trama determina quais dados devem ser incluídos, com que ordem e com que finalidade. (BOLÍVAR, 2002, p.18, tradução nossa).

Para falarmos sobre a criação e extinção do curso de Ciências da UEMS de Cassilândia criamos a nossa história, que não buscou resgatar o “fato ocorrido”, mas sim produzir uma história baseada em nossas interpretações de depoimentos, documentos oficiais e recortes de jornais, que expressam o nosso entendimento sobre a formação de professores de Matemática em Cassilândia na década de 1990, tendo como foco o curso de Ciências da UEMS. Não tivemos a intenção de hierarquizar fontes, de dar maior relevância a um depoimento do que a outro ou, ainda, que a nossa narrativa se sobressaísse frente as outras, criamos uma história, dentre várias histórias possíveis, sobre um curso de formação de professores de Matemática e Ciências.

4. OS PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA

4.1 Paulo Neres Carvalho

Figura 10: Paulo Neres Carvalho



Fonte: arquivo nosso

Entrevista com o professor Paulo Neres Carvalho, realizada no dia 20 de outubro de 2016, às 13:30 horas, no Laboratório do Curso de Turismo na unidade da UEMS de Campo Grande – MS, com duração de 1 hora 15 minutos e 56 segundos.

Tatiana (T): Primeiramente, professor, muito obrigada por aceitar contribuir com nossa pesquisa. Gostaria que o senhor se apresentasse, por favor.

Paulo (P): Eu sou Paulo Neres Carvalho, nascido no dia 9 de dezembro de 1951, aqui em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, na época Mato Grosso. Sou formado em Ciências com Habilitação em Matemática pela PUC-CAMP – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e comecei na UEMS juntamente com a mesma. Ministrei a aula inaugural do curso de Ciências com Habilitação em Matemática na unidade de Cassilândia, no dia 08 de agosto de 1994.

T: O senhor sempre atuou como professor?

P: Não! Eu fui Sargento do Exército por quinze anos, em Campinas – SP, dei baixa para vim ser professor aqui em Mato Grosso do Sul.

T: Gostaria que o senhor falasse um pouco mais da sua formação profissional.

P: Eu sou graduado em Ciências com Habilitação em Matemática, como já disse, pela PUC de Campinas. Tenho especialização em Matemática Superior pelo Instituto Evangélico de Anápolis – GO. Infelizmente comecei a fazer dois mestrados, mas não consegui obter o título de mestre. Comecei um mestrado em Educação pela UFSCAR³⁰, mas reprovei na prova de inglês, fui jubilado pela prova de proficiência. Há pouco tempo iniciei o PROFMAT³¹, o Mestrado Profissionalizante em Matemática, mas não obtive êxito na prova de qualificação, as duas vezes em que a fiz não logrei êxito. Então, eu sou só especialista.

T: Professor, como e quando surgiu o município de Cassilândia na vida do senhor?

P: Bom, na década de 1980 eu morava em Campinas – SP, estava insatisfeito com a carreira militar, queria sair da vida militar e ir para algum lugar. Minha irmã trabalhava no Banco do Brasil em Cassilândia, e eu fui passear na casa dela, aí, ela fez uma proposta pra mim: “Por que você não vem morar em Cassilândia?” E eu falei: “Mas fazer o que aqui em Cassilândia?” Ela falou: “Ué! Vem lecionar! Você vai se formar no final do ano”. Aí, eu fui verificar e soube da carência de professores de Matemática que a cidade tinha, na época tinham poucos, mas bons professores, como o finado Gilberto³², finado Itamar³³, o Paulo... Esqueci o nome dele, ele lecionava na Escola Rui Barbosa³⁴, foi secretário municipal de educação.

Mudei para Cassilândia e comecei minha carreira de professor na Escola Antônio Paulino³⁵, no dia 2 de fevereiro de 1987. Eu era Segundo Sargento do Exército, nunca tinha lecionado, só na época da graduação quando fiz estágio, e fiz questão

³⁰ Universidade Federal de São Carlos.

³¹ O PROFMAT – Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional – é um programa de mestrado semipresencial, ofertado em rede nacional por Instituições de Ensino Superior. Surgiu por meio de uma ação da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – junto a SBM – Sociedade Brasileira de Matemática – com o objetivo de atender professores de Matemática em exercício na Educação Básica.

³² Gilberto Elias Ferreira lecionou Matemática em Cassilândia, faleceu em abril de 2008.

³³ Itamar Luiz Ferreira lecionou Matemática em Cassilândia, faleceu em outubro de 2015.

³⁴ Escola Estadual Rui Barbosa, localizada no município de Cassilândia – MS.

³⁵ Escola Municipal Antônio Paulino, localizada no município de Cassilândia – MS.

de fazer meus estágios. Na época a gente fazia dois, um no Ensino Fundamental e outro no Ensino Médio. Eu fiz dois estágios, um em Ciências e um em Matemática. Foi a primeira vez que eu tive contato com sala de aula.

T: O senhor lecionou somente Matemática?

P: Não! Eu já lecionei... [Risos]. Quando eu fui pra Cassilândia, consegui aula no CIEC³⁶, porque eu só tinha conseguido uma carga de aulas no Estado, então, peguei aulas no CIEC. Tinha pouca aula de Matemática no CIEC, então lecionei Educação Moral e Cívica e Educação Física.

T: Educação Física?

P: [Risos] Educação Física! Como eu fui militar eles achavam que tinha uma relação e também para aumentar a minha carga horária, isso foi em 1987. Ah! Lecionei na FIC³⁷ também, no curso de Administração ministrei a disciplina de Teoria Econômica e no curso de Pedagogia a disciplina de Medidas Educacionais.

T: Então o senhor lecionou na FIC, no Rui Barbosa e no CIEC?

P: No Rui Barbosa eu só substituí o saudoso professor Itamar e a professora Helena. Lecionei na Escola Antônio Paulino, na Escola São José³⁸, no antigo Ambrosina³⁹ que hoje é a Escola Hermelina Barbosa Leal⁴⁰. Lecionei também no Colégio Atenas, uma escola particular na cidade de Chapadão do Sul, e na escola conveniada com o Objetivo⁴¹ na cidade de Paranaíba. Então, na época, eu percorria essas três cidades.

T: O senhor era professor efetivo no Estado ou era convocado?

³⁶ Centro Integrado Educacional de Cassilândia, escola privada que atualmente recebe o nome de Intellectus Anglo.

³⁷ Faculdades Integradas de Cassilândia, fundada no final da década de 1980. Atualmente oferta cursos na área da saúde, negócios e educação (Pedagogia, História e Educação Física – Licenciatura).

³⁸ Escola Estadual São José, localizada no município de Cassilândia – MS.

³⁹ Escola Ambrosina Apolinária de Rezende, na década de 1990 fundiu-se com a Escola Estadual Wlákíria Romão Costa, passando a ser denominada de Centro Educacional de Cassilândia e atualmente Escola Hermelina Barbosa Leal.

⁴⁰ Escola Estadual Hermelina Barbosa Leal, localizada no município de Cassilândia – MS, antigo Centro Educacional de Cassilândia.

⁴¹ Sistema de Ensino Objetivo.

P: Eu fui aprovado no concurso do Estado no ano de 1989 e depois novamente em 1990. Eu lecionei no Estado até 1992, depois eu fui pro SIMTED⁴² de Cassilândia, para ser presidente, na época chamava Associação Cassilandense de Professores. No dia 1º de julho de 1994 eu passei à disposição da UEMS, nesse mesmo dia eu e mais alguns professores fomos cedidos do Estado para a UEMS. Comecei na UEMS juntamente com a mesma, ministrei a aula inaugural do curso de Ciências no dia 08 de agosto de 1994, e estou na UEMS até hoje.

T: Como foi o processo de escolha da cidade de Cassilândia para implantar uma unidade da UEMS?

P: Bom, a cidade de Cassilândia deve a unidade da UEMS ao finado, ao saudoso, Valdomiro Alves Gonçalves⁴³, que era deputado influente, um dos líderes políticos ligado ao nosso governador da época, o Pedro Pedrossian⁴⁴. Mesmo com a força política que Três Lagoas tinha e que sempre teve, a força política que Paranaíba tem, e sempre teve, por causa do Marcelo Miranda⁴⁵ que tinha sido governador, o Valdomiro conseguiu levar uma unidade da UEMS pra Cassilândia, apesar da proximidade dessas três cidades.

T: Teve uma influência política para implantar a UEMS em Cassilândia? Havia algum interesse político?

P: A UEMS foi implantada por meio de uma influência política [Risos]. A UEMS, toda ela... A história da UEMS se mistura com a política. Na constituição do Estado, quando houve a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, Dourados queria ser a capital, então foi decidido que Dourados seria a sede da Universidade Estadual.

⁴² Sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação.

⁴³ Valdomiro Alves Gonçalves, natural de Paranaíba – MS, tinha familiares residentes em Cassilândia. Foi Promotor de Justiça na Comarca de Cassilândia, Deputado Estadual por quatro mandatos, Deputado Federal por um mandato, Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso *Uno* e o primeiro Presidente da Assembleia Constituinte do Estado de Mato Grosso do Sul. Valdomiro faleceu em 05 de abril de 2016.

⁴⁴ Natural de Miranda – MS, formou-se em Engenharia no Mackenzie em 1952. Trabalhou como Engenheiro e diretor superintendente da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil no final da década de 1950 e início da década de 1960. Foi governador em Mato Grosso *Uno*, foi senador da república e governador, por duas vezes, em Mato Grosso do Sul. Foi considerado visionário pelas obras que aceleraram o desenvolvimento do Estado. No decorrer da sua carreira política criou três universidades, uma em Mato Grosso *Uno* e duas em Mato Grosso do Sul (UEMT – Universidade Estadual de Mato Grosso, UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul). Foi governador de MS por dois mandatos, o último foi de 1991 a 1994. Pedrossian faleceu 22 de agosto de 2017.

⁴⁵ Marcelo Miranda Soares em 1976 foi eleito prefeito de Campo Grande, em 1979 foi nomeado governador do Estado de Mato Grosso do Sul e em 1982 foi eleito Senador.

Você veja bem... Isso foi em 1979, e a implantação da UEMS ocorreu em 1994, ou seja, quinze anos se passaram nisso aí. Toda a UEMS sempre teve influência política.

T: Como era a estrutura organizacional no início da implantação da UEMS? Tinha um reitor, um gerente⁴⁶ para cada unidade?

P: A UEMS começa, se não me engano, com um reitor *pró-tempore*, o saudoso Jair Madureira⁴⁷, ele era professor da UFMS. Nas cidades onde haveria uma unidade da UEMS, foi discutido com a população qual curso queriam. Cassilândia queria basicamente dois cursos: Agronomia e Direito. Agronomia não seria possível, porque não tinha um espaço próprio para a área de agrárias e já tinham prometido o curso de Zootecnia para Aquidauana. Direito já tinham prometido para Três Lagoas e Paranaíba, então ficariam três cidades próximas com o mesmo curso.

Foi realizada uma reunião no auditório da Escola Hermelina Barbosa Leal, antigo CEC⁴⁸, era uma consulta pública, o auditório estava cheio, a população estava lá... Tinha estudante, o Jair Boni Cogo⁴⁹, que era prefeito na época e que agora assumirá como prefeito novamente, também estava presente. Na época eu era presidente do SIMTED. Então, foi-nos oferecido o curso de Letras, mas nós queríamos mais! Estava acontecendo toda uma discussão, aí, eu levantei e falei: “O que é que vocês têm para nos oferecer?” Aí eles falaram: “Nós temos o curso de Letras!” Eu falei novamente: “Não, nós queremos mais!” Então eles ofereceram o curso de Ciências com Habilitação em Matemática.

T: Então ofereceram o curso de Ciências ali... na hora da reunião?

P: É, na hora! Lógico que já era tudo...

T: Pensado?

P: É, pensado! Se nós aceitássemos só o curso de Letras ficaria por isso mesmo. Veja bem a influência política! Cassilândia foi a única cidade, dos 13 polos, fora

⁴⁶ Na UEMS o gerente de unidade é responsável pela administração da unidade universitária, proporcionando condições para o funcionamento das atividades nela desenvolvidas.

⁴⁷ Jair Soares Madureira faleceu em 30/08/2014, era graduado em Medicina Veterinária e mestre em produção animal. Foi professor da UFMS e reitor desta instituição de 1984 a 1988.

⁴⁸ Centro Educacional de Cassilândia.

⁴⁹ Jair Boni Cogo, foi Prefeito de Cassilândia por três mandatos e atualmente está em seu quarto mandato.

Dourados que era a sede, que começou com dois cursos, todas as outras cidades que foram escolhidas para implantar uma unidade da UEMS começaram com um curso.

T: Então, sobre a implantação do curso de Ciências, foi feita dessa forma?

P: É, não foi feita uma escolha, foi mais uma imposição. Uma imposição, porque o que a comunidade queria não podia mais, então nós aceitamos. Aí, houve seleção para professor do curso, quem era professor do Estado passou por uma seleção de títulos, não houve prova.

T: Nem prova didática?

P: Não, não houve prova didática. Houve uma prova de títulos e uma entrevista em Dourados, pelo pessoal que estava cuidando da implantação dos cursos, que era basicamente o pessoal da Federal [UFMS], como o professor Gustavo⁵⁰, a professora Shio⁵¹, que depois foi para a Pró-Reitoria, alguns já eram aposentados. Eu lembro bem que o primeiro lugar da Matemática, era uma professora mestre, era a única mestre que a gente tinha, era a professora Ana Maria⁵², que depois passou no concurso da UFGD e foi embora. Os outros professores eram, em sua maioria, cedidos pelo Estado.

T: O senhor lembra quem eram esses professores?

P: Ah, lembro! A gente não esquece, não é?! Era eu de Matemática, o professor contratado, Benedito Pio, um psicólogo que depois abandonou a gente, foi embora antes do término do semestre. O professor Henrique, que lecionava Física, contratado também, ele era mestre, mas também foi embora. A professora de Química, Ana Francisca⁵³, que hoje é doutora, está lá em Mundo Novo. O professor Edilson⁵⁴ era especialista, hoje está no IBILCE⁵⁵, era nosso professor de Biologia.

⁵⁰ Não conseguimos informações sobre o professor.

⁵¹ Não conseguimos informações sobre a professora.

⁵² Ana Maria Villela Grecco, licenciada em Matemática, professora Adjunta 3 da UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados.

⁵³ Ana Francisca Gomes da Silva, graduada em Química, professora efetiva da UEMS na Unidade Universitária de Mundo Novo – MS.

⁵⁴ Edilson Moreira de Oliveira, graduado em Ciências Biológicas, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Unesp de Araraquara e Professor Assistente Doutor II no IBILCE em São José do Rio Preto – SP.

⁵⁵ Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, localizado na cidade de São José do Rio Preto – SP.

No curso de Letras era a professora Estela Natalina⁵⁶, que está em Paranaíba. A professora Silvane⁵⁷ que foi nossa pró-reitora, está aqui em Campo Grande, eu acho que ela aposentou semana passada. A professora Maria Helena⁵⁸, que está em Dourados. Depois que o professor Benedito foi embora veio a professora Eliane Greice⁵⁹, que está aqui em Campo Grande, ela era psicóloga, professora da rede Estadual e pedagoga, hoje ela é efetiva da UEMS.

T: O senhor lembra quem eram os professores de Matemática?

P: Só eu!

T: Só o senhor?

P: Só eu! Depois que o professor Henrique foi embora veio o professor Brandini⁶⁰, para lecionar Física. A carga horária do primeiro e segundo ano era pequena para a Matemática, pois ela abrangia Física, Química, Biologia e Matemática. No terceiro e no quarto ano tinha só Matemática. Aí, vem a professora Janete⁶¹, em 1994, e assume como gerente em 1995 e em 1996 ou 1997 ela começa a lecionar.

T: A professora Janete veio de outra cidade ou era de Cassilândia?

P: A professora Janete foi agente educacional, naquela época houve mudanças na estrutura da Secretaria de Educação e tinha Agência de Ensino em Cassilândia, então ela foi agente de ensino.

T: Em Cassilândia?

P: É, em Cassilândia. Naquela época, o gerente era o representante do reitor. O nosso primeiro gerente foi o professor Celes de Castro Paulino⁶², hoje é aposentado

⁵⁶ Estela Natalina Montovani Bertoletti, graduada em Letras, professora efetiva da UEMS na Unidade Universitária de Paranaíba – MS.

⁵⁷ Silvane Aparecida de Freitas, graduada em Letras, Docente Sênior da UEMS.

⁵⁸ Maria Helena de Queiroz, graduada em Letras, docente efetiva da UEMS na Unidade Universitária de Campo Grande – MS.

⁵⁹ Eliane Greice Davanço Nogueira, psicóloga, pedagoga e doutora em Educação, professora aposentada da UEMS.

⁶⁰ Antônio Canuto Brandini, graduado em Matemática, foi professor da UEMS na Unidade Universitária de Cassilândia, atualmente está aposentado residindo na cidade de Aparecida do Taboado – MS.

⁶¹ Janete Bortolaia de Freitas, graduada em Matemática, foi professora da UEMS na Unidade Universitária de Cassilândia, atualmente está aposentada residindo na cidade de Andradina – SP.

⁶² Celes de Castro Paulino, foi professor da Educação Básica em Cassilândia – MS, atualmente é aposentado e residente nesta cidade.

e mora em Cassilândia, foi ele quem organizou a estrutura toda da UEMS lá em Cassilândia, procurou salas, essas coisas da parte administrativa. No ano de 1994, aconteceu eleição para governador, e aí ocorrem mudanças, porque a UEMS foi instalada no último semestre do governo de Pedro Pedrossian, no ano de 1994. Em 1995 assumi o novo governador. O prefeito na época, Jair Boni Cogo, consegue colocar a professora Janete como gerente da unidade de Cassilândia, porque até então, o gerente de unidade era um cargo basicamente dado para político satisfazer a ganância de cargos de outros políticos. Então, a professora Janete veio nessa... Depois ela faz concurso, é aprovada e começa toda uma vida profissional.

T: Ela fez concurso para ingressar na UEMS?

P: Sim, em 1998. Foi o primeiro concurso da UEMS para efetivação, eu e ela fizemos e fomos aprovados, outras pessoas também foram aprovadas.

T: Então, primeiro o senhor foi cedido do Estado para a UEMS e depois fez concurso para efetivar na UEMS?

P: Isso. Eu e a Janete. Ela foi cedida do Estado para a UEMS para ser gerente. Outros professores também foram aprovados nesse concurso, como a professora Silvane, que eu te falei, a professora Estela, a professora Eliane Greice; todas elas eram cedidas do Estado, e em 1998 fizemos o concurso e fomos aprovados. A maioria dos professores aprovados nesse concurso já estavam lecionando na UEMS.

T: Que tipo de qualificação era exigida nesse concurso?

P: Nenhuma, só especialização.

T: Somente especialização?

P: Só. Se não me engano nem especialização... Acho que era só a graduação, porque como era o primeiro concurso da UEMS, não tinha muita exigência. E a gente que tinha toda uma luta... Porque não podemos esquecer da luta que houve para implantação da UEMS e para segurar a UEMS, não é?!

Para implantar a universidade foi fácil, o governador queria. Agora, o outro governador, o Wilson Barbosa Martins⁶³, que sucede o Pedro Pedrossian, em 1995, que fez o famoso Ofício 001⁶⁴, lá do gabinete dele pedindo para que o Ministério da Educação devolvesse o processo de autorização da UEMS. Ele queria acabar com a UEMS! Então, houve toda uma luta, manifestações aqui, manifestação em Dourados para segurar a UEMS. O primeiro concurso foi em 1998 e a professora Leocádia⁶⁵, que era nossa reitora eleita, primeira reitora eleita, ela foi para a justiça e brigou, e aí o governador não conseguiu acabar com a UEMS.

T: E por que ele queria acabar com a UEMS, o que ele alegava?

P: Ele falava que o Estado não era responsável pelo Ensino Superior, era responsabilidade da Federação. Então essa era a grande briga.

T: Certo. Os professores de Matemática que vieram depois, Janete e Brandini, que o senhor comentou, eles vieram de outras cidades?

P: A Janete, apesar de ser do interior de São Paulo, ela já vivia bastante tempo em Cassilândia. Ela, assim como eu, foi para Cassilândia para trabalhar na Educação Básica, fez concurso também. O Brandini era de Aparecida do Taboado, houve uma oportunidade e ele veio para a UEMS, para lecionar Física, mas como ele era formado em Matemática foi aproveitado na área de Matemática e ficou lá até dois anos atrás, quando ele se aposentou.

T: O senhor lembra se havia outros professores de Matemática além da Janete e do Brandini?

P: Tinha. Me lembro do professor João Toledo⁶⁶, que foi efetivo também, era aposentado da UNESP – Universidade Estadual Paulista, do campus de Ilha Solteira.

T: Ele era aposentado da UNESP e se efetivou na UEMS?

⁶³ Foi Senador da República, pelo Mato Grosso *Uno*, Deputado Federal, Prefeito de Campo Grande, Governador de MS por dois mandatos não consecutivos.

⁶⁴ Foi o primeiro ofício do ano de 1995 do novo governador do Estado, enviado ao Ministro da Educação solicitando que não efetuassem a autorização da UEMS, até que pudesse rever o projeto pedagógico e a estrutura administrativa (REIS, 2016).

⁶⁵ Leocádia Aglaé Petry Leme, atualmente é reitora da Universidade Anhanguera – Uniderp – Campo Grande – MS.

⁶⁶ João Toledo da Silva, graduado em Matemática, professor aposentado da UNESP.

P: É, efetivou na UEMS. Ele nos ajudou e nos ensinou muito, eu acredito que seja o melhor professor de Matemática que eu já vi, não sei se você teve a oportunidade de ser aluna dele?

T: Não, eu não fui aluna dele.

P: [Risos] Tinha também, o nosso doutor lá em Cassilândia, o Marco⁶⁷. Na época ele tinha terminado o mestrado e veio como contratado.

T: O Marco participou do início do Curso?

P: Não, o Marco... Acho que veio em 1997 ou 1998. Ele veio primeiro como contratado e depois se efetivou, estava fazendo doutorado quando passou no concurso, acho que no concurso de 2000, nós fizemos em 1998... Acho que o Marco passou em 1999 ou 2000, não me lembro bem... É mais tarde! É mais tarde porque o curso de Agronomia começa em 2002, acho que o Marco se efetivou em 2003. As aulas de Matemática do curso de Agronomia eram minhas, aí cedi para ele essas aulas, para poder acertar o horário dele, e eu peguei outra disciplina na Matemática. Como ia aumentando a necessidade de professores houve concursos periodicamente, então o Marco entrou num desse aí.

T: O professor Marco era de Cassilândia ou ele vinha de outro lugar?

P: Não, o professor Marco é de Três Lagoas, não sei se ele é nascido em Três Lagoas. Quem conhece o Marco sabe a capacidade que ele tem e a gente não podia perder o Marco, né? Iniciando um curso daquele a gente não podia perder um cara que nem o Marco. Nós já tínhamos o professor João Toledo, então a gente queria melhorar. E melhoramos!

T: O senhor lembra de algum outro professor?

P: O professor Nery⁶⁸. O professor Nery era de Ilha Solteira, era aposentado também, veio lecionar Física com a gente e depois voltou para Ilha Solteira, ele não quis fazer concurso. O professor Wilson⁶⁹, que era de São Carlos, veio lecionar

⁶⁷ Marco Aparecido Queiroz Duarte, graduado em Matemática, professor titular da UEMS, Unidade Universitária de Cassilândia – MS.

⁶⁸ Nery Gejuiba Leite, graduado em Física, professor aposentado da UNESP.

⁶⁹ Wilson Barbosa da Costa, graduado em Física, professor efetivo da UEMS na Unidade Universitária de Nova Andradina – MS.

Física depois do Nery, ele [o Wilson] era efetivo e ficou com a gente lá muito tempo... Aí, foi embora para Nova Andradina, foi embora por outras coisas... Vamos ver quem mais de professores que eu me lembro... [Pequena pausa]. Me falta memória [Risos].

T: [Risos] Tudo bem! Como foi o início do curso, os desafios que vocês enfrentaram?

P: Bom, a primeira coisa era sala, né?! A gente não tinha prédio. Nos dois primeiros anos as aulas eram lá no laboratório da Escola Hermelina Barbosa Leal, na época CEC. É um prédio bem no fundo da escola, e lá tinha quatro laboratórios. No início nós ocupávamos dois laboratórios, um era para o curso de Letras e um para o curso de Ciências [Risos]. A gerência e a secretaria ficavam ali... Entrando na Escola Hermelina, do lado direito, as salas pequenas onde é odontologia. E a sala de professores era uma sala de reuniões, se eu não me engano é a sala que a Escola Hermelina usa hoje como sala de reuniões. À medida que os anos passaram nós fomos crescendo e necessitando de mais salas de aula, e aí, nós conseguimos todas as salas do último andar do prédio da Escola Hermelina.

Do lado esquerdo ficavam as quatro salas do setor administrativo, do lado direito ficavam as quatro salas do curso de Matemática, se não me engano. E, no penúltimo andar do prédio, um dos lados ali, não lembro qual lado, ficavam as quatro salas do curso de Letras. Então, a gente ficava no penúltimo e no último andar.

Nós tínhamos que subir todos os dias, né?! Subíamos aquelas rampas e descíamos. Então, nós ficávamos numa escola que não era nossa! No começo, a diretora do CEC era a professora Lígia de Castro, esposa do Celes de Castro, a convivência com a gerente era harmoniosa. Depois veio a professora Adélia como diretora, a convivência continuou harmoniosa também. Mas chegou uma época, não me lembro quem era a diretora ou o diretor, houve muito conflito, a Janete era a gerente da unidade. Nós estávamos desesperados, queríamos ter um prédio nosso, não é?!

A prefeitura prometia ajudar, o prefeito era o Jair Boni Cogo, era a volta dele como prefeito, e ele queria construir... O Jair saiu da prefeitura em 1996 e voltou em 2000 e nós ainda estávamos no CEC. A Leocádia era reitora da UEMS na época, no segundo mandato dela (ela começou em 1995 foi até 2002). Em 2001, ela vai à Cassilândia para conversar com o Jair, para ganhar um terreno para construir um prédio nosso.

Numa reunião, eu não estava presente, eu era só... Acho que coordenador do Curso de Matemática. Mas estava ela e a gerente da unidade, a Janete. Elas foram numa reunião na prefeitura e voltaram de lá com... [Risos] a criação do curso de Agronomia e a doação da antiga Escola Agrícola de Cassilândia⁷⁰ para a UEMS [Risos].

T: Elas saíram de lá, então, com a criação do curso de Agronomia?

P: É! A Leocádia era assim... Ela resolvia as coisas, né?! Ela falava: “Ah, eu vou fazer!” Daí tinha que aprovar tudo, mas ela sabia a força que tinha.

T: Então ela decidiu e levou para votação?

P: É, levou para o COUNI⁷¹, porque aí é o COUNI que autoriza. Mas ela tinha os argumentos, porque nós estávamos ganhando um sítio de 70 hectares, né?! Perto da cidade. Esse sítio é a sede da unidade hoje.

T: O senhor foi o primeiro coordenador de Matemática?

P: É, o que acontece é o seguinte... No início da UEMS, os cursos não tinham um coordenador nas unidades, eles tinham um coordenador lá em Dourados.

T: Era para todos os cursos?

P: É, era para todos. Nós tínhamos quatro cursos de Ciências com Habilitação em Matemática, hoje são três de Matemática. Um foi extinto, se não me engano, acho que é o de Amambai que nós perdemos. Hoje nós temos Matemática em Nova Andradina, Dourados e Cassilândia. O de Amambai nós perdemos. Então o coordenador era um só.

T: Um para cada curso?

P: É, um para cada curso. Eu lembro que o coordenador, eu não sei se era coordenador ou Diretor que a gente chamava, era o professor Valderes. Quando ele ligava na unidade o diálogo era comigo, eu era o interlocutor dele. Ele ligava lá na unidade quando precisava de alguma coisa, e naquela época não tínhamos essa

⁷⁰ EMAC – Escola Municipal Agrícola de Cassilândia, extinta na década de 1990, funcionou nas instalações da atual UEMS de Cassilândia – MS. Esta escola oferecia o Ensino Fundamental II e Curso Técnico em Agropecuária.

⁷¹ Conselho Universitário.

facilidade que hoje nós temos de *e-mail*, de *whatsapp*, na época era muito difícil. Então, ele ligava e falava: “Paulo, preciso disso!”, aí, eu mandava uma via do que ele pedia. O gerente é quem distribuía mesmo as coisas. Eu lembro que era o Valderes na Matemática e a Vilma Leda no curso de Letras, ela se aposentou. O Valderes não foi aprovado no concurso e saiu da UEMS.

T: Em que ano o senhor foi coordenador? O senhor foi gerente também?

P: É.... Eu fui gerente acho que em 2000 ou 2001. Mas antes da gerência eu fui coordenador. Em 1998 houve mudanças, passou a ter Coordenação de Cursos nas unidades. Eu fui o primeiro coordenador do Curso de Ciências com Habilitação em Matemática, eu não lembro quando houve a transformação do Curso, a extinção do curso de Ciências e a implantação do curso de Licenciatura em Matemática. Mas eu fui coordenador dos dois Cursos. Em 2002 eu fui ser gerente e fiquei até 2004, aí, eu saí de Cassilândia.

T: Além das dificuldades de estrutura que o senhor falou, dos desafios no início do curso, havia outras dificuldades?

P: A primeira dificuldade era salário. Nós ganhávamos muito pouco, nós não tínhamos plano de carreira, viemos ter um plano de carreira e um salário melhor com o governo do Zeca do PT⁷². Em 2002, quando o Zeca assumiu o governo, ele deu toda a força que a Universidade precisava, organizou um Plano de Cargo e Carreira para nós e um salário mais digno, porque a gente tinha um salário que não compensava. Nós não tínhamos nem sala de professores. Os professores, a maioria eram de fora, como eu te falei, não tinham nem lugar para ficar, a professora Ana Francisca, por exemplo, ela morava aqui em Campo Grande e lecionava em Cassilândia.

T: Ela era professora de Matemática?

P: Era professora de Química no curso de Ciências. O professor Henrique, que era professor de Física, morava aqui em Campo Grande e lecionava em Cassilândia. As professoras Silvane, Maria Helena e Estela, moravam em Três Lagoas e lecionavam em Cassilândia. Eu, que era presidente do Sindicato, juntamente com o Jair Boni

⁷² José Orcírio Miranda dos Santos, foi Governador de Mato Grosso do Sul por dois mandatos. Atualmente é Deputado Federal.

Cogo (prefeito que agora está retornando, que foi eleito agora no dia 2 de outubro), conseguimos um lugar para esses professores se alojarem, a prefeitura pagava a metade do aluguel e o SIMTED pagava a outra metade. Os professores ficavam alojados no SIMTED, que fica ali, no centro de Cassilândia, tinha duas salas que nós deixávamos para dormitórios. Um dormitório masculino e o outro feminino [Risos]. Então, tinha essa dificuldade.

Porque, veja bem, Cassilândia é ruim de horário de ônibus (agora até está melhor) mas você imagina aquilo há 22 anos! Para ir à Três Lagoas era muito difícil! A Silvane, a Maria Helena e a Estela sofriam muito. Depois veio o Brandini, que morava em Aparecida do Taboado, viaja sempre, né?! Aí, começou a vim o professor João Toledo, professor Nery, professor Marco, nenhum deles morava em Cassilândia, os poucos que moravam em Cassilândia era eu, a Janete e a Eliane Greice. Os professores convocados que moravam lá... Mas hoje a maioria dos professores convocados também viaja. Então, a dificuldade era essa, muita dificuldade... Biblioteca a gente também não tinha. Nós não tínhamos livros para o nível superior! A biblioteca da cidade e as bibliotecas das escolas tinham livros de 2º grau e os livros que nós tínhamos, para o ensino superior, eram pouquíssimos.

T: E como senhor fazia para lecionar?

P: Os alunos tiravam cópia dos livros. Eu, por exemplo, tinha o Leithold⁷³, tinha Piskunov⁷⁴, tenho até hoje o Piskunov, está até lá em Cassilândia... numa caixa, na casa onde eu morava, eu tinha um quarto lá e deixei uma caixa. Preciso até ir lá buscar. Esse Piskunov pra mim é uma relíquia, porque ele é impresso na Rússia e escrito em espanhol. O João Toledo e o Marco ajudaram muito, eles tinham um material novo, da UNESP, eles traziam pra gente poder ir melhorando o nosso nível, senão ficava só naquele que tínhamos, não é?!

T: E laboratório, tinha?

P: Laboratório, então, nem pensar! Nós não tínhamos computadores nem na sala dos professores. Hoje nós temos a facilidade de ter um *notebook*, mas na época era muito difícil.

⁷³ O professor se refere ao livro de cálculo do autor Louis Leithold.

⁷⁴ O professor se refere ao livro de cálculo do autor Nikolai Piskunov.

T: O Senhor lembra como era a grade curricular, como era o PPC⁷⁵?

P: É, eu lembro! Mas o que acontece é o seguinte, essa mudança do curso de Ciências para o curso de Matemática, ela vem por causa da carga horária do curso de Ciências. O número de horas era brutal! O primeiro e o segundo ano do curso de Ciências tinham disciplinas de Física, Química, Matemática e Biologia. Depois, o terceiro e o quarto ano é que vem a habilitação em Matemática. Inclusive, nós tivemos um aluno que começou o curso em Cassilândia e terminou em Mundo Novo, porque ele queria fazer Biologia e, infelizmente, esse aluno que eu estou me referindo, faleceu uns três ou quatro anos atrás. Mas tinha essa particularidade, a pessoa podia fazer o primeiro e segundo ano numa cidade e ir para outra depois. Então, a carga horária era brutal, era brutal, aí, “Ah, vamos diminuir a carga horária!”. Chegava a ser algo em torno de 1200 horas, e hoje são 800, 800 e poucas horas, então houve uma diminuição drástica.

T: Essa grade curricular, ela era comum para todos os cursos de Ciências da UEMS ou era só para o curso de Cassilândia?

P: Era comum para todos os cursos.

T: No decorrer do curso de Ciências houve mudanças nessa grade ou continuou a mesma?

P: Não, não houve mudanças. Que eu lembre, não! Ele era ofertado em quatro lugares, mas era o mesmo Curso, por isso que só tinha um coordenador, né?! O PPC também era um só, dos quatro Cursos (Cassilândia, Amambai, Nova Andradina e Dourados), e quando houve mudanças, já mudou para o curso de Licenciatura em Matemática. Aí, pode ser que tenham ocorrido alterações em algumas disciplinas, mas eu acredito que sejam mais ou menos quase todas elas parecidas.

T: Como era a procura pelo curso de Ciências? Os primeiros anos tinha bastante aluno procurando ou não?

P: Nós podemos dizer que os primeiros anos, não só Cassilândia, mas nas outras unidades também, nós tínhamos bastante procura, porque era uma ânsia. Todo mundo queria fazer um curso superior e também era um curso noturno, né?!

⁷⁵ Projeto Pedagógico do Curso.

Paranaíba não tinha curso de Matemática, então, quem queria fazer Matemática e Letras ia para Cassilândia, (ia de ônibus, viajava 200 km, ida e volta) à noite. As cidades ali da vizinhança, como Chapadão do Sul – MS, Itajá – GO, Aporé – GO, Caçú – GO e Lagoa Santa – GO, também tinha gente que ia para Cassilândia estudar. Essas cidades não tinham curso superior por perto, o mais perto era Cassilândia, então era um chamariz! Até hoje eu acredito que tenha algum ônibus que ainda vá pra UEMS em Cassilândia, como de Aporé – GO e Itajá – GO, que estão mais perto, não sei se de Chapadão do Sul – MS ainda vai. A procura era boa até começar o curso de Matemática na UFMS em Paranaíba – MS, e também na UEG - Universidade Estadual de Goiás (se não me engano implantou um curso de Matemática em Caçú – GO).

Então, aquele pessoal de Caçú – GO, Itajá – GO e Lagoa Santa – GO, ao invés de ir para Cassilândia vai para Caçu na UEG, que está mais perto. Aí, nós perdemos! Hoje eu acredito que esteja muito difícil a procura, e essa pouca procura é comum nos cursos de licenciatura, né?! Hoje com essa tendência de EAD⁷⁶ e outras habilitações, a procura diminui.

T: Como era o perfil dos alunos que frequentavam o curso de Ciências?

P: A maioria era de escola pública (e é assim até hoje). A maioria era de escola pública e trabalhador. Poucos eram aqueles que só estudavam, não lembro de nenhum assim para falar... [Risos] “só estudava”. Nós tivemos gente de Coxim – MS, do interior de São Paulo, esqueci o nome da menina... Ela é do lado de lá do rio... De Santa Fé – SP! Tivemos gente de Jales – SP também, nós tivemos muita gente que vinha de lá... Mas sempre eram trabalhadores, eram a classe, vamos dizer, C pra baixo [Risos].

T: E como era a permanência desses alunos no curso? Eles iam até o final ou desistiam no decorrer do curso?

P: Vamos dizer que era uma boa turma! Só que tinha muita desistência também, principalmente no curso de Ciências. Vamos nos focar no curso de Ciências! Esse curso tinha uma carga horária grande! Em torno de quatro mil e poucas horas, distribuídas durante os quatro anos do curso, era um conjunto de disciplinas muito

⁷⁶ Educação a Distância.

grande, tinha que ter cinco aulas por dia, e essas aulas cansavam. Então, aquele trabalhador, e a maioria dos nossos alunos eram trabalhadores, trabalhadores não especializados, acabava desistindo, ficando pelo meio do caminho.

T: Mas era grande essa evasão?

P: Ah... eu posso tirar pela primeira turma, que foi uma turma que rendeu mais, uma turma que tivemos bastante contato, eu acredito que teve uma evasão de 50%. Hoje a desistência deve estar muito maior! Porque aqui no curso de Turismo, que é um curso diurno, eu sou professor do terceiro ano, tem 40 alunos e desses 40, uns 21 são da mesma turma, pouco menos de 50% são de outras turmas. Então, você pode ver que é uma evasão grande. Em Cassilândia tinha essa evasão de 50%, mas era mais pelo cansaço e pela carga horária, que era muito grande.

T: Como e por que ocorreu a extinção do curso de Ciências?

P: Olha... Eu não participei dessas discussões, porque ficaram mais no âmbito de Dourados, mas eu acredito que tenha sido pela carga horária! Porque para poder ter os 200 dias letivos... 200 dias vezes 4 vão ser 800 horas no ano, para poder ter essas 800 horas, você tem que cortar...

Eu fico pensando e me perguntando: “Quem é que vai lecionar a disciplina de Ciências na 8ª série hoje?”. Houve uma mudança sem pensar na educação, pensaram só em cortar carga horária, “Vamos diminuir a carga horária”, “Então vamos fazer um curso de Matemática Licenciatura Plena”. E Ciências na 8ª série? Porque se pegarmos o 6º ano, 7º ano e 8º ano é Biologia, Ciências, quem vai dar aula disso aí? Porque o matemático é que não pode ser!

O professor de Ciências hoje está sendo extinto [Risos]... Como eu, por exemplo, né?! Eu não lembro quando foi a transformação do curso de Ciências para o curso de Licenciatura em Matemática. Não lembro mesmo! Foi uma coisa que eu nunca guardei. Mas eu acredito que aqui no Estado ainda tenha outros cursos de Ciências. Por que quem vai dar aula daqui a pouco, né?!

T: Então foi assim... foi decidido em Dourados e veio a decisão de lá?

P: É, em Dourados! Veio a decisão de lá.

T: Mas alguém da unidade foi a Dourados participar de alguma discussão sobre essa transformação?

P: Não me lembro, não me lembro! Porque quem ia mais a Dourados era eu. Mas acho que foi uma decisão de gabinete, foi decidido em Pró-Reitoria, aí, a discussão foi para o CEPE⁷⁷. Eu não lembro de ter participado dessas discussões, eu sempre fui nas reuniões do CEPE ou do COUNI. Atualmente eu sou membro do COUNI, já faz muito tempo que participo do COUNI. Eu não lembro de ter participado, não sei se por ventura o Brandini ou Marco participaram, porque eles também sempre foram atuantes, mas eu não lembro dessa discussão.

T: Depois que ocorreu a transformação do curso, o senhor atuou no curso de Licenciatura em Matemática?

P: Sim, o que eu posso dizer é que foi basicamente uma... Formou um primeiro ano para nós darmos uma levantada no conhecimento. Você é atuante, então, você sabe que nós estamos recebendo no Ensino Superior os alunos que os pobres dos professores da Educação Básica não têm tempo para formar. Com a diminuição do número de horas aulas da Educação Básica e com um monte de coisas que inventam (aula mesmo tem muito pouco), eles não conseguem formar esses alunos. Com isso, nós temos alunos no Ensino Superior que não tem o conhecimento necessário para cursar Matemática. Aí, o que acontece é que o primeiro ano do curso fica basicamente dando “suportes”, as disciplinas são mais um resgate, uma revisão, para melhorar o nível dos alunos.

T: Quem era o coordenador na época da transformação?

P: Eu não lembro! É quando que... Você lembra quando ocorreu a mudança do curso?

T: Eu não sei afirmar com certeza, mas acho que foi no ano de 2000 mais ou menos.

[Professor Paulo procura algo em seu computador... Pequena pausa].

P: No ano de 2000! Acredito que era eu o coordenador do Curso. Mas eu não lembro, sinceramente, como foi essa discussão. Foi em Dourados e não houve tanta

⁷⁷ Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

discussão desse assunto com a gente. Foi a partir de 2000! Aqui na página do curso não fala o objetivo. Então, a partir de 2000. Eu não lembro quem era o coordenador, mas era eu ou o Brandini. Ah, não! Não era eu o coordenador! Agora eu posso ter certeza, posso te dizer com certeza. Em 1999 eu entrei no mestrado, e eu fiquei preocupado só com o mestrado. Eu trabalhava até quinta-feira (lá em Cassilândia) e depois eu vinha para Campo Grande.

T: O senhor fazia mestrado aqui em Campo Grande?

P: Fazia mestrado em Dourados. Era um mestrado que a UEMS, em parceria com a Universidade Federal de São Carlos⁷⁸, trouxe para os professores. Os professores da Federal de São Carlos vinham até Dourados ministrar as disciplinas para nós.

T: É o mesmo que a professora Janete fez?

P: Sim, a professora Janete fez um ano antes, ela fez numa área da Educação (Fundamentos da Educação) e eu fiz um outro, noutra área. Mas com certeza, o coordenador do Curso, na época, deveria ser o professor Brandini.

T: Na sua visão, qual foi a importância do curso de Ciências para a cidade de Cassilândia?

P: Bom, o curso de Ciências tinha uma grande vantagem, nós formávamos dois professores: um de Ciências para atuar no Ensino Fundamental e um de Matemática para atuar no Ensino Médio. Os professores de Matemática de Cassilândia eram todos vindos de outras cidades. O Vantuir⁷⁹ (que era formado em Ciências), o finado Itamar e o finado Gilberto (eu não lembro se eles eram formados em Ciências, mas vieram de outra cidade, eram de fora). Esses professores eram atuantes, mas Cassilândia tinha muita carência de professor de Matemática, tinha até professor de

⁷⁸ Esta parceria que o professor se refere é denominada de projeto MINTER – Mestrado Interinstitucional. São turmas de mestrado conduzidas por uma instituição promotora (nacional) nas dependências de uma instituição de ensino e pesquisa receptora, localizada em regiões, no território brasileiro ou no exterior, afastadas de centros consolidados em ensino e pesquisa. As turmas estão vinculadas a programas de pós-graduação nacionais recomendados e reconhecidos com nota igual ou superior a cinco. A instituição promotora é responsável por garantir o nível de qualidade das atividades de ensino e pesquisa desenvolvidas por seu programa de pós-graduação na instituição receptora. Disponível em: <<http://capes.gov.br/avaliacao/projeto-minter-e-ou-dinter>> Acesso em 20.10.17. A UEMS tinha convênio com a Universidade Federal de São Carlos, com a Universidade de Brasília e com a Universidade Federal de Santa Catarina. (MANUAL ACADÊMICO, 2001/2002, p.12).

⁷⁹ Vantuir Adriano de Oliveira, professor de Matemática da Educação Básica no município de Cassilândia – MS.

Letras lecionando Matemática. Então, você veja bem, eram poucos professores de Matemática, e não vinha mais gente para lecionar Matemática em Cassilândia. Eu acho que o último professor que veio de fora fui eu e uma professora que veio para lecionar na FIC. Acho que ela é diretora lá.

T: Professora Nilza?

P: Nilza!⁸⁰ Acho que foi a última professora que veio de fora, mas ela não veio para atuar na Educação Básica. Com a chegada da UEMS, nós começamos a formar gente da cidade para lecionar na Educação Básica. Me lembro de um concurso do Estado, todos que foram aprovados em Matemática para Cassilândia eram egressos da UEMS. Hoje, a maioria dos professores de Matemática, Ciências e Letras atuantes em Cassilândia, são egressos nossos.

A importância do curso de Ciências para a educação em Cassilândia é imensa! Eu digo sempre, Ciências, pra mim, era um curso que não poderia ter acabado! Não sei como trazer um curso de Ciências hoje, que tenha uma habilitação, não sei como fazer essa discussão! Acho que o curso de Ciências deveria ser ofertado, porque tem disciplinas na Educação Básica que precisa desse profissional. Quem vai lecionar algumas disciplinas no futuro?

T: Embora o senhor não esteja em Cassilândia, como o senhor vê, hoje, o curso de Licenciatura em Matemática para Cassilândia?

P: A UEMS tinha um projeto de rotatividade de cursos que foi abandonado. Todo curso cansa, todo curso esgota, o curso precisa ir se renovando. Talvez, com a chegada de novas pessoas como a Regina⁸¹, o Adilson⁸² e outros professores, isso pode ajudar a melhorar o nível. Com o esgotamento, o curso vai perdendo forças e com a chegada de gente nova ele pode melhorar, pode continuar a sobreviver. Curso de licenciatura sempre vai ter, e nós não podemos pensar que numa universidade pública vai entrar 50 e formar 50. Nós temos que pensar em formar bons professores.

⁸⁰ Nilza Alves Canguçu, diretora da Escola privada *Intellectus* Anglo.

⁸¹ Regina Litz Lamblém, graduada em Matemática, professora efetiva da UEMS na Unidade Universitária de Cassilândia.

⁸² Adilson Lelis Nunes Júnior, graduado em Matemática, professor efetivo da UEMS na Unidade Universitária de Cassilândia.

Eu era contra a rotatividade de cursos, porque a rotatividade não levava você a permanecer num lugar. O curso de Letras da Federal [UFMS] em Três Lagoas, eu acho que tem mais de 35 anos, e continua lá, formando gente. Eu volto a perguntar: “Pra que ficar essa briga entre Universidades Federais, Estaduais e Institutos por uma mesma população?” Aí, você vai me perguntar: “Como assim?” Veja bem! Por que a Federal criou um curso de Matemática em Paranaíba? Por que não criou outro curso? Ela implantou o curso de Psicologia lá em Paranaíba e por que não ofereceu outro curso que não fosse Matemática? A 100 km de distância já tinha um curso de Matemática, agora ficam dois cursos com problemas.

T: O senhor falou da rotatividade de cursos, a UEMS foi criada com essa intenção de rotatividade de cursos?

P: Foi, mas não aconteceu. Em poucos lugares aconteceu isso.

T: O senhor sabe dizer por que não aconteceu a rotatividade de cursos na UEMS?

P: Montamos laboratórios para um curso e depois de ter essa estrutura não tem como levar embora, né?! Não tem como! Então, isso foi um dos fatores que contribuiu para não dar certo a rotatividade. Poucos cursos da UEMS fizeram a rotatividade, isso aconteceu com o curso de Biologia da unidade de Naviraí que foi para Dourados. Ainda teve a extinção do curso de Matemática da unidade de Amambai (o pessoal da Matemática aceitou isso), porque houve uma política que iam ofertar só três cursos de Matemática dentro da Universidade, e era ofertado em quatro unidades. Poucos cursos mudaram, essa não rotatividade é mais do interesse da administração. A rotatividade nunca funcionou, a UEMS foi criada pensando em rotatividade, mas não funcionou, por causa disso... É feita uma estrutura para os cursos, e o Estado não tem como transferir essa estrutura. Ah! O curso de Turismo que era em Jardim veio para Campo Grande, mas ainda tem alunos lá em Jardim se formando, terminando a turma. A rotatividade é utópica pra mim, é linda, mas não funciona na prática.

T: Por que o senhor saiu de Cassilândia?

P: Eu saí por causa da distância, minha família veio para Campo Grande em 1996, e eu fiquei lá até 2013. Eu tinha que viajar toda semana e são 420 km, é cansativo. Eu

lecionava em Aquidauana, comecei lá em 2002, com a implantação do curso de Agronomia e Zootecnia. Como eu era gerente da unidade em Cassilândia, eu fiquei só em Cassilândia até 2004. Aí, em 2004, eu saí da gerência e comecei a viajar. Eu fazia o trajeto Aquidauana até Cassilândia, passando por Campo Grande. Em 2013 eu comecei a fazer o PROFMAT em Dourados, então, saía de Aquidauana, passava em Campo Grande, depois ia para Cassilândia e depois para Dourados. Aí, eu não aguentei! Tive que optar, infelizmente!

Cassilândia é uma cidade que eu gosto demais, sou vidrado em Cassilândia! Tenho uma filha nascida lá, mas infelizmente pela distância eu tive que optar por ficar em Campo Grande. Por que Campo Grande? Por ser uma cidade grande ela oferece mais... Eu consegui comprar um apartamento aqui em Campo Grande, e em Cassilândia não consegui. Para você poder comprar alguma coisa em Cassilândia, você precisa juntar dinheiro, juntar, juntar... Precisa ser um cara muito econômico, eu não sou disso [Risos].

T: Professor, estive visitando o *Cassilândia Jornal* e encontrei algumas notícias, eu trouxe alguns recortes. Aqui nesse recorte fala do Valdomiro pedindo a Universidade para Cassilândia. E esse aqui fala do dia da reunião que o senhor comentou que aconteceu no auditório do antigo CEC. Eu recortei a notícia aqui em outra folha.

P: Ah! 5 de fevereiro...

T: Nessa notícia fala que estava presente a Leocádia, o senhor, o Jair Boni Cogo e outras pessoas.

P: É... [Nesse momento o professor Paulo lê atentamente a notícia de jornal].

P: É... O Valdomiro Alves Gonçalves. [Pequena pausa].

P: A Leocádia nessa época era Secretária de Educação. Ela participou da reunião.

T: Ela tinha muito poder de decisão na Universidade?

P: É! Toda a UEMS é pensamento da Leocádia, ela que pensou toda a UEMS. Ela juntou uma turma que nós apelidamos "A Turma da Leocádia", que era a Leocádia, a

Elisa Cêsko⁸³, tinha um grupo dentro da Secretaria de Educação que pensou na Universidade. Chamaram também o Jair Madureira para ajudar, ele foi o primeiro reitor da UEMS, reitor *pró-tempore*, um reitor provisório, ele era da Universidade Federal. Ele respondeu como reitor até a primeira eleição, acho que a primeira eleição foi no final de 1994. A Leocádia ganha a eleição e assume no dia 1 de janeiro de 1995.

T: Nessa outra notícia, fala da preferência de cursos dos cassilandenses, e o senhor tinha votado por Computação e Análise de Sistemas. [Entrego outra notícia para o professor Paulo].

P: [Risos]. Nessa época só se falava em Computação, era o *buuumm* da Computação e Análise de Sistema, né?! E nós, da área de Matemática, puxávamos a sardinha pro nosso lado, porque ia ter aulas de Matemática... [Risos]. Engraçado que hoje nós temos Computação só em Dourados.

T: Aqui é uma notícia de 22 de janeiro de 1994. E, uma outra notícia, do Cassilândia Jornal, de 1993.

P: Olha aqui o Édio Amim!⁸⁴ [Mostrando o jornal]. É... Davi⁸⁵, Adenilson⁸⁶, Elizabete⁸⁷, Ilma Costa⁸⁸, que foi vereadora também, Deurivan⁸⁹ professor que está lá até hoje. Esse aqui é o Donizete⁹⁰... [Pequena pausa]. Inclusive eu te prometi, e vou procurar agora, a notícia, a aula inaugural. O Cassilândia Jornal tem lá, se você voltar lá, acho que é o segundo número de agosto de 1994, o segundo ou o terceiro, porque a aula inaugural foi no dia 08 de agosto 1994, se você quiser anotar...

T: A aula inaugural foi em 1994?

P: Foi, a aula inaugural.

⁸³ Na época da implantação da UEMS foi Presidente da comissão executiva de implantação da Universidade. Atualmente é chefe do escritório de representação da UEMS em Campo Grande – MS.

⁸⁴ Proprietário do 1º Cartório de Notas e Registros de Imóveis de Cassilândia – MS e ex-prefeito de Cassilândia – MS.

⁸⁵ David Ferreira de Freitas, foi vereador em Cassilândia – MS.

⁸⁶ Adenilson Pereira Camargo, foi vereador em Cassilândia – MS.

⁸⁷ Elisabete S. Queiroz, na época funcionária do Banco do Brasil, agência de Cassilândia – MS.

⁸⁸ Ilma Alves da Costa, foi vereadora em Cassilândia – MS, falecendo em novembro de 1999.

⁸⁹ Deurivan Nunes de Assis, professor de Educação Física da Educação Básica em Cassilândia – MS.

⁹⁰ José Donizete Ferreira de Freitas, foi prefeito de Cassilândia – MS.

T: Foi o senhor que ministrou a aula inaugural?

P: Sim, eu ministrei no curso de Ciências com Habilitação em Matemática e o professor Benedito, aquele psicólogo que te falei, ministrou no curso de Letras.

T: Quem assistiu foram os alunos?

P: Foram os alunos que estavam entrando na primeira turma e mais alguns convidados.

T: E essa aula era sobre Matemática? Falava sobre qual assunto essa aula?

P: Eu falei sobre Matemática. Como que era? Matemática não é... É... Matemática? Não! Como que eu falei o nome? Não é uma... Não é uma ciência, não é uma ciência de uma cabeça só! [Pequena pausa]. Não! Como é que é? Esqueci o nome [Risos]. Ah! Matemática não é um bicho de sete cabeças e sim de uma cabeça só! [Risos]. Porque somente nós, humanos, pensamos matematicamente. Erroneamente se fala que animal sabe contar, mas animal não conta quantas bordoadas ele apanha para saber quantas batidazinhas tem.

T: Professor, tem alguma coisa que nós não perguntamos que o senhor gostaria de falar?

P: Eu sempre dou ênfase ao Valdomiro, porque eu acho que ele foi um cara marcante. Apesar da atuação política dele, tive até entrevistos políticos com ele, porque eu tinha uma posição política diferente da dele, mas a UEMS está em Cassilândia por ele. Pra mim, se algum dia Cassilândia o homenagear, é pelo seu grande marco, a UEMS.

E voltando a falar do futuro... Quando você me perguntou do futuro do curso de Licenciatura em Matemática, eu vejo com bons olhos, porque o Jair Boni Cogo, que vai assumir a prefeitura novamente, ele é muito Educação! E ele é muito UEMS! Então, a UEMS pode ter certeza que vai ter sempre o Jair como aliado. Tenho certeza que o Jair Boni vai fazer o que pode e o que não pode pela UEMS, ele sempre fez isso, sempre foi um grande cara para ajudar.

A UEMS é marcada por lutas, só lutas! Em 1995, nós saímos de Cassilândia numa F-1000, de um aluno que era da primeira turma e que eu nem sei se ele se formou, ele foi embora lá para o Norte (o Brandini sabe o nome dele), fomos a Dourados

numa manifestação. A Alessandra⁹¹, que hoje é funcionária da UEMS, ela estava junto e nós fomos a Dourados para fazer um protesto contra o governador, pela manutenção da UEMS. Nós fomos e voltamos no mesmo dia. Chegando em Dourados não houve manifestação, porque o governador não foi. Fizemos um bate e volta até Dourados. Agora você imagina, acho que eram 9 alunos e eu, numa F-1000, andamos 1.200 quilômetros.

Outra coisa marcante na história da UEMS foi uma manifestação que aconteceu aqui em Campo Grande, no Palácio Popular da Cultura, o Ministro da Educação estava presente. Nós trouxemos acho que 2 ou 3 ônibus de Cassilândia, eu lembro bem que a Leonir⁹² veio junto com os alunos e com o pessoal da comunidade. A comunidade de Cassilândia sempre abraçou a UEMS, isso a UEMS tem que reconhecer.

O curso de Ciências formou muita gente da região, temos professores formados pela UEMS em vários Estados. Nas cidades de Mato Grosso do Sul: Cassilândia, Aparecida do Taboado, Paranaíba, Costa Rica, Chapadão do Sul, Inocência, Paraíso das Águas e Coxim. Em Goiás nas cidades de Lagoa Santa, Aporé, Itajá, Caçú e Chapadão do Céu. Em Mato Grosso, na cidade de Alcinópolis também tem gente nossa. Tivemos alunos da cidade de Jales – SP, e teve muita gente desse Estado que foi estudar em Cassilândia, porque era um curso de graça.

Então, o curso expandiu, não só Ciências como Matemática também. O curso de Matemática, eu acho que é um curso que vale a pena ainda continuar, porque nós temos bons professores lá. Infelizmente, com a política que a universidade tem hoje, não vai ter mais concurso para mestre, porque a universidade se reserva nesse direito, mas infelizmente nós perdemos bons professores que são mestres e que não podem fazer concurso.

T: Professor, eu gostaria de agradecer a sua colaboração.

P: Estou à disposição e eu já vou falar que você tem autorização para trabalhar a imagem e o texto do jeito que você quiser.

⁹¹ Funcionária do setor administrativo da UEMS, Unidade Universitária de Cassilândia – MS.

⁹² Leonir Aparecida da Silva Oliveira, professora aposentada, residente em Cassilândia – MS.

[Neste momento fazemos os agradecimentos e explicamos os procedimentos que seriam realizados com o material, finalizando com a leitura do termo de autorização de uso da entrevista para fins de pesquisa]

4.2 Marco Aparecido Queiroz Duarte

Figura 11: Marco Aparecido Queiroz Duarte



Fonte: arquivo pessoal do professor

Entrevista com o professor Marco Aparecido Queiroz Duarte, realizada no dia 08 de março de 2017, às 16:00 horas, na Escola Evangélica, em Cassilândia – MS, com duração de 22 minutos e 16 segundos.

Tatiana (T): Professor, muito obrigada por aceitar contribuir com a nossa pesquisa. Eu gostaria que se apresentasse, falasse seu nome completo, data de nascimento, onde nasceu e outras informações que quiser complementar.

Marco (M): Boa tarde, Tatiana, eu agradeço pelo convite e fico feliz em poder colaborar com a sua pesquisa de mestrado. Meu nome é Marco Aparecido Queiroz Duarte, sou nascido em Três Lagoas, aqui no Mato Grosso do Sul. Morei um tempo em Rondônia, onde fiz o Ensino Médio, e depois voltei para Três Lagoas para cursar Matemática.

T: Antes de cursar Matemática você trabalhava com a área do ensino?

M: Antes de entrar na graduação em Matemática eu lecionava inglês. Fiz um curso de inglês e trabalhei com tradução em empresas de exportação lá em Rondônia.

T: E foi por isso que você resolveu ser professor?

M: Não! Eu gostava de ser professor, mas não foi por isso.

T: Gostaria que você falasse da sua formação profissional.

M: Eu sou graduado em Matemática – Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul campus de Três Lagoas, o antigo CEUL⁹³. Eu não fiz especialização, fiz mestrado em Engenharia Elétrica na UNESP de Ilha Solteira – SP, cidade vizinha de Três Lagoas – MS. Fiz o doutorado lá também, na mesma área. E, recentemente, eu fiz o estágio de Pós-Doutorado no Instituto Tecnológico de Aeronáutica, o ITA, em São José dos Campos – SP.

T: Como e quando o município de Cassilândia surgiu na sua vida?

M: Ele surgiu através do mestrado. Quando eu cursava o mestrado, conheci o professor Antônio Canuto Brandini, que fazia disciplinas do mestrado como aluno especial, na época eu também era aluno especial do mestrado. Conheci também, o professor Edmilson de Souza⁹⁴, (ele era meu colega), ele prestou um concurso para ingressar como professor da UEMS em 1999, eu não prestei esse concurso. Depois, surgiu vaga para professor contratado aqui em Cassilândia, então, o professor Brandini convidou a mim e ao professor João Toledo, que na época era professor aposentado da UNESP.

T: Então você veio para Cassilândia em 1999?

M: Isso, em outubro de 1999.

T: Você veio como convocado para lecionar no curso de Ciências e depois efetivou?

⁹³ Centro Universitário de Três Lagoas.

⁹⁴ Professor efetivo da UEMS em Dourados – MS.

M: Sim, na época o termo usado era contratado. Eu lecionei como contratado do final de 1999 até o início de 2001, aí, eu saí, porque eu comecei a fazer o doutorado, consegui bolsa, deixei a UEMS. Em fevereiro de 2002 eu fui aprovado no concurso da UEMS e voltei a lecionar na unidade de Cassilândia, já no final de 2002.

T: Professor, conte-nos sobre o curso de Ciências com Habilitação em Matemática.

M: Era um curso bem eclético. Embora fosse licenciatura em Matemática para nós, ele tinha disciplinas de Matemática, Física, Química e Biologia. Era um curso que formava em Ciências mesmo, e num determinado momento ele direcionava mais para a Matemática.

T: Você lembra como era a grade curricular e o Projeto Pedagógico do Curso de Ciências?

M: Era um projeto de Ciências que possibilitava habilitação em Biologia ou em Matemática. A UEMS escolhia um número de vagas para Matemática e um número de vagas para Biologia, como a UEMS tinha várias unidades, esses cursos foram distribuídos nas unidades. Aqui em Cassilândia a habilitação era em Matemática. Então, era um curso que tinha disciplinas de Biologia, de Física e de Química, mas no nosso caso era mais voltado para Matemática, tinha mais disciplinas de Matemática. Em outras unidades da UEMS, como Coxim e Mundo Novo, que a habilitação era em Biologia, tinha mais disciplinas de Biologia.

T: Uma pessoa podia fazer os dois primeiros anos do curso de Ciências aqui em Cassilândia, que tinha habilitação em Matemática, e depois ir para outra unidade, cursar os dois últimos anos, fazer habilitação em Biologia? Tinha essa opção?

M: Não. Não tinha essa opção de estudar dois anos e depois decidir se quer Matemática ou Biologia. A habilitação em Matemática tinha disciplinas de Biologia, mas eram disciplinas básicas (Biologia Geral, alguma coisa de Ecologia), era bem básico, se a pessoa quisesse transferir para o curso com habilitação em Biologia, em outra unidade, ela não iria aproveitar os dois primeiros anos. Ela teria que começar o curso de novo.

T: No decorrer da sua atuação no curso de Ciências, teve mudança na grade curricular?

M: Não. Embora eu tenha começado na unidade já no final do curso, em 1999, eu lecionei no primeiro ano da última turma de Ciências, porque em 2000 iniciou Matemática Licenciatura Plena. Mas conhecendo o curso, e com os relatos dos colegas, esse curso teve um projeto pedagógico inicial e se manteve até a extinção dele.

T: Essa grade curricular era comum para todos os cursos de Ciências da UEMS ou era só para o curso de Cassilândia?

M: Era comum. A UEMS quando surgiu era assim... Por exemplo, tinha um curso de Letras aqui em Cassilândia, então, o projeto pedagógico era o mesmo para todas as unidades que tivessem curso de Letras. O projeto pedagógico do curso de Ciências era o mesmo para toda a UEMS.

T: Você lembra quem eram os professores que atuaram no curso de Ciências?

M: Olha, quando eu cheguei aqui em Cassilândia, tinha o professor Brandini, o professor Paulo Neres, o professor João Toledo (que veio junto comigo, começamos juntos na UEMS de Cassilândia), o professor Edemir⁹⁵, que ainda está aqui em Cassilândia, o professor Edilson, que era da área de educação, a professora Eliane Greice, atualmente acho que ela está em Campo Grande, e professor Jorge Viegas Martins⁹⁶.

T: Você lembra quem eram os professores de Matemática?

M: De Matemática eramos eu, o professor Brandini, o professor Paulo Neres, o professor Jorge, a professora Janete (que eu estava esquecendo) e o professor João Toledo.

T: Esses professores eram da cidade de Cassilândia ou eles vinham de outras cidades?

⁹⁵ Edemir Feliciano Garcia, professor efetivo da UEMS – unidade de Cassilândia – MS, graduado em Ciências com habilitação em Química. Lecionou no curso de Ciências e atualmente leciona nos cursos de Matemática e Agronomia da referida unidade.

⁹⁶ Foi professor, convocado, nos cursos de Ciências e Matemática da UEMS – unidade de Cassilândia – MS. Atualmente reside em Dourados – MS.

M: Na época, só a professora Janete era da cidade, ela era professora aqui em Cassilândia. O professor Jorge morava aqui, mas veio de Dourados.

T: E o professor João Toledo e o professor Brandini?

M: Professor Brandini vinha de Aparecida do Taboado e o João Toledo de Ilha Solteira, eu de Três Lagoas e o Paulo Neres de Campo Grande.

T: Nas reuniões do colegiado, do curso de Ciências, quais eram as principais reivindicações?

M: Era uma época que era tudo... tudo muito novo na UEMS. A UEMS, da maneira como ela surgiu, nós trabalhávamos pensando nas melhorias do curso. Não pensávamos em pós-graduação e nem em iniciação científica, eram questões estruturais, a UEMS funcionava num prédio em que as salas de aula não comportavam o número de alunos, não comportavam os quarenta alunos. Nós tínhamos problemas de horário, porque ficávamos num prédio emprestado, tínhamos choque de horário com a escola.

T: E onde era esse prédio?

M: Quando comecei era na escola Hermelina Barbosa Leal, uma escola estadual, antigo Centro Educacional de Cassilândia. Na parte superior funcionava a UEMS, mas havia certo choque entre as direções.

T: Você lembra quando houve a transferência para a nova unidade?

M: Foi em 2001.

T: A UEMS tinha um projeto de rotatividade de cursos. Essa rotatividade chegou a funcionar?

M: A rotatividade permitia a gente morar em outra cidade e o deslocamento ser contado na nossa carga horária. Nós tínhamos que dedicar 40 horas para a UEMS, no meu caso, por exemplo, por eu ser de Três Lagoas, contavam 10 horas, então, eu tinha que cumprir 30 horas aqui na UEMS de Cassilândia e 10 horas eram consideradas como deslocamento. Essa rotatividade não exigia que o professor morasse no local onde trabalhava, porém, isso nunca foi bem visto na UEMS, pois alguns professores queriam estabelecer residência na cidade que trabalhavam,

tinham família, queriam morar onde trabalhavam. Então, na verdade, nunca chegou a funcionar. Acho que o principal motivo foi esse, a ideia da rotatividade era suprir as necessidades locais.

T: Qual era o perfil dos alunos que ingressavam no curso de Ciências?

M: No início o curso tinha alunos acima da idade de ingresso na universidade, que é uma média de 18 a 19 anos, eram pessoas que já lecionavam e que não tinham formação específica, ou eram pessoas formadas em outras áreas ou simplesmente eram pessoas que não tinham nenhuma formação em ensino superior, mas que lecionavam. Uma das necessidades de criar esses cursos era suprir a falta de professores das regiões que a UEMS encampou.

T: Vinham muitos alunos da região estudar na UEMS de Cassilândia, fazer o curso de Ciências?

M: Sim, vinham. Geralmente, a gente tinha 50% de alunos de fora.

T: Como era a evasão deste curso?

M: A evasão do curso de Ciências era menor que a dos cursos de Matemática em geral. Era em torno de 30 a 40% de evasão.

T: Tinha laboratórios no curso?

M: Tinha. A UEMS usava esses laboratórios em parceria com a escola estadual. Quando a UEMS surgiu, por ser uma universidade estadual, o governo tentou utilizar o máximo possível a estrutura das escolas estaduais. Então, na verdade, os laboratórios que tinham eram laboratórios da escola.

T: Como era a biblioteca do curso de Ciências? Tinha bons livros, a quantidade de livros era suficientes para os alunos?

M: A biblioteca era própria da UEMS, funcionava numa sala do tamanho de uma sala de aula, e as salas de aula da escola eram projetadas para no máximo 30 alunos e nossas turmas tinham 40 alunos, excedia por causa de alguns alunos que pagaram dependência. Mas tinha biblioteca para os cursos da época, Letras e Ciências. Os livros cumpriam a média de 1 para cada 5 alunos.

T: O acervo que tinha na biblioteca supria as necessidades das aulas ou vocês achavam que tinha algum livro que era importante e buscavam em outro local porque não tinha na biblioteca?

M: Olha, a gente procurava trabalhar de acordo com o que estava no projeto pedagógico do curso. E os livros do projeto pedagógico estavam presentes na biblioteca, em geral eles eram suficientes.

T: Por que ocorreu a extinção do curso de Ciências e iniciou Matemática?

M: Eu não tenho certeza, mas eu acredito que a extinção do curso de Ciências foi por determinação do MEC⁹⁷. O curso de Ciências, como eu falei no começo, era meio geral. Embora a habilitação fosse em Matemática, ele tornava o aluno quase que apto para lecionar nas 4 áreas, (Física, Química, Biologia e Matemática). Bastava que o aluno fizesse complementação pedagógica e mais um estágio na área, acho que ele já habilitaria. A necessidade desse curso de Ciências, era para suprir a demanda de professores nas regiões. Então, uma vez que foi suprida essa demanda, a UEMS resolveu repensar as áreas. E, aqui em Cassilândia, se optou pela Matemática pura.

T: Essa decisão veio de Dourados? Vocês foram chamados lá para participar de alguma discussão sobre isso?

M: Sim, houve discussões. Na época eu não estava na UEMS, embora eu tenha entrado no final do curso de Ciências, começando Matemática, mas isso já estava determinado antes de eu entrar. Mas eu sei que houve discussões das áreas.

T: Então os professores puderam participar das discussões da grade do curso de Matemática?

M: Sim, puderam. Pelo menos os coordenadores conversaram com os professores e levaram as sugestões e reivindicações para as reuniões em Dourados. Na época o coordenador era o Paulo Neres e a gerente da unidade de Cassilândia era a Janete.

T: A grade curricular sofreu muita alteração na transformação do curso de Ciências para o curso de Matemática?

⁹⁷ Ministério da Educação.

M: Olha.... Se você pensar nas disciplinas, não! Mas o conteúdo, sim! Se colocarmos lado a lado os dois projetos, as duas grades, vamos ver que praticamente não tem diferença. Vamos até pensar que o curso de Ciências tinha mais Matemática que o curso de Matemática. O curso de Ciências tinha mais disciplinas de Matemática, porém, o conteúdo dessas disciplinas era pouco, as ementas das disciplinas eram bem reduzidas em relação as mesmas no curso de Matemática.

T: O curso de Matemática tinha boa procura? E como era o perfil dos alunos deste curso?

M: Ele sempre teve uma procura boa, hoje em dia nem tanto, mas a princípio, tinha. A principal mudança foi realmente na faixa etária. Essa faixa etária veio mudando desde o curso de Ciências. Como eu disse anteriormente, as primeiras turmas tinham uma faixa etária mais elevada e conforme foi suprindo a necessidade de formação de professores e das pessoas da cidade também, alguns queriam se graduar em um curso superior, foram aparecendo pessoas mais jovens. E com uma evasão menor.

T: Por que que você acha que acontece isso?

M: Olha, eu acho que existem vários fatores. Um fator é a demanda de tempo que a Matemática exige, não só a Matemática mas qualquer curso superior exige tempo, exige dedicação. E o outro fator é que embora o curso de Ciências tivesse mais disciplinas de Matemática, os conteúdos de Matemática não eram tão aprofundados, como é no curso de Matemática.

T: Quais as principais diferenças entre os dois cursos?

M: Além da grade, exatamente o que eu te falei, o aprofundamento da Matemática, os conteúdos são mais aprofundados. E assim.... tirando as disciplinas de Ciências (a Física, a Química e a Biologia), embora a gente tenha uma disciplina de Física no curso de Matemática, sobrou mais espaço para as disciplinas da Matemática pura.

T: Qual a importância desses cursos (Ciências e Matemática) para a cidade de Cassilândia?

M: Eles foram e são importantes não só para Cassilândia como para a região. Quando a UEMS chegou aqui, tinha pouco professor formado na região, a maioria dos professores eram leigos. E hoje, não só em Cassilândia, mas nas cidades vizinhas, temos muitos alunos formados pela UEMS, lecionando Matemática, Física, Biologia e Química. Temos professores formados no curso de Letras, lecionando Português, Literatura e Língua Inglesa. Então, esses cursos da UEMS ajudaram muito a melhorar a educação na região.

T: Professor, tem alguma coisa que nós não perguntamos que você gostaria de falar?

M: Não!

T: Muito obrigada pela participação.

M: Eu que agradeço!

[Neste momento fazemos os agradecimentos e explicamos os procedimentos que seriam realizados com o material, finalizando com a leitura do termo de autorização de uso da entrevista para fins de pesquisa]

4.3 Renata Patrícia Paulino Brandão Machado

Figura 12: Renata Patrícia Paulino Brandão Machado



Fonte: arquivo pessoal da professora

Entrevista realizada com Renata Patrícia Paulino Brandão Machado, no dia 18 de maio de 2017, às 12:30 horas, na Escola Hermelina Barbosa Leal, em Cassilândia – MS, com duração de 13 minutos aproximadamente.

Tatiana (T): Renata, gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome, onde você nasceu e outras informações que quiser nos contar.

Renata (R): Bom, meu nome é Renata Patrícia Paulino Brandão Machado, eu nasci em Cassilândia, sempre morei e estudei em aqui. Fiz graduação em Ciências com Habilitação em Matemática na UEMS e depois fiz Pós-Graduação em História da Matemática, na FUNEC⁹⁸, em Santa Fé do Sul – SP. Fiz também Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Cassilândia.

⁹⁸ Fundação Municipal de Educação e Cultura.

T: Na época da implantação da UEMS, do curso de Ciências, você lembra como era Cassilândia?

R: Do mesmo “jeitinho” de hoje [Risos]. Não mudou nada.

T: [Risos]. Quanto à oportunidade de fazer um curso de graduação, as pessoas tinham essa oportunidade em Cassilândia ou tinham que ir para outras cidades estudar?

R: Ah, sim! Nós já tínhamos a FIC, né?! Mas os cursos que tinha lá eram poucos, eram mais voltados para a área financeira, como Ciências Contábeis. Foi muito bom quando veio o curso de Ciências pra cá, foi legal. Nós começamos com uma turma bem grande, sessenta alunos, e terminamos com onze ou doze, se eu não me engano. O pessoal foi desistindo, mas foi muito bom, foi uma alavancada boa para a cidade.

T: Quando você ingressou no curso de Ciências da UEMS?

R: Em 1994.

T: Por que você optou cursar Ciências?

R: Bom, eu fazia Farmácia, eu fui embora estudar, mas eu não gostei do curso, não quis continuar. Quando eu retornei para Cassilândia eu prestei o vestibular (eu sempre gostei muito de Matemática, sempre tive facilidade em Matemática) e fui aprovada, fiquei classificada numa colocação legal, empolguei e fui fazer o curso. Eu apaixonei! Adoro ministrar aula.

T: Como eram as aulas do curso e as dificuldades no decorrer dele?

R: No início foi muito difícil, tanto para nós alunos, como para os professores. Foi uma adaptação, era o primeiro ano, né?! Então, foi difícil a adaptação, estudávamos aqui nesta escola [Hermelina Barbosa Leal], a primeira turma começou aqui, formei aqui, estudamos aqui no decorrer dos 4 anos.

T: Você lembra como era a infraestrutura, Biblioteca, sala de aula da escola?

R: Sala de aula era do colégio, era o que a gente tinha. Biblioteca nós não tínhamos, o acesso à biblioteca era dentro da escola, tudo o que a escola oferecia era o que a gente tinha.

T: As salas de aula tinham capacidade para comportar os sessenta alunos?

R: Tinha, era uma infraestrutura muito boa. Nós estudávamos nas salas lá de baixo, que hoje funciona como sala de ginástica, eram duas salas, só para nós, uma era para a turma de Ciências e a outra para a turma de Letras.

T: Os livros que vocês usavam ficavam disponíveis na biblioteca ou não?

R: Não. Quando o professor não cedia os livros para nós, nós comprávamos, eu, por exemplo, tive que comprar.

T: Os livros eram poucos ou não tinha livros?

R: Tivemos que comprar, era o começo, né?! Primeiro ano.

T: E as disciplinas do curso de Ciências, você lembra das disciplinas?

R: Nossa, apertou! Eu lembro que no primeiro ano nós tínhamos Técnica de Redação, Ciências, Biologia e Química. Ah, não lembro mais!

T: Essas disciplinas como Biologia e Química eram no começo do curso ou eram no final do curso? Tinha diferença nas disciplinas dos primeiros anos para os últimos anos?

R: Nos últimos anos foram disciplinas da Habilitação em Matemática, nós tivemos mais Cálculo do que Biologia e Ciências, estas eram mais nos três primeiros anos.

T: Quais disciplinas você tinha mais dificuldades?

R: “Ixe”! Em Técnica de Redação, sou péssima! [Risos].

T: [Risos]. Você acha que seus colegas também tinham dificuldades nessa disciplina?

R: Sim, 99%, sim.

T: Você comentou que o curso iniciou com sessenta alunos e terminou com onze. Por que você acha que houve essa grande desistência no decorrer do curso?

R: Pela dificuldade. Matemática não é uma disciplina que todo mundo gosta, que tem facilidade, né?!

T: Seus colegas trabalhavam e estudavam ou só estudavam?

R: Todos trabalhavam e estudavam.

T: Você começou a atuar na Educação Básica antes de iniciar o curso ou depois de ter iniciado?

R: Depois. Fazia quase um ano que eu estava cursando Ciências, (acho que o curso começou no meio do ano, né?!) aí, eu comecei a lecionar e nunca mais parei.

T: No decorrer do curso você lembra se tinha projeto de extensão e Iniciação Científica?

R: Tinha os projetos que os professores montavam, faziam grupos, e nós íamos até a escola (os plantões de dúvidas) toda semana. Tinha esse tipo de projeto.

T: Iniciação Científica você não lembra?

R: Não.

T: Você lembra quem eram os professores do curso?

R: Lembro! O Paulo Neres, o Brandini, teve também o professor de Química, o marido da Salma, o Roberto Venerano⁹⁹. Tinha uma professora de Língua Portuguesa, fantástica, acho que é Denise, não lembro se era Denise, acho que era Denise, lecionou só para nós e depois ela foi embora. Tivemos aula de Filosofia e Sociologia, o professor era um Psicólogo, também não lembro o nome dele, muito bom professor também. O professor de Biologia, Edilson, acho que é Edilson. Acho que foram esses, tivemos mais alguns, mas eu não me recordo.

T: Professor de Matemática, você lembra quem era?

R: Paulo Neres e Brandini.

T: Eles vieram no início do curso?

R: Sim, o Paulo Neres foi diretor por um tempo, eu acho que o Paulo Neres foi diretor, eu não lembro, mas só sei que ele era o coordenador, ele tomava conta de tudo, corria atrás de tudo, era o cabeça.

T: Sobre a procura de professores de Matemática na cidade de Cassilândia antes da implantação do curso, você lembra como era essa procura por professor de Matemática? Tinha muita gente graduada em Matemática?

R: Não, não tinha professor, faltava professor na área. Hoje acho que deveria mudar esse curso, acho que passou da hora. Houve a implantação do curso, mas era para continuar o rodízio, e esse rodízio não aconteceu. Muitas pessoas fazem o curso só para ter uma formação de nível superior, porque não querem sala de aula, não gostam, e hoje ainda tem essa dificuldade de encontrar professor.

T: Da sua turma, os onze que você comentou que graduaram, você lembra quantos foram para a Educação?

⁹⁹ Graduado em Farmácia Bioquímica, residiu em Cassilândia por um período. Atualmente é professor nas Faculdades Integradas de Ourinhos, em Ourinhos SP.

R: Ah, 80% está na educação.

T: Depois da implantação do curso de Ciências e do início do curso de Matemática, você acha que é mais fácil encontrar professor de Matemática ou ainda é muito difícil?

R: Você diz a quantidade de vagas? Pleitear um emprego, lecionar?

T: Antes da implantação do curso de Ciências era difícil encontrar um professor de Matemática formado, né?! E depois da implantação do curso ficou mais fácil?

R: Hoje tem muitos, mas não são todos que querem ministrar aula, não são todos que querem enfrentar uma sala de aula, é difícil ainda.

T: Como você vê a oferta de professores antes da implantação do curso de Ciências e depois da implantação?

R: Ah, eu acho que continua do mesmo jeito, porque a dificuldade de uma sala de aula, quem procura hoje em Cassilândia fazer esse curso, é por falta de opção, faz o curso porque está aí, né?! A pessoa não faz porque gosta ou porque é a paixão dela, e muitos que terminam, que gostam de lecionar, continuam a sequência de estudos, vão fazer um mestrado, um doutorado e não voltam pra Cassilândia. Os que ficam aqui, não querem lecionar, é difícil encontrar um professor disponível.

T: Pra você, qual foi a importância de ter feito esse curso?

R: Uma realização, no fundo eu não sabia que era isso que eu queria, acho que no fundo eu sabia sim), só que a minha família num... a história de ser professor, né?! A oportunidade de eu ir embora, fazer um outro curso... Mas é muito bom, uma realização, uma descoberta.

T: Você começou a fazer o curso por fazer?

R: Por fazer, como eu não queria fazer Farmácia e eu estava num período em que eu tinha que estudar, porque a minha mãe não aceitava eu parar, eu vim embora com a intenção de começar e depois fazer outro vestibular (porque eu queria Fisioterapia na época) aí, eu comecei, gostei, apaixonei e não quis ir embora.

T: Renata, tem alguma coisa que nós não perguntamos que você gostaria de nos contar?

R: Não, acho que não. Faz tanto tempo, né?! A gente vai esquecendo.

T: É... a gente vai esquecendo... [Risos].

R: Esquece até o nome dos colegas, muitos eu não esqueço porque eu trabalho com eles até hoje, né?! Mas muitos eu esqueci.

T: Verdade. Renata, eu gostaria de agradecer a sua contribuição, porque eu sei que é muito corrido para você, muito obrigada pela colaboração, por disponibilizar um pouco do seu tempo.

R: Eu que agradeço.

[Neste momento fazemos os agradecimentos e explicamos os procedimentos que seriam realizados com o material, finalizando com a leitura do termo de autorização de uso da entrevista para fins de pesquisa]

4.4 Janete Bortolaia De Freitas

Figura 13: Janete Bortolaia de Freitas



Fonte: arquivo pessoal da professora

Entrevista realizada com a professora Janete Bortolaia de Freitas, no dia 03 de junho de 2017, às 15:00 horas, na residência da professora Janete, em Andradina – SP, com duração de 42 minutos aproximadamente.

Tatiana (T): Professora, primeiramente, muito obrigada por me receber em sua casa, por contribuir com a nossa pesquisa. Gostaria que a senhora se apresentasse, falasse seu nome, onde nasceu e outras informações que a senhora achar importante comentar.

Janete (J): Então, meu nome é Janete Bortolaia de Freitas, eu sou natural de Parisi, Estado de São Paulo, que na época era distrito de Votuporanga. Me graduei em Matemática, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, lá em Votuporanga, e concluí o curso em 1976. Fiz duas especializações na época, uma foi em Votuporanga, na faculdade em que me graduei, o nome da especialização era

Conjunto das Teorias e dos Números e a outra foi Didática Geral, essa fiz em Jales. Depois fiz o mestrado, na área de Educação, pela UFSCAR, e não fiz o doutorado, quando chegou na época do doutorado eu me aposentei [Risos].

T: Professora, como o município de Cassilândia surgiu na sua vida?

J: Então, nessa época meu marido se formou advogado e no ano que eu estava me formando, em 1976, meu marido conheceu Cassilândia, foi pra lá e gostou. Como a gente pretendia se casar no ano seguinte, ele foi um ano antes de mim, começou a trabalhar, montou escritório, nos casamos e eu fui para Cassilândia. Eu cheguei e fui lecionando, porque tinha muita vaga, né?! Muita falta de professores formados, a maioria das pessoas que lecionavam lá na época, eram leigas. Quem lecionava Matemática era uma economista que tinha lá, e também engenheiros. Eu fui pra lá e comecei a lecionar Matemática, lecionei por 22 anos, de 5ª a 8ª série¹⁰⁰, ainda não tinha o Ensino Médio, depois eu lecionei no Ensino Médio e depois de 22 anos que eu lecionava na Educação Básica, aí, eu fui pra UEMS.

T: Antes de Cassilândia a senhora lecionou em outro local?

J: Não, eu trabalhei na CESP¹⁰¹, aqui no estado de São Paulo.

T: E a senhora lecionou só Matemática?

J: Eu lecionei Ciências, Física e Matemática.

T: O que a senhora lembra sobre a implantação da UEMS? Quando a senhora começou a trabalhar na UEMS?

J: Então, eu comecei a trabalhar na UEMS após 6 meses da criação do curso de Ciências lá em Cassilândia, eu fui cedida. O primeiro gerente foi o professor Celes de Castro, ele ficou apenas 6 meses, aí, ele saiu, na verdade eu não sei como que foi esse processo, só sei que após a saída dele eu fui indicada para ser a gerente da

¹⁰⁰ Atualmente 6º a 9º ano do Ensino Fundamental.

¹⁰¹ Companhia Energética de São Paulo.

unidade. Como eu era professora de escola pública em Cassilândia, eu fiquei enquadrada no Estado, me tornei efetiva, né?! Foi bem na divisão do Estado, nessa época eu trabalhava no Estado, e na divisão eu tornei efetiva. Todos que trabalhavam até aquele ano se efetivaram, entendeu? Aí, eu era estável, então eu fui cedida pra UEMS.

T: E quem indicou a senhora para ser gerente da unidade?

J: Foi o Diretório do PMDB¹⁰², porque nessa época, as indicações de cargos eram pelo Diretório. Por exemplo, eu fui agente de educação por três anos, indicação também de diretório. Então esses cargos, na área da educação, na área da saúde, naquele tempo, era indicação dos diretórios dos municípios.

T: A senhora foi vereadora também, né?!

J: Fui também.

T: Por qual período a senhora foi vereadora?

J: Agora eu não lembro o ano certo, heim!

T: Mas foi antes de entrar na UEMS?

J: Foi antes.

T: A senhora lembra como foi o processo de escolha da unidade da UEMS em Cassilândia?

J: Então, me lembro, sim. Uma comissão foi formada, primeiramente, pelo secretário estadual de educação, o reitor da UEMS, professores de várias áreas, alguns até da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, representantes políticos da região, isso sempre foi muito forte, prefeito e vereadores. Foi discutido com a comunidade de cada localidade escolhida para receber uma unidade da UEMS, os cursos que

¹⁰² Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

seriam implantados ali. Em Cassilândia optou-se por cursos de licenciatura. Considerando-se o que? A falta de professores habilitados nas áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Ciências e Matemática.

T: Mas essa escolha foi feita pela população ou pela comissão de implantação?

J: Pela comissão.

T: E eles ofereceram primeiramente o curso de Ciências?

J: É, porque havia muita falta de professor de Matemática e de Português. Eram, normalmente, professores leigos na época, quem lecionava Português era professor primário. Quando eu cheguei a Cassilândia, várias pessoas lecionavam, mas ninguém na área específica, com habilitação específica, era muito difícil.

T: A população não teve a oportunidade de opinar?

J: É porque tinham vários representantes, né?! Então, viam-se essas necessidades, na época. Todos esses cursos foram criados na mesma época que o curso de Ciências com Habilitação em Matemática, que não foi criado só em Cassilândia, foi criado também em Maracaju, Mundo Novo e Naviraí. E indiretamente, é claro, havia o interesse político. E em relação à estrutura organizacional, logo que foi criada, já tinha o gerente e o secretário.

T: Eu li algumas notícias de jornal e nelas consta que Cassilândia não era uma cidade escolhida para sediar uma unidade da UEMS e que depois ela entrou nessa lista.

J: Não, então, essa parte aí eu já não participei.

T: Eu li que foi o Deputado Valdomiro. A senhora lembra de alguma coisa? Porque a senhora falou da influência política?!

J: Então, quem sempre estava envolvido era o Diretório e o prefeito, né?! Quem teve muita influência como prefeito, em Cassilândia, na época, foi o prefeito Jair Boni, como ele ficou 8 anos sendo prefeito, ele teve uma influência muito grande para poder trazer para Cassilândia essa Universidade. Mas maiores detalhes eu não sei, porque eu não era envolvida tão diretamente, nessa época.

T: **A senhora falou da estrutura organizacional, que já tinha um gerente e um secretário. Depois do Celes a gerente foi a senhora?**

J: Depois do Celes fui eu. Eu fui gerente por quase 8 anos.

T: **Em que ano a senhora começou na gerência?**

J: O ano? Vixe! Anos eu não consigo lembrar, mas depois eu posso olhar.

T: **Sobre os desafios do curso, como foi o início do curso de Ciências, os desafios que vocês enfrentaram?**

J: Bom, o curso foi implantado para atender a falta de professores habilitados nas disciplinas de Matemática e Ciências, estamos falando agora específico do curso de Ciências, né?! O percentual de professores leigos na área era quase total. Eu não participei do processo de implantação do curso, porque quando eu entrei na UEMS, já estava instalada a unidade, então eu não participei. Mas o curso foi implantado com uma carga horária muito pesada nos dois primeiros anos do curso. O primeiro ano tinha uma carga horária de 960 horas/aulas e o segundo ano tinha 915 horas/aulas e poucas horas/aulas nos dois últimos anos. Então, o que acontecia? Tinha que ter 5 aulas, todos os dias, inclusive aos sábados, que foram considerados letivos para poder cumprir essa carga horária. Isso acabou levando os acadêmicos a uma evasão muito grande, pois eles não conseguiam adequar os estudos com o dia a dia de trabalho. A nossa clientela, em sua maioria, era oriunda de uma classe trabalhadora, de todas as cidades ali da região.

T: **Esse era o perfil dos alunos que estudavam no curso de Ciências?**

J: Era o perfil, a maioria deles vindos de Escola Pública, classe trabalhadora e de toda a região.

T: Nos dois primeiros anos do curso, quais eram as disciplinas?

J: Tinha Biologia, Ciências, Metodologia, Psicologia, tinha essas pedagógicas.

T: E nos dois últimos anos era mais específico do curso?

J: Era mais específico do curso.

T: Como foram os primeiros anos do curso de Ciências com Habilitação em Matemática?

J: Olha, eu lembro que o índice de evasão era muito grande. Na primeira turma nós tínhamos quarenta vagas, a primeira turma formou quinze alunos. Acho que nem isso! Na segunda turma, que é a sua, vinte e um me parece, né?!

T: A minha é de Matemática, né?!

J: Ah, a sua já era Matemática! Então, formaram vinte e um alunos na segunda turma do curso de Ciências. Aí, quando começou o curso de Matemática, teve um ano que formaram sete ou oito apenas, porque o curso era mais puxado, né?!

T: Na minha turma acho que foram doze formandos.

J: Doze, né?!

T: O Projeto Pedagógico, a grade curricular, eles eram exclusivos da unidade de Cassilândia?

J: Não, era da Universidade toda. Todos os lugares em que foi implantado o curso, o projeto era o mesmo.

T: E isso foi até quando, a senhora lembra?

J: Me parece que foram duas turmas só, depois já houve mudança.

T: A senhora lembra se mudou a grade curricular?

J: Mudou completamente a grade quando houve a extinção do curso de Ciências e iniciou Matemática. A LDB¹⁰³ estabelecia que tinha que ter 4 aulas diárias no curso noturno. E também, como é um curso de Licenciatura, as pessoas tinham que se adequar ao Ensino Básico, então, nós tínhamos que seguir também os PCN¹⁰⁴, você entende? Então, esse curso de Ciências, ele não estava mais satisfazendo as necessidades dos alunos.

T: E a estrutura física da unidade, biblioteca, auditório e laboratório, como era?

J: Olha, a estrutura era muito precária. As salas de aula não. Nós estávamos implantados naquele colégio público, que era conhecido como Marcelão¹⁰⁵, o laboratório era precário, a biblioteca precária, tudo era muito precário, porque estava iniciando e nós não tínhamos prédio próprio, né?! Alguns professores vinham de Campo Grande e de Três Lagoas. No curso de Ciências nós tínhamos a professora Estela Natalina, que lecionava a disciplina de Técnica de Redação, a professora Silvana, que lecionava Português, o professor Edilson que lecionava Biologia, o professor Paulo Neres, o professor Wilson de Física, a professora Eliane Greice que lecionava Psicologia, o professor Edemir também, mas ele entrou depois de um outro professor que eu não lembro o nome... ele lecionou Química, ele era esposo da filha da Sueli.

T: Roberto Venerando?

J: Roberto Venerando! Ele lecionou Química primeiro, lá na unidade. Então tinha essas disciplinas, né?!

¹⁰³ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

¹⁰⁴ Parâmetros Curriculares Nacional.

¹⁰⁵ De acordo com o professor Paulo Neres Carvalho, Marcelo Miranda Soares, em seu mandato de governador do Estado, construiu escolas com a mesma estrutura, nas cidades de Cassilândia, Paranaíba, Coxim e Campo Grande, por esse motivo as escolas receberam o apelido de *Marcelão*.

T: A maioria dos professores vinham de fora?

J: É, grande parte vinha de fora.

T: Quem eram os professores de Matemática?

J: Então, tinha a mim, eu lecionava também, o Paulo Neres, o Brandini, mas ele entrou depois, e o Marco, que está desde o início também. Que eu lembro eram esses.

T: A senhora ficava na gerência e na sala de aula?

J: Isso, na gerência e eu tinha pelo menos uma turma, eu era obrigada a lecionar em uma turma.

T: A senhora falou da precariedade, a senhora lembra se a quantidade de livros era suficiente para os alunos?

J: Não, não era. Eram assim.... poucos tópicos. Se três alunos quisessem o livro, às vezes tinha dois volumes. Quando fazia empréstimo pra dois alunos, eles tinham que devolver rapidamente, tinha prazo para poder passar para os outros alunos.

T: No início do curso, os livros que tinha, em relação a conteúdos, eles eram suficientes, ou vocês achavam necessário utilizar outro livro, porque o que tinha não supria a necessidade do curso ou tinha outro livro que vocês achavam que era melhor?

J: Os livros que nós recebemos eram bons. Mas tinha mais. Não havia uma diversidade de pesquisa, eram poucos volumes. Eu lembro que havia briga na época, porque um queria, o outro queria, o outro também queria, não tinha número suficiente e poucos tópicos também.

T: Em relação à unidade, a senhora falou que primeiro foi implantada numa escola e depois mudou para um estabelecimento próprio?

J: Foi cedido um prédio, onde funcionava uma escola agrícola, e o prefeito, que era o mesmo da época da implantação, cedeu todo aquele espaço, toda aquela estrutura, para poder ser instalado o curso de Agronomia, permanecendo os cursos que já estavam implantados.

T: **Eu estava lendo algumas notícias sobre o Estatuto da UEMS, e a partir de 1997 ela começou a ganhar uma maior autonomia e começaram a surgir os concursos. A senhora lembra quando foi o primeiro concurso para efetivar professores?**

J: Então, eu fiz o primeiro concurso. Fui aprovada no primeiro concurso. A UEMS ofereceu um curso de mestrado, em parceria com a Universidade Federal de São Carlos, porque era uma exigência da LDB, e dos PCN também. A qualidade do professor tinha que ser aprimorada cada vez mais, então, a UEMS fez uma parceria para suprir essa necessidade, tanto é que nós tínhamos aulas do mestrado em Dourados e as últimas aulas foram oferecidas em São Carlos – SP.

T: **Da unidade foi só a senhora que fez esse mestrado?**

J: O Paulo não fez. Acho que naquela época foi só eu.

T: **Uma pessoa podia fazer os dois primeiros anos do curso de Ciências em Cassilândia, que tinha habilitação em Matemática, e depois ir para outra unidade, cursar os dois últimos anos, fazer habilitação em Biologia?**

J: Olha, eu vi essa pergunta aqui, eu não me recordo disso. Ela poderia mudar se fosse no mesmo curso, porque tinha aula de Matemática no primeiro ano, Matemática I, Matemática II e no curso de Biologia era diferente a grade. Então era Ciências com Habilitação em Biologia e Ciências com Habilitação em Matemática, eram diferentes as grades curriculares, então o que ela podia fazer era mudar, por exemplo, de Cassilândia para Naviraí, aí tudo bem, ele poderia dar continuidade nos estudos lá, porque a grade era a mesma, no mesmo curso.

T: Era com Habilitação em Matemática, não poderia mudar para outra habilitação?

J: Exatamente, não poderia, que eu lembro era assim.

T: Sobre o projeto de rotatividade de cursos que a UEMS tinha, a senhora lembra?

J: Projeto de rotatividade?

T: A UEMS foi criada com um projeto de rotatividade de cursos, eles mudavam de unidade. A senhora lembra?

J: Então, quando não havia mais a demanda, a cidade já estava suprida de formandos naquela área, aí, o curso se deslocava para outra unidade.

T: A senhora lembra se em Cassilândia funcionou isso?

J: Foi feita muita pressão para mudar, para tirar o curso, inclusive Matemática. Mas aí, a comunidade se reuniu para não deixar sair o curso, porque não tinha opção, além da falta de professores, mas já estava sendo suprida na época, né?!

T: Em outras unidades aconteceu a rotatividade?

J: Aconteceu, em outras unidades aconteceu. Eu lembro que em Glória de Dourados aconteceu, não lembro de outras, mas eu sei que em várias unidades houve a rotatividade.

T: Por que ocorreu a extinção do curso de Ciências?

J: Porque o curso de Ciências estava atendendo parcialmente os objetivos para os quais ele foi criado. Então, a UEMS resolveu desativar gradativamente o curso, a partir do ano 2000, transferindo as vagas para o curso de Matemática Licenciatura Plena. Foi formada uma equipe, que fez a avaliação do currículo e detectou que a maioria das disciplinas possuíam ementário e carga horária não condizentes,

gerando insatisfação entre professores e alunos. Foi formada uma equipe pela sede [em Dourados].

T: Os professores de Cassilândia, ou de outras unidades que ofereciam o curso de Ciências, puderam participar das discussões?

J: Puderam participar, foi dada a oportunidade para os professores, em cada unidade que tinha o curso.

T: Em Cassilândia quem foi que participou dessas discussões?

J: Olha, me parece que foi o Paulo Neres, eu não lembro. Porque ele que tinha mais disponibilidade para viajar.

T: A senhora não participou de nenhum tipo de discussão dessa?

J: Não, nessa aí não.

T: Mas não veio nada de Dourados para vocês discutirem ou alguém levar discussões para Dourados?

J: Depois que eles fizeram todo o projeto, veio para o pessoal fazer uma pesquisa e analisar. Foram dadas sugestões.

T: Aí vocês puderam opinar então?

J: Pudemos opinar. Agora eu estou lembrando, é coisa que faz tanto tempo que eu não lembro direito [Risos].

T: [Risos]. A gente esquece, né?! Na época da mudança de curso a senhora lembra quem era o coordenador e o gerente de unidade em Cassilândia?

J: O coordenador era o Paulo Neres. É por isso! Ele era o coordenador na época, ele foi como coordenador e eu era gerente.

T: Quais as principais diferenças que a senhora vê entre os dois cursos, de Ciências e de Matemática?

J: Deixa eu ver aqui. [Janete procura em seu rascunho a resposta]. Eu acho que até já respondi isso aqui viu. Com a nova LDB, que determina que os cursos noturnos devem ser organizados com a carga horária de maneira que o acadêmico tenha apenas 4 aulas diárias, coloquei até a resolução do CEPE, nº 63 de 12/03/97, afirma que o planejamento acadêmico, a composição de currículos plenos, a elaboração de horários das disciplinas, o calendário acadêmico e o ano letivo, tinha que se compor de um módulo de 34 semanas para as disciplinas anuais. Então, houve uma reestruturação do novo curso, com a sua respectiva grade curricular, atendendo exclusivamente a Licenciatura Plena em Matemática. No momento eu não tenho a grade curricular do curso de Matemática, não tenho porque no meu projeto só tem o de Ciências. Mas eram disciplinas específicas de Matemática e Didática. Posteriormente houve nova mudança na grade curricular, onde foram inseridas História da Matemática, foi quando eu saí, Etnomatemática e Informática. Que eu lembro eram essas...

T: Quando a senhora saiu da UEMS?

J: Então, eu me aposentei... Você fala anos, eu sou ruim para guardar os anos viu, eu não guardei os anos. Faz uns dez anos que eu sai da UEMS, heim!

T: Quanto tempo a senhora ficou na UEMS?

J: Doze anos!

T: Qual é a importância que a senhora vê desses cursos para a cidade de Cassilândia e região?

J: Então, os dois cursos, evidentemente, vieram suprir as necessidades. Na época tinha Ciências, hoje não é mais Ciências, né?! Mudaram, nem sei mais como que é hoje na escola.

T: A Ciências do Ensino Fundamental é dividida em Química e Física, só nos últimos anos do Ensino Fundamental.

J: Naquele tempo era Ciências, era diferente. Então, como houve mudança no Ensino Fundamental e Médio, houve mudança no curso também, porque a Universidade tem que acompanhar toda a estrutura da Educação Básica, porque, afinal de contas, nós estamos formando professores para ministrar aulas na Educação Básica.

T: Os alunos que vinham estudar no curso de Ciências, eram só de Cassilândia ou de outras cidades?

J: Não, toda a região vinha estudar ali.

T: De quais cidades vinham?

J: Olha, Aporé – GO, Itajá – GO, Itarumã – GO, Chapadão do Sul – MS. Que mais? Até de Paranaíba – MS vinha gente, porque lá não tinha o curso também. Eu sei que ali tinha mais algumas cidadezinhas que vinham.

T: Se a senhora fizesse uma porcentagem dos alunos de Ciências, quantos por cento vinham de fora e quantos por cento eram de Cassilândia, mais ou menos?

J: Olha, em torno de uns 50% vinham de fora.

T: Dentre os alunos, tinha algum que atuava na Educação Básica e que não tinha habilitação?

J: Sim, muitos. Tinha professor que lecionava Matemática de 5ª a 8ª série porque gostava de Matemática, mas não tinham o curso. Alguns lecionavam de 1ª a 4ª

série, outros tinha o Curso Normal¹⁰⁶, porque tinha o Normal na época, agora já foi extinto também. Então, quem fazia o Normal, podia, se gostasse de Matemática, lecionar Matemática, se gostasse de Português, lecionar Português. Tinha muito disso, para suprir a carência de professores...

T: A senhora acha que depois que veio o curso amenizou a carência?

J: Melhorou muito.

T: Eu estive visitando o *Cassilândia Jornal*, fazendo algumas pesquisas e achei uns recortes de jornais. Aqui é a senhora e a reitora Leocádia. [Entrego os recortes para professora Janete].

J: A Eliani Greice, essa aqui era a secretária, Brandini, Paulo Neres, Edilson, olha lá...

T: Nesse recorte diz que o Governador, Wilson Barbosa Martins, queria extinguir a UEMS. A senhora lembra dessa história, de extinção da UEMS? As reportagens dizem que foi montada uma comissão de permanência da UEMS.

J: Exatamente.

T: É de 1996 essas duas informações.

J: Nossa, isso aqui deu muito pano pra manga, viu?! Nós não entendíamos, era uma questão política, nós não entendíamos porque extinguir a Universidade, você entende? Eu sei que foi feito um movimento muito grande, nós participamos, os alunos, todos os professores, o prefeito, vereadores, o deputado da região. Eu sei que foi um movimento muito grande. Eu acho que também era por contenção de despesas, porque nós exigíamos uma estrutura adequada, biblioteca, laboratório e tudo mais e ele não tinha como oferecer. Então, ele achou mais fácil extinguir do que

¹⁰⁶ Com duração média de 3 anos, um curso de graduação, na modalidade de Licenciatura, com a finalidade de formar professores para atuar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O curso Normal Superior foi ofertado em Cassilândia por um período.

suprir, mas depois de todo esse movimento político, estudantil e de professores, aí foi realmente...

T: Ele queria extinguir só a unidade de Cassilândia, ou queria extinguir toda a UEMS?

J: Não, vários lugares, não era só Cassilândia. O movimento foi grande, foram grupos para fazer uma passeata em Campo Grande, vieram grupos de várias unidades, não era somente Cassilândia.

T: Foi uma manifestação em conjunto?

J: Manifestação em conjunto.

T: Eu visitei alguns arquivos do *Cassilândia Jornal* e o Dalmo Curcio me emprestou algumas fotos e eu digitalizei. Essa é uma foto da senhora com o professor Paulo Neres e essa outra e aqui é a senhora e o Lucimar.

J: Ah, que legal! Aqui é quando entrava lá unidade, né?! Na escola. O Lucimar é um menino que foi também... né?! Ele foi da sua turma?

T: Não, ele foi antes da minha. Acho que ele está fazendo Engenharia.

J: É?

T: Parece que sim!

J: Que legal!

T: Essa aqui ele [Dalmo Curcio] escreveu aí: Centro Acadêmico.

J: Nossa, que legal! A gente nem lembra, né?!

T: Essa outra é uma formatura.

J: Ah! Essa aqui era a Pró-Reitora de Ensino. Sempre eu e o Paulo estávamos juntos, né?!

T: **É, sempre a senhora e ele [Risos].**

J: [Risos], é sempre eu e ele.

T: **Essa aqui é a primeira formatura, da primeira turma, em Dourados. Aí tem a senhora o Paulo Neres e alguns alunos da primeira turma.**

J: O Brandini, o Edilson. Hummm que legal! Muito bom, né?! Foi uma conquista muito grande! Eu vejo como uma conquista.

T: **O primeiro vestibular foi em 1994, né?!**

J: Foi.

T: **Eu pesquisei e em 1995 não houve vestibular.**

J: Em 1995?

T: **A segunda turma foi no próximo ano?**

J: 1996, né?!

T: **Não houve vestibular em 1995, a senhora lembra por que?**

J: Nossa, heim! Agora.... Então, parece que é por conta dessas questões aí, de extinção, porque foi criada uma estrutura grande, num Estado que estava enfrentando dificuldades financeiras, entendeu?! Estava uma crise naquela época, então, o Estado não estava conseguindo suprir, por isso pegou um monte de professor cedido do Estado.

T: **E aí fez concurso e efetivou esses professores depois?**

J: Depois fez o concurso e efetivou. Naquela época não tinha dinheiro para investir em pesquisa, não tinha nada disso naquele tempo.

T: Não tinha nem Iniciação Científica no começo?

J: Nada. Não tinha nada disso. Isso apareceu depois, porque aí, o pessoal vai crescendo, vão sendo construídos conceitos, os professores vão se aperfeiçoando, claro que cada um quer buscar mais conhecimento.

T: Os primeiros professores que lecionaram na UEMS, eles foram cedidos, como a senhora e o Paulo Neres, ou teve alguma seleção para serem cedidos? Ou foi indicação?

J: Não, eu lembro que na época era assim... “Ah, precisa de um professor nessa área”, então procurava-se um professor que tivesse um nome, entendeu? Que tivesse algum gabarito para poder estar ali, não podia ser qualquer um. Porque afinal, era uma universidade, então a pessoa tinha que ter um certo conceito, uma certa formação e o professor que a gente não conseguia, trazia de fora.

T: Essa aqui é a formatura da segunda turma em Ciências, ela saiu um pouquinho ruim, mas é possível reconhecer algumas pessoas. Foi no ano de 2000.

J: É mesmo! Legal! Você pegou tudo do jornal?

T: Tudo do Jornal!

Figura 14: Formatura das turmas de Letras e Ciências com Habilitação em Matemática da UEMS de Cassilândia, realizada em 19. ago.00



Fonte: Cassilândia Jornal

Figura 15: Formatura da primeira turma de Ciências. Da direita para a esquerda: Sheila Alves, Renata Patrícia, Ângela Alonso, Janete Bortolaia, Salma Leal (sentadas). Natal, Roberto Venerando, Ronecildo, Brandini, Otacílio, Paulo Neres e Romilton (em pé).



Fonte: Arquivo pessoal do Otacílio

Figura 16: Janete Bortolaia e Paulo Neres no prédio da Escola Estadual Hermelina Barbosa Leal



Fonte: Cassilândia Jornal

Figura 17: Formatura de Letras e Ciências. Janete Bortolaia, a Pró-Reitora de Ensino Maria José Alves Jesus Cordeiro e Paulo Neres.



Fonte: Cassilândia Jornal

T: E essa aqui, é uma notícia de quando a senhora era vereadora.

J: Hummm... [Risos] Tem história lá, né, Tatiana?!

T: [Risos] Tem!

J: Nossa, nem lembrava dessas fotos aqui. Que legal, a gente lembra com saudade.

T: A senhora participou do espaço, da luta, da construção do curso, não é?!

J: Tempo muito importante, viu?! Nossa, o Paulo, faz tanto tempo que eu não vejo o Paulo! Ele só está lecionando agora?

T: Ele está lecionando na UEMS, acho que ele está lecionando no curso de Turismo, não sei se ele ainda está indo para Aquidauana.

J: Olha, essa mulher [Leocádia] foi uma batalhadora para a unidade permanecer, para a UEMS firmar como Universidade.

T: Ela foi uma das primeiras reitoras, né?!

J: Foi. Ela foi uma batalhadora!

T: A senhora lembra das ações que ela movia para contribuir?

J: Ah, ela era uma educadora nata, ela lutava pelo crescimento intelectual dos professores, ela incentivava, melhoria de salário, ela fazia tudo que estava à altura dela, era uma lutadora em prol dos professores e do curso. Ela sempre lutou!

T: Eu li umas notícias, ela fez parte da comissão de implantação?

J: Fez.

T: Depois do Jair Madureira ela foi a primeira reitora eleita?

J: Sim, foi a primeira reitora, ela foi e depois ela voltou novamente como reitora.

T: Hoje ela é reitora da UNIDERP Anhanguera.

J: Ah, é? Da UNIDERP! Mas ela só pode ser reitora, porque ela tem todos os requisitos. Ela é muito batalhadora, muito inteligente.

T: Janete, tem alguma coisa que nós não perguntamos que a senhora gostaria de nos contar?

J: Então, filha, não estou lembrando agora. Ontem à noite eu fiquei pensando ali, falei: “Gente, que mais?” Ai meu Deus, tanta coisa que já escapou, parece que a memória da gente já não está mais como era de primeiro, viu, Tatiana?! [Risos].

É muita coisa, e eu fiquei muito desligada também, eu não voltei mais lá [em Cassilândia], eu não sei hoje como está, eu tenho vontade voltar, saber como estão as coisas, né?! Mas eu desliguei, porque a gente envolve mais com família, aí vem neto e outras atividades. Mas a gente torce, eu fico feliz em saber que está progredindo, que os nossos alunos estão crescendo, quando eu vejo um aluno nosso que fez o doutorado, que está ministrando aula na universidade, isso pra nós, que fomos professores, é uma alegria muito grande, sabe?! Então eu torço para que nós tenhamos realmente uma educação de qualidade, um ensino de qualidade, para que tenhamos pessoas cada vez mais com a mente aberta, com raciocínio lógico aberto, né?! Então, isso que é o crescimento, porque vem vindo uma outra geração e tem que continuar, tem que melhorar mais.

T: Janete, eu agradeço imensamente a sua disponibilidade, de me receber na sua casa, com todos os compromissos que você tem.

J: Eu que agradeço bem, se eu puder servir... Estamos aí, se tiver mais alguma coisa que eu lembre, né?! Às vezes na hora em que você me enviar eu posso lembrar de alguma coisa.

T: Sim, a senhora pode acrescentar lá, não tem problema. Muito obrigada.

J: Por nada.

[Neste momento fazemos os agradecimentos e explicamos os procedimentos que seriam realizados com o material, finalizando com a leitura do termo de autorização de uso da entrevista para fins de pesquisa]

4.5 Erika Pereira Da Silva Souza

Figura 18: Erika Pereira da Silva Souza



Fonte: arquivo pessoal da professora

Entrevista realizada com Professora Erika Pereira da Silva Souza, no dia 12 de junho de 2017, às 14:30 horas, na Escola Municipal Cecília Meireles, em Chapadão do Sul – MS, com duração de 22 minutos aproximadamente.

Tatiana (T): Erika, primeiramente, muito obrigada por aceitar contribuir com a nossa pesquisa. Gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome completo, data de nascimento, onde você nasceu e outras informações que achar importante.

Erika (E): Boa tarde, Tatiana! Meu nome é Erika Pereira da Silva Souza, eu nasci no dia 27/03/1980, na cidade de Cassilândia. Sou graduada em Ciências com Habilitação em Matemática pela UEMS de Cassilândia e pós-graduada no curso de Ensino de Matemática pela FAVENI¹⁰⁷.

T: Como era Cassilândia na época da implantação da UEMS e do curso de Ciências, você lembra?

E: Então, eu nasci lá, então, pra mim, ela não mudou nada até hoje, continua igual. Em relação à educação, dos cursos de graduação, eu lembro que exista a FIC e depois veio a UEMS.

T: Você lembra quais os cursos que tinha na FIC?

E: Eu não lembro de todos, lembro que tinha o curso de Pedagogia, e depois implantaram novos cursos.

T: Quando você ingressou no curso de Ciências?

E: Em julho de 1999, porque naquela época as aulas começavam no segundo semestre, diferente de hoje, que inicia em fevereiro.

T: Por que você optou fazer o curso de Ciências?

E: Eu não queria fazer faculdade para professor, eu queria fazer Arquitetura, era um sonho desde criança, mas, infelizmente meus pais não tinham condições financeiras, porque eu tinha que ir para outra cidade estudar, aí, eu optei pela UEMS, porque era em Cassilândia. Dentre os cursos ofertados, Letras e Ciências, eu optei por Ciências, porque tinha menos concorrência.

T: Depois de ingressar no curso, você começou a gostar de Matemática?

E: No Ensino Médio eu tive alguns problemas com Matemática, eu acho que todo aluno tem, né?! E depois que eu ingressei no curso eu comecei a gostar.

¹⁰⁷ Faculdade Venda Nova do Imigrante, com endereço na cidade de Venda Nova do Imigrante – ES.

T: Em que ano você começou a lecionar?

E: Eu me graduei em 2003 e comecei a lecionar em 2004.

T: Você lecionou Matemática ou Ciências?

E: Eu comecei a lecionar Ciências, porém, não gostei, acho que foi um semestre, e então eu pensei: “Eu não nasci pra isso!” Depois nem lecionar eu queria, eu queria fazer outra coisa, trabalhar em outra coisa, menos lecionar. Mas eu consegui umas aulas de Matemática, um ano ou dois depois, aí, gostei e continuei.

T: Você começou lecionando Ciências para qual série?

E: Era do 6º ao 9º ano.

T: Em qual escola você começou a lecionar?

E: Na Escola Marechal Rondon¹⁰⁸ e na Hermelina Barbosa Leal.

T: Como eram as aulas do curso de Ciências?

E: Então, quando eu iniciei o curso, as aulas eram no prédio da Escola Hermelina Barbosa Leal, essa escola tem uma infraestrutura muito boa. Nós tínhamos auditório, laboratório, era bem bacana. Como era um curso de Ciências, era um curso bem “gostoso”, nós tínhamos aula de Botânica, Zoologia e de Química no laboratório. Nós tínhamos laboratório de Química, de Botânica, analisávamos as plantas e outras coisas. Então, eram aulas bem dinâmicas, depois a UEMS mudou para a fazenda, onde está localizada atualmente, e lá, como estava bem no início, nova instalação, foi bem difícil. A biblioteca e a sala de informática eram improvisadas, não tinha quadra, não tinha laboratório, não tinha muita iluminação, né?! Quando eu voltei de licença maternidade, estava no final do terceiro ano, então eu fiz o restante do terceiro ano e o quarto ano na nova unidade.

¹⁰⁸ Escola Estadual Marechal Rondon, funcionou em Cassilândia desde a década de 1960 até o ano de 2004.

T: Como eram os laboratórios quando a unidade era na cidade?

E: Eram bons, tinha tudo para fazermos as análises, era bem equipado.

T: E quando foi pra área rural não tinha mais aula de laboratório?

E: Aí, nunca mais nós fizemos aula de laboratório, porque quando fomos pra lá, as turmas do terceiro e do quarto ano não tinha mais Ciências, era só no primeiro e no segundo ano, a partir do terceiro ano era Matemática pura.

T: A sua turma foi a última turma do curso de Ciências?

E: Foi a última turma.

T: Você enfrentou dificuldades no decorrer do curso?

E: Sim, logo no início, acho que eu não tinha uma boa base, então, encontrei bastante dificuldade. Mas eu comecei a estudar sozinha, e quando eu estava no terceiro ano eu já havia conseguido preencher as lacunas que ficaram do Ensino Médio e do Ensino Fundamental. O ensino naquela época, não sei te falar o porquê, mas muitos professores “empurravam com a barriga”, não ensinavam o básico, que era o que a gente precisava. Então, eu tive que correr atrás sozinha, e o professor Paulo Neres me ajudou bastante. Nós tínhamos aula com ele aos sábados, na Escola Hermelina Barbosa Leal, quando ele podia, mas ele sempre estava disposto a ajudar.

T: Quanto à infraestrutura do prédio, você falou da biblioteca e dos laboratórios, e as salas de aula, como eram?

E: As salas de aulas eram boas, tudo novo no início, né?! O nosso curso de Matemática era no último pavilhão, era bem isolado, as salas tinham sido construídas pra gente mudar pra lá [na antiga Escola Agrícola].

T: Quais eram as disciplinas do curso de Ciências, você lembra?

E: Eu lembro de algumas. Tinha Química, Física, Botânica, Zoologia, Cálculo Diferencial e Integral, Desenho Geométrico, Técnica de Redação, Didática e Metodologia, essas são as que eu lembro.

T: Tinha diferença entre as disciplinas dos primeiros e dos últimos anos do curso de Ciências?

E: Tinha bastante diferença. No primeiro e segundo ano quase não tinha Matemática, eram disciplinas mais voltadas para Ciências. No primeiro ano era Botânica, Física, Química, Zoologia, tinha a parte de metodologia, didática e técnica de redação. No segundo ano não tinha Técnica de Redação, mas tinha a parte de Ciências. No terceiro e no quarto ano não tinha nada de Ciências, não tinha Química, era Matemática pura.

T: Quais disciplinas você e seus colegas tinham mais dificuldades?

E: Cálculo Diferencial e Integral, porque o professor apesar de muito inteligente, não conseguia transmitir esse conhecimento aos alunos.

T: Vocês tinham Iniciação Científica e projetos de extensão?

E: Sim, eu participei de duas Iniciações Científicas, uma no segundo ano com o professor Wilson, de Física, e uma no terceiro ano, que iniciei com a professora Janete e terminei com o professor Marco.

T: Você recebia remuneração nessa Iniciação Científica?

E: Recebia.

T: Qual assunto você estudava na Iniciação Científica?

E: Eu não lembro! Eu lembro que a do Marco era algo voltado para Fortran¹⁰⁹, alguma coisa voltada para o Cálculo Numérico e... e.... [Erika aponta para o computador]... Informática.

T: Quem eram os professores do curso de Ciências e de onde eles vinham?

E: Eu lembro de alguns. Tinha o Brandini, a Janete de Cassilândia (ela lecionava a disciplina de Didática, mas era professora de Matemática), o Edemir, também de Cassilândia, o Marco, acho que ele era de Ilha Solteira, né?! Tinha o Wilson, eu não sei de onde ele era, acho que era de São Paulo, o Jorge, de Cassilândia, o Paulo Neres, acho que era de Campo Grande, o Djalma¹¹⁰, a Lourdes¹¹¹ e Marcelo Polezzi¹¹². Eu lembro desses.

T: Quem era o coordenador do curso de Ciências e o gerente da unidade?

E: Na época foram dois, (se não me engano) foi o Paulo Neres e a Janete. A Janete foi gerente e o Paulo coordenador. No finalzinho, eu acho que o gerente era o Gustavo¹¹³, o Gustavo também lecionou no curso de Ciências, foi meu professor.

T: O Gustavo lecionou qual disciplina?

E: Zoologia.

T: Você lembra se os professores eram mestres ou doutores?

¹⁰⁹ Linguagem de Programação Computacional.

¹¹⁰ Djalma Querino de Carvalho, possui graduação em Ciências Políticas e Sociais, mestrado e doutorado em Educação. Lecionou no curso de Ciências e Matemática na unidade universitária de Cassilândia. Atualmente leciona na UEMS, unidade de Paranaíba – MS.

¹¹¹ De acordo com a depoente, a professora era conhecida como Lourdinha e lecionava Didática. Não conseguimos mais informações.

¹¹² Marcelo Polezzi faleceu no ano de 2007, era graduado em Ciências Matemática, tinha mestrado em Matemática e cursava doutorado em Matemática Aplicada e Computacional. Lecionou no curso de Ciências e Matemática da unidade universitária de Cassilândia.

¹¹³ Gustavo Haralampidou da Costa Vieira, graduado em Ciências Biológicas, mestrado em Ecologia e Conservação e doutorado em Entomologia. Atuou como professor no curso de Ciências na unidade de Cassilândia, é Diretor da unidade universitária da UEMS de Cassilândia desde 2007.

E: Então, todos eram mestres, tinha o professor Wilson que era pós-doutor, eu acho. O Paulo Neres não era mestre ainda, ele estava cursando o mestrado, mas os outros eram todos mestres.

T: Quantas aulas diárias vocês tinham no curso?

E: Nós tínhamos 5 aulas, todos os dias. No terceiro ano nós éramos liberados um dia da semana, se não me engano na segunda-feira, para estágio e, no último ano, fomos liberados na segunda e na sexta-feira, aí, nós tínhamos aulas somente na terça, quarta e quinta-feira.

T: Aos sábados vocês tinham aula também?

E: Não, aos sábados é igual eu falei, alguns professores se dispunham a fazer um reforço, para ajudar.

T: Tinha muita procura por professores de Matemática antes da implantação do curso?

E: Antes do curso não tinha professor de Matemática. Eu lembro que os professores que lecionaram Matemática pra mim, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, alguns vieram de fora, outros ainda estavam estudando e outros não eram formados em Matemática. Então, eu acho que faltava muito professor de Matemática.

T: Você lembra o nome desses professores que lecionaram Matemática para você na Educação Básica?

E: Lembro. A professora Janete e o professor Gilberto¹¹⁴ (esses eram graduados em Matemática), a professora Meire¹¹⁵ (ela veio de fora), o professor Valmir¹¹⁶ (acho que

¹¹⁴ Gilberto Elias Ferreira lecionou Matemática muitos anos em Cassilândia, faleceu em abril de 2008.

¹¹⁵ De acordo com a depoente, a professora Meire lecionou Matemática por um período na Escola Estadual Marechal Rondon e depois foi para outra cidade.

¹¹⁶ Valmir Ancelmo Dias, graduado em Matemática com ênfase em Ciências da Computação, mestrado em Matemática – PROFMAT. Professor convocado do curso de Matemática, da unidade universitária de Cassilândia.

na época ele cursava Matemática ainda, ele era bem jovem), e um outro professor que eu não lembro o nome, mas na época ele cursava Matemática em outra cidade.

T: Depois da implantação do curso, como era a procura de professores de Matemática?

E: Então, aí, lá em Cassilândia, sobrou professor, né?! A procura ficou ao contrário, era procura para aula.

T: Você comentou que depois de terminar curso, no ano seguinte, você começou a lecionar. Como você começou a lecionar?

E: Teve um processo seletivo e o Estado analisou somente os currículos, e como eu tinha dois cursos de Iniciação Científica no currículo, isso pontuava bastante, aí, eu consegui ingressar.

T: Você lecionou inicialmente no Ensino Fundamental ou Médio?

E: No Fundamental, iniciei com Ciências, eu não gostei, foi uma catástrofe. [Risos].

T: Depois você lecionou Matemática?

E: Eu lecionei Matemática depois, eu não lembro se foi um ano ou dois depois, eu trabalhei no CMEIC¹¹⁷, depois eu trabalhei dois anos no Indaiá do Sul e depois eu assumi concurso aqui [em Chapadão do Sul] e vim pra cá.

T: Você que estudou lá em Cassilândia, na UEMS, e atualmente leciona aqui em Chapadão do Sul, você lembra de onde eram os alunos que estudavam no curso de Ciências? Eles eram de outras regiões?

E: Na minha sala, por exemplo, tinham vários alunos daqui de Chapadão do Sul, (a professora Ivone, daqui de Chapadão, nós estudamos juntas), tinha também aluno

¹¹⁷ Centro Municipal de Ensino Vereadora Ilma Costa, localizado na cidade de Cassilândia.

de Caçú – GO. Eu lembro que o nosso ônibus, de Cassilândia, que ia pra UEMS era um só, mas o pátio ficava cheio de ônibus de diversas cidades vizinhas.

T: Sobre a extinção do curso de Ciências, você sabe porque decidiram extinguir esse curso e iniciar Matemática?

E: Então, foi o professor Brandini que nos comunicou que não seria mais Ciências, que seria Matemática Licenciatura Plena. Mas eu não sei o porquê. Eu percebi que o nosso curso de Ciências formava mais pessoas que o curso de Matemática. A minha turma começou com cinquenta alunos e formamos em vinte e seis, mas eu não sei o porquê. Eu penso que tinha aulas mais diversificadas, porque o curso de Ciências tinha aula de laboratório, era um curso interessante, sabe?! Um aluno da minha sala ele estudou dois anos conosco e depois transferiu, foi para outra cidade que tinha unidade da UEMS, ele aproveitou as disciplinas dois primeiros anos e cursou o terceiro e quarto ano em Ciências Biológicas. Eu acredito, que o fato do primeiro e segundo ano serem mais voltados para Ciências, era um pouco mais fácil, e quando chegava no terceiro e no quarto ano ficava mais difícil desistir. Acho que a maior evasão é no primeiro ano, eles acham difícil, têm mais dificuldades, porque vem lá debaixo [as dificuldades].

T: Na sua turma, ou nas outras turmas de Ciências, tinha algum colega que lecionava e fazia o curso?

E: Sim, tinha a Ivone que já lecionava aqui [Chapadão do Sul], e fazia o curso. A lara já lecionava, ela é uma mulher que estudou comigo, na época ela tinha cinquenta anos, nos formamos juntas, tinha a Lilian e a Solange, elas eram de Aporé – GO. Acho que a Elma e a Eudirene também lecionavam, tinha vários colegas que eram professores.

T: Eles atuavam na área de Matemática ou de Ciências?

E: A Ivone atuava na área de Ciências, a lara na área de Pedagogia, se não me engano ela lecionava para pessoas com deficiência visual e, as outras meninas, se não me engano, eram pedagogas.

T: Para você qual foi a importância de ter feito o curso de Ciências?

E: Ah, pra mim foi muito importante, porque eu queria continuar estudando. Não era o curso que eu queria fazer, mas era importante ter nível superior, na época eu não queria atuar, mas acabei gostando. Foi muito importante pra mim, porque hoje, eu gosto muito do que faço, graças a Deus sou feliz, realizada, gosto bastante, apesar da desvalorização, né?! Gosto do que faço.

T: Erika, tem alguma coisa que nós não perguntamos que você gostaria de contar?

E: Não, acho que não.

T: Obrigada pela sua contribuição.

E: Por nada, eu que agradeço, precisando...

[Neste momento fazemos os agradecimentos e explicamos os procedimentos que seriam realizados com o material, finalizando com a leitura do termo de autorização de uso da entrevista para fins de pesquisa]

4.6 Antônio Canuto Brandini

Figura 19: Antônio Canuto Brandini



Fonte: momento da entrevista

Entrevista com o professor Antônio Canuto Brandini, realizada no dia 24 de junho de 2017, às 13:30 horas, na residência do professor Brandini em Aparecida do Taboado – MS, com duração de 1 hora 30 minutos e 23 segundos.

Tatiana (T): Professor, primeiramente, muito obrigada por aceitar contribuir com a nossa pesquisa. Eu gostaria que o senhor falasse o seu nome completo, data de nascimento, onde o senhor nasceu e outras informações que achar relevante.

Brandini (B): Tá legal! Meu nome é Antônio Canuto Brandini, resido em Aparecida do Taboado – MS. Nós viemos para o Mato Grosso¹¹⁸ no ano de 1973, para residir em Aparecida do Taboado. Fiz o meu curso de Graduação em Matemática, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, na cidade de Tupã, e depois o curso passou para Marília. Eu fiquei inativo, sem lecionar, por 13 anos, porque o Estado de Mato Grosso pagava muito pouco para o professor da rede. O Wilson Barbosa Martins ganhou para governador, em 1984, e melhorou o salário de quem lecionava 20 horas aulas, passando de um salário mínimo para quatro salários e meio. Com

¹¹⁸ Neste período ainda era Mato Grosso *Uno*.

isso, parece que deu um respaldo pra eu poder lecionar, certo?! Então, iniciei minhas 40 horas aulas no Colégio Ernesto Rodrigues¹¹⁹, por dois anos, 1985 e 1986.

T: Aqui em Aparecida do Taboado?

B: Isso, em Aparecida do Taboado. Depois eu fui transferido para uma nova escola que o governo criou, em 1988, Georgina de Oliveira Rocha¹²⁰, eu fui o primeiro professor inscrito naquela escola e, lá, eu permaneci até o dia 13 de abril de 1995, quando eu fui convidado para lecionar na UEMS, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

T: O senhor falou que ficou inativo [sem lecionar] por um período?

B: 13 anos, de 1973 a 1986.

T: E o que o senhor fez neste período?

B: Ah não, nesse período aí... Eu tenho que falar também?

T: Pode falar, se o senhor quiser contar!

B: Eu cheguei a Aparecida do Taboado e percebi que a cidade estava muito parada, em relação ao problema de loteamento. Tinha umas duas ou três chácaras, em que os moradores eram proprietários a 40/50 anos e não queriam vender para aumentar a cidade, eles queriam muito caro nessas terras. Eu resolvi verificar o que eles tinham, a quantidade de terras, quantos lotes dava e se dava pra eu pagar o que eles pediam. Eu percebi que sim. Então, adquiri as três chácaras e fiz três loteamentos: Jardim Brandini I, Brandini II e Jardim Vila Rica, com 729 lotes. Era mato, eu abri tudo, criei as ruas, fiz a eletrificação por minha conta, e eu dei sequência na cidade. No decorrer de um ano eu consegui vender todos os terrenos. Ganhei dinheiro? Não sei! Eu acho que tive prejuízo, porque eu vendi muitos terrenos com duplicata, eu não tinha noção do jeito que era isso, eu passava a

¹¹⁹ Escola Estadual Ernesto Rodrigues, localizada no município de Aparecida do Taboado – MS.

¹²⁰ Escola Estadual Georgina de Oliveira Rocha, localizada no município de Aparecida do Taboado – MS.

escritura pra pessoa e muita gente não me pagou. Eu não tive como acionar a justiça porque a escritura que eu dei era ordem de pagamento, se eu tivesse colocado o número da duplicata na escritura eu poderia acionar os caras, né?! Então, eu perdi uns 35 terrenos mais ou menos.

Bom, iniciei as aulas na Escola Ernesto Rodrigues em 1986/1987, e fui transferido para a nova escola, Georgina de Oliveira Rocha em 1988, permaneci nesta escola até abril de 1995, quando fui convidado pra Universidade em Cassilândia, onde trabalhei por vinte anos, até a aposentadoria no ano de 2014.

T: O senhor fez especialização, mestrado?

B: Quando eu comecei a lecionar na escola Ernesto Rodrigues, eu tinha somente graduação. No ano seguinte eu descobri, em Jales, na Faculdade de Filosofia e Ciências, que havia iniciado uma Pós-Graduação lá, e como a Pós foi criada para o pessoal de São Paulo, eu fiquei sabendo por um acaso, eu e a minha amiga aqui de frente [Brandini aponta para a residência em frente a sua]. Eu e mais três professores daqui de Aparecida concluímos essa Pós-Graduação (só nós quatro, mais ninguém fez esse curso no primeiro ano, depois, no segundo ano, começaram até vender diploma lá). Eu cursei Didática Especial. Depois, esse documento [certificado da Pós-Graduação] foi pra escola Georgina e eu recebi aumento de uns 12,5%.

Quando comecei a lecionar na UEMS, em 1995, no ano seguinte, em 1996, eu fiz uma seleção para cursar uma Pós-Graduação em Educação Especial, em Marília – SP. Eu fui aprovado, e na semana que eu iria a Marília fazer minha matrícula, falaram pra mim que em Ilha Solteira, na UNESP, tinha iniciado um mestrado em Engenharia Elétrica. Eu fui a Ilha Solteira e não tinha mais vaga, aí, entrei como aluno especial. Cursei um ano como aluno especial e no ano seguinte eu me inscrevi como aluno regular. Naquele tempo o mestrado era 3 anos, mas como eu cursei um ano como aluno especial, então, meu mestrado durou quatro anos no total.

A banca do meu mestrado era da USP¹²¹ e quando eu terminei o mestrado a banca mencionou que os professores deveriam deixar eu fazer a matrícula pro doutorado (mas não era pela idade não). Então, no decorrer de três anos eu concluí as 8 disciplinas, mas, aí, depois eu fiquei doente, tive um problema na coluna, o médico me proibiu andar de ônibus e de carro, ele falou pra mim: “Olha, você só vai onde você tem certeza que não vai levar bacada, que não vai levar choque”. Eu consegui ir pra Cassilândia naquela base, né?! Só pensando se acontecesse alguma coisa... Passados dez anos que eu havia abandonado o curso [doutorado], eu descobri que em São Paulo tinha uma Universidade que aceitava os meus créditos da UNESP, então, eu fui lá! Olharam meus documentos e falaram: “Nós vamos aceitar porque é da UNESP, e você só faz uma disciplina e defende a tese aqui. Vamos achar um orientador pra você e dentro de um ano conclui”. E foi o que aconteceu, meu doutorado é em Ciências Matemática, na Universidade São Marcos¹²².

Quando eu aposentei, (que a partir de 70 anos não pode trabalhar mais, né?! O dia que você completa os 70 anos você não tem valor mais dentro do estabelecimento que está trabalhando), o reitor, o Fábio Edir¹²³, acertou uma disciplina pra mim no PARFOR¹²⁴, em Coxim. Por meio dessa disciplina eu lecionei cinco semestres consecutivos, porque eles não tinham nenhum professor lá que fazia a coisa certa, sabe?! Os caras iam lá, ministravam uma aula e iam embora. Eu ia pra lá e ficava um mês lecionando pros alunos, preparando, porque você já fez Cálculo I, II e III e Análise Matemática, você sabe como é. Agora, eu ministrar essa disciplina só com 80 horas aulas, fazer exame, entregar em 30 dias tudo *bonitinho* e enviar o diário pra Dourados, tinha que trabalhar bonito mesmo!

T: Professor, como e quando o município de Cassilândia surgiu na vida do senhor?

¹²¹ Universidade de São Paulo.

¹²² Universidade São Marcos de São Paulo, fundada na década de 1970 e descredenciada pelo Ministério da Educação em 2012.

¹²³ Fábio Edir dos Santos Costa, exerce o cargo de reitor da UEMS desde 2011.

¹²⁴ Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, o PARFOR é um programa emergencial de oferta da Educação Superior gratuita para professores da Educação Básica, em exercício, que não possuem formação superior ou atuam em área diferente de sua formação. Este Plano está em vigor desde 2009.

B: Olha, eu conheci Cassilândia no ano de 1968. Meu tio era corretor, e vieram uns corretores aqui e falaram que tinha uma propriedade muito barata lá em Cassilândia, então, nós fomos lá. Nessa época o prefeito era o Joaquim Tenório, o Pernambuco, ele tinha três filhas, tudo grandona (tudo velhona hoje, né?!). Uma tinha 17 anos, outra 15 e a outra 14. Então, eu estava almoçando na casa do senhor Joaquim, e eu era meio *matutão*, ele falou pro meu tio: “Você tem que fazer esse rapaz comprar essa terra aqui, porque eu tenho três moças aqui pra arrumar pro casamento”, aí, eu quase entrei debaixo da mesa. [Risos].

T: [Risos].

B: Eu falo isso pra mãe da Lilian¹²⁵, e ela fala: “Brandini, eu lembro disso como se fosse hoje, nós todos ficamos vermelhos e nós ficamos chateados, porque o nosso pai era doidão”. Mas não deu certo a compra dessa terra. Eu tenho um tio que mudou pra Cassilândia na década de 1970, eu não saía de Cassilândia, ia passear na casa dele, é o José Canuto dos Reis, o Canutinho lá da gráfica é filho dele.

T: O senhor falou que o convidaram para lecionar na UEMS. Como foi isso?

B: É, foi o seguinte.... Em Maio de 1993, eu fui pra Campo Grande – MS, com uns tios da Sirlei, eles eram políticos (vereador e presidente não sei do que aqui). Quando chegamos a Campo Grande – MS, fomos na casa do Valdomiro Gonçalves, lá estavam parentes dele, o Pedro Pedrossian, que era o governador na época, o Schmidt que era o Chefe da Casa Civil e mais uns três ou quatro deputados. E nós ficamos de lado, ouvindo o bate papo deles (eles estavam criando a UEMS) nós ficamos até 2 horas da manhã ouvindo aquele povo.

Fiquei ouvindo eles falarem que cada cidade que tivesse um deputado, o cara [deputado] queria uma unidade da UEMS. Então foram 12 unidades escolhidas e ficou faltando duas. Uma unidade ficou para ser instalada em Glória de Dourados ou Aparecida do Taboado. Nessa época o Valdomiro Gonçalves tomava conta aqui, na região do Bolsão e Paranaíba já tinha sido escolhida, Cassilândia também tinha sido escolhida, Três Lagoas também, mas Aparecida do Taboado estava isolada. Aí, o

¹²⁵ Lilian Tenório Carvalho, funcionária do setor administrativo da UEMS de Cassilândia – MS.

Valdomiro falou assim: “Nós temos aqui um moço que vai ser candidato a vereador. Brandini, se você for candidato e for eleito, você será meu representante em Aparecida do Taboado, e essa última unidade vai para Aparecida”.

Eu subia no palanque e falava isso, cansei de falar, mas ninguém ouvia, entrava num ouvido e saía pelo outro. Roubaram meus votos pro Chapéu de Bico, pro Rubinho que era outro professor, pro Djalma, que é um cara que anda lutando e sempre perde, pro Andrezinho, que é professor também, roubaram meus votos pra esse povo, eu tinha mais de mil votos por causa dos loteamentos que eu fiz aqui, certo?! Os loteamentos saíram no ano de 1980/1981, aí, fizeram um rolo comigo e eu fiquei em último lugar, perdi por 10 votos.

O Valdomiro ficou indignado e falou: “Brandini, não vou mandar essa unidade pra Aparecida do Taboado não, vou te dar um emprego, vou te dar uma vaga na UEMS. Já tem um professor escolhido, (que era o Paulo Neres, né?!) mas Física vem um menino, um careta lá, que ninguém sabe porque que ele está lá, parece que escolheram ele, mas nós vamos vetar ele e vamos colocar você em Física”. Então, eu comecei na UEMS lecionando Física, 7 aulas, depois surgiu o primeiro e segundo ano de Cálculo, lecionei 7 anos de Cálculo, 14 horas aulas, isso no curso Ciências, certo?!

Bom, aí, eu ganhei essas aulas e o povo aqui [de Aparecida do Taboado], viu que eu estava trabalhando lá, e nada de UEMS aqui, o prefeito veio atrás de mim, “oh cara, e aquele negócio que você falava no palanque?” Aí eu falei: “Vai o senhor lá descobrir, vai lá brigar com o Valdomiro! Vocês não deram apoio para eu ser eleito, o cara [Valdomiro] ficou chateado e não implantou uma unidade aqui!”.

T: O senhor falou que numa reunião na casa do Valdomiro, em Campo Grande, foi decidido quais seriam as cidades que sediariam uma unidade da UEMS? Eu fiz uma pesquisa nos arquivos do *Cassilândia Jornal*, e eu encontrei algumas notícias dizendo que Cassilândia não estava na lista das cidades escolhidas para sediar uma unidade da UEMS e que depois ela entrou nessa lista.

B: Eu vou te falar um negócio, não é verdade! Porque o Valdomiro é o maior articulador da UEMS no Estado, não era muita coisa do Pedrossian não, porque ele estava terminando o mandato como governador, ele ia querer criar faculdade?! Ele

criou a UEMS faltando seis meses para entregar o cargo, porque dia 31 daquele ano encerrava o mandato dele, você entendeu?! Cassilândia foi a primeira a ser escolhida, depois foi Paranaíba porque o Marcelo Miranda também estava no meio.

T: O senhor acha que havia um interesse político na criação da Universidade?

B: Claro! Toda cidade, menos Glória de Dourados que não tinha Deputado, as outras todas tinham Deputado. Paranaíba tinha Deputado.

T: Então tinha uma ligação, ser Deputado e ganhar uma unidade da UEMS?

B: Claro! O cara [Deputado] estava lá pra brigar, senão ele não votava pra criar a Universidade.

T: Certo. O senhor lembra mais alguma coisa desse processo de criação da UEMS? O senhor participou de mais alguma reunião?

B: Não, eu não fazia parte desse negócio aí, aquele dia é porque coincidiu de estar lá, certo?! Eu não participei da criação.

T: O senhor falou que iniciou na UEMS lecionando Física, né?!

B: É, iniciei no dia 13 de abril de 95, saiu no Diário Oficial.

T: O senhor começou a lecionar na UEMS, em Cassilândia, por concurso ou por cedência?

B: Por cedência, eu era funcionário do estado em Aparecida do Taboado, 40 horas aula.

T: O senhor falou que foi numa reunião, e o Valdomiro falou que ia arrumar um emprego para o senhor, mas teve alguma seleção?

B: Olha, a seleção era o seguinte... A gente ia lá e fazia um bate papo lá em Dourados. Tinha um cara lá, e depois de dois, três anos falei: "Cara, porque escolheram você pra fazer aquele bate papo com a gente, heim?!" E ele: "Uai, não

sei Brandini, me puseram lá!” Era o Zé... Ah, esqueci o nome dele! Era um professor nosso, né?! Ele falava: “Senta aí!” Com coisa que ele era o bom e a gente não sabia nada, aí, ele perguntava: “Onde você lecionou?” Eu respondi e ele falou: “Ah rapaz! Seu documento é melhor que o meu! O seu documento tem Matemática e Física e o meu não tem. O meu além de ser de três anos, só tem Matemática e nem pura era!”

T: Como era a estrutura organizacional da UEMS quando o senhor entrou em 1995? Tinha um gerente, um coordenador de curso?

B: Então, esse negócio do gerente foi o seguinte... O Pedrossian criou a Universidade, e o cara [governador] coloca os caras dele, né?! Então colocou o Celes, eu não sei o nome completo dele... Celes de Castro. Ele era o gerente. O Wilson Barbosa Martins ganha a eleição, e a Janete e mais uma pessoa, que eu não lembro quem era, falaram pro Wilson Barbosa Martins: “Você tem que trocar Cara, nós estamos com a política na mão, nós fizemos você ganhar”. Tiraram o Celes e colocaram a Janete na gerência.

T: O Celes era professor?

B: Era professor de História, da rede Estadual em Cassilândia. A Janete tomou posse no mesmo dia que eu.

T: Ela tomou posse como gerente da unidade?

B: É, ela tinha que ministrar duas aulas também, não sei qual disciplina ela ministrava, ela é graduada em Matemática, o documento dela era muito bom, de Votuporanga – SP. A Janete continuou até 2001. A Janete assumiu e começamos a trabalhar juntos, eu não sei o que ela via em mim, mas ela se apegou comigo, qualquer coisa que vinha de Dourados, não sei de onde, ela falava: “O Brandini, vem cá! Me ajuda aqui!”. Ela me procurava pra trocar ideias. A Janete e o Paulo eles eram meio esquisitos na política, o Paulo sempre falava: “Oh Bandini, cuidado, essa mulher é perigosa!” Depois de seis anos, em 2001, o Jair Boni ganha a eleição para prefeito, aí, ele [Jair] falou pra mim: “O Brandini, quando a reitora vem aí?” E eu falei:

“Ah, mês que vem ela tem que vir”, aí ele disse: “Fala pra ela que preciso conversar com ela!”

T: A reitora era quem?

B: A Leocádia. E eu falei pro Jair: “O que que foi?” E ele: “Não posso falar, senão pode cair em água isso aí!”

Eu vou mudar o assunto porque eu lembrei de uma passagem especial. Um dia, cheguei na UEMS, a Janete e o Paulo estavam discutindo por que que a unidade não ia em Dourados no protesto. O Wilson Barbosa Martins queria fechar a UEMS, porque não foi ele que criou e além disso começou a perceber que tinha que dar 1 milhão de reais por mês pra pagar os professores. A UEMS não tinha estrutura nenhuma, e ele tinha que fazer os prédios em Campo Grande, Três Lagoas, em Dourados, (só fizeram dois, hoje tem oito, né?!). Ele fez umas contas lá e decidiu fechar a UEMS.

Com isso, reuniram as 14 unidades pra ir para Campo Grande, num debate na Assembleia Legislativa, pra legalizar, né?! Fecha ou não fecha?! Eu observei o Paulo e a Janete discutindo e falei: “O que vocês estão falando aí? Eu não estou sabendo de nada?!” Aí, o Paulo disse: “O Brandini, você entrou aqui e você vai voltar pra trás! Não deixa ninguém pegar suas aulas lá em Aparecida do Taboado não, porque você vai voltar!” E eu falei: “Por que?” E ele: “Porque a UEMS vai fechar!” Falei: “Ah, rapaz, que vai fechar o que sô!” E o Paulo: “Vai fechar cara! Cada unidade tem que levar os alunos depois de amanhã a Campo Grande”.

Como a Janete (ela era vereadora) e uma outra pessoa quiseram tirar o prefeito [Jair Boni], (o Jair não quer nem ver a cara dela), ele não queria disponibilizar os ônibus pra levar os alunos no manifesto, ele disse que se fosse o Celes de Castro ele disponibilizava. Mas, aí, eu perguntei pra Janete e pro Paulo: “Quem é o prefeito?” Eles responderam: “O Jair” E eu disse: “Jair do que?” E eles: “Jair Boni.” Eu não falei nada pra eles, só pensei: “Meu amigo de colégio, sete anos em Fernandópolis, eu não sabia que ele era o prefeito de Cassilândia...”

T: Então o senhor é amigo dele desde aquela época?

B: Desde 1970. Aí eu perguntei pra eles: “Tem carro pra levar eu lá [na prefeitura]?” E o Paulo: “Pra fazer o que?” (Com aquele jeito dele, né?!) [Brandini muda a voz para imitar Paulo falando]. O Paulo me conhecia pouco, aí eu falei pra ele: “Cara, deixa eu tentar!” E ele: “É, pega o carro das meninas aí, pega as duas meninas que estão representando os alunos”, uma era de Matemática, a Ângela Alonso¹²⁶, e a outra era de Letras, uma que trabalha nas Pernambucanas até hoje, ela não leciona. Aí, as meninas foram comigo.

O Jair estava lá, naquele negócio de máquina velha! As meninas entraram e eu fiquei de lado, em pé, e ele estava conversando com um velhinho lá, e ele assim... [Brandini abaixa a cabeça pra representar o modo como Jair estava posicionado] cabeça baixa. Ele se despediu do velho, deu um cafezinho pra ele, aquele jeito dele, dá um café pra mandar ir embora, né?! E, aí, ele olhou para as duas meninas e disse: “O que vocês estão fazendo aí?” (Ele já tinha corrido com elas umas três vezes) E elas: “Pera lá, Jair, não somos nós que queremos conversar com o senhor, não, é o professor que vai falar!” Aí, ele: “Pode falar” [Brandini modifica a voz e franze o rosto para expressar o tom que Jair falou, um tom áspero]. Aí, eu falei: “Oh, meu amigo, é o seguinte... como que uma pessoa vai conversar com a outra sem olhar quem é?” Aí ele olhou e falou: “Mas rapaz, de onde você saiu cara? Eu te conheço! De onde, heim?” Aí eu falei: “Ah rapaz, toma jeito! Você não lembra não, das puladas de muro na primeira exposição em Fernandópolis? Nós fazíamos uma pilha de tijolos pra pular o muro!” E ele falou: “Puxa, que...” Vinte anos fazia que eu não via o cara. Aí, ele: “Rapaz, por onde você andou?” (Acabou aquele papo de ônibus, né?!). Aí eu falei: “Ah, eu fui pra Marília, depois pra São Paulo, passei fome lá pra estudar e tudo, mas estou aqui!” Aí, vai daqui vai de lá, e ele pergunta: “O que o senhor está fazendo aqui Brandini?” E eu: “Ah rapaz, o Valdomiro me convidou pra lecionar aqui e cheguei num rolo danado. O Governador quer fechar a UEMS”, ele falou assim: “Oh, Brandini, se você deu baixa nas suas aulas lá [em Aparecida do Taboado] você volta lá e pede elas de volta, porque ele vai fechar, conheço esse cara!” Eu respondi: “Mas você não acha que podemos tentar? Podíamos ir nessa reunião, parece que vai ter mais de 2000 pessoas lá, as 14 unidades juntas!” Ele falou: “É, vamos tentar, né?!”

¹²⁶ Ex-aluna do curso de Ciências com Habilitação em Matemática da UEMS de Cassilândia. Leciona na Educação Básica em Cassilândia – MS.

O Jair pegou o telefone ligou pro Secretário dele, falou assim: “Pega aquele ônibus bom, manda colocar os pneus novos que estão guardados, faz revisão, lava, abastece e 4 horas da manhã de frente a UEMS pra levar os alunos pra Campo Grande. E liga pro prefeito de Itajá que eu quero falar com ele agora!” Eram dois cursos, 80 alunos, mais os professores, então precisava de dois ônibus. As meninas ficaram com um *zoião* assim oh... [Brandini faz gesto com a mão para representar olho grande, de espanto]. Elas não ouviram nada dele e de repente o homem começou a falar em ônibus. Aí, dentro de 5 minutos o cara [prefeito de Itajá – GO] ligou: “Pois não Jair?” O Jair: “Aquele ônibus zero seu tá aí?” O prefeito disse: “Tá”. Jair: “Então você manda ele pra UEMS amanhã às 4 horas da manhã, às 4 horas heim?! Horário de Brasília, nem um minuto antes ou depois, e vai pra Campo Grande!”.

As meninas ficaram me olhando, a Ângela falou: “Professor, eu gostaria de saber quem é o senhor?! O homem de um leão virou um gatinho!” Eu falei: “Eu já te falei que eu estudei com o homem 7 anos, éramos amigos de carteira”.

Aí, chegamos na UEMS, eu e as duas meninas, aí, a Janete falou: “E aí, Brandini, saiu corrido?” Eu falei: “A senhora pode se preparar que amanhã às 4 horas os ônibus estão encostando aqui!” A Janete falou: “É brincadeira Brandini?!” O Paulo: “Cara, você chegou aqui ontem e já quer contar mentira?!” Eu disse: “O cara, se você quiser ir levanta 3 horas da manhã! Liga pro Jair pra confirmar! Não, você não vai ligar pro Jair porque você não gosta dele! Liga pro Giroto¹²⁷, você tem amizade com ele!” O Paulo foi lá e ligou pro Giroto: “O que o Brandini está falando aqui é verdade?” O Giroto falou: “Oh, mais do que verdade, eu estou abismado, eu queria saber quem é esse Brandini! Eu tenho que conhecer esse cara, porque o Jair ninguém dobra! Esse cara nem conversou com ele e a coisa funcionou.” O Paulo falou pra mim: “Pois é, cara, você entrou aqui com tudo viu! Eu falei pro Paulo: “Só que tem uma coisa, eu não vou de ônibus com vocês!” Ele perguntou: “Por que?” Eu respondi: “Eu vou com o Prefeito e os vereadores de Aparecida do Taboado! Vocês não querem pressão? Eu vou com eles!” A Janete falou: “Rapaz, você vai com o prefeito? Nem o prefeito daqui vai!” Falei: “O nosso vai!”

¹²⁷ João Juarenço Giroto, advogado, jornalista e proprietário da Radio Patriarca FM de Cassilândia – MS.

O Doutor Vilson estava na esperança que ainda tinha jeito de ter uma unidade da UEMS aqui em Aparecida, ele falou: “Ah, vamos lá fazer pressão!” Mas não virou, né?! Aparecida não ganhou uma unidade da UEMS.

Quando nós chegamos na Assembleia, os ônibus de Cassilândia chegaram também. Quando a Janete me viu junto com o prefeito ela falou: “Brandini do céu, olha você é personagem aqui cara!”. Assembleia arreventou de gente, tinha gente lá em cima, tinha gente encavalado, um em cima do outro lá dentro. Foi na Assembleia a discussão. O Wilson Barbosa Martins estava presente, os 24 Deputados, o Valdomiro e a turma dele, lutando pra não cair, né?! Mas era contra o Governo, né?!

O Valdomiro era contra o Wilson Barbosa Martins, até hoje! Ah, o Valdomiro morreu! Chegou uma hora lá que o Wilson Barbosa Martins pegou e falou assim, pro presidente da Câmara (o presidente era aquele professor famoso que nunca perde, até eu convidei ele pra ser paraninfo uma vez e ele veio, ele é professor da Federal [UFMS], daqui a pouco eu lembro o nome dele). O Wilson falou: “Eu só vou concordar que a UEMS continue funcionando se tiver alguém aí, o reitor ou um cara da UEMS, que justifique a permanência dela”. Estava a Leocádia, o Luiz Antônio¹²⁸, eu e o Paulo, tudo lá na frente. A Leocádia falou: “Gente do céu, que bomba que sobrou pra mim!” Eu falei: “Professora, eu posso dar uma opinião?” Ela: “Pode falar Brandini!” Eu disse: “Aqui só tem uma pessoa, não vou desprezar a senhora e nem o Luiz Antônio, mas aqui só tem uma pessoa que sobe lá e arreventa!” Ela falou: “Quem?” Eu: “É esse cara aqui, o Paulo!” Aí, o Paulo: “Oh, Brandini, pelo amor de Deus!”, eu falei: “É você cara, eu tenho certeza absoluta!”. O Paulo fez o curso errado, ele tinha que ser advogado.

T: Aí ele subiu lá?

B: O Paulo tomou aquela *folegada*, e o pessoal esperando, né?! A Leocádia: “Paulo, toda vez que você falou alguma coisa, você tinha convicção das coisas, tem um conhecimento muito bom de leis, de tudo”. O Paulo subiu lá e deixou aqueles caras tudo de boca aberta! Depois de meia hora que o Paulo falou o Valdomiro pediu a palavra: “Eu nunca imaginava, eu nunca imaginei, que dentro da UEMS tivesse uma pessoa com essa capacidade!”

¹²⁸ Luiz Antônio Álvarez Gonçalves, foi reitor e vice-reitor da UEMS, faleceu no ano de 2008.

T: O senhor lembra o que o Paulo falou?

B: Ele falou na defesa da UEMS, né?! Ele acabou com o governador, disse que o Wilson Barbosa Martins queria interromper o funcionamento por motivos de finanças, mas o Estado tem de 3% a 5% pra gastar com a Educação Superior, e o Governo não estava gastando nada, não tinha outra Universidade Estadual, porque a Federal [UFMS] é do Governo Federal, né?! Era primeira Estadual, ele não queria assumir?! O Paulo arrebentou!

T: Quem eram os professores da UEMS de Cassilândia que participaram desse protesto?

B: Foi o Edilson, o Paulo, a Janete, a Eliane Greice, a menina aqui de Paranaíba que lecionou em Cassilândia e depois foi Pró-Reitora de educação, depois ela foi vice do Fábio Edir e perdeu! Ah, esqueci o nome dela! E duas professoras de Três Lagoas.

T: Certo. Mas o Governador voltou atrás da decisão de fechar a UEMS?

B: Depois que o Paulo acabou de falar, o presidente da Câmara, esse professor da UFMS, passou a palavra pro Valdomiro e ele fechou: “Bom, Doutor Wilson, aqui está tudo certo que a Universidade não vai fechar! O Wilson falou: “É preciso formar uma comissão agora, de um deputado, o reitor, um professor e um advogado da UEMS. Vai pra Brasília, no MEC, e estipula o que é que tem que ser feito, o MEC vai dar as coordenadas pra essa Universidade funcionar, vai dizer o precisa ser feito”. Então, o MEC determinou primeiramente que tinha que ter concurso. Depois de 4 anos teve o primeiro concurso, e o vestibular que ia ter naquele ano não ia ter mais. Em 1995 não teve. Continuou certo, no começo do ano, porque o vestibular era no meio do ano, então ficou um ano e meio de diferença da primeira turma. O MEC tinha que liberar uma verba pra UEMS, esse dinheiro não era do Estado, não, era do MEC, pra formação de mestres. Para a formação de mestres, contrataram quatro universidades, eu não lembro de todas agora, uma era a UFSCAR e tinha uma de Santa Catarina também. Eram quatro Universidades, com 20 alunos cada uma, para formar 80 mestres. Eu sou o único cara dentro da UEMS que não usou dinheiro do Estado pra fazer mestrado e doutorado, o resto estudou em cima de vencimentos da

UEMS, ganhando sem trabalhar e estudando. A pessoa afastava três, quatro anos e se o cara não concluísse, tinha que devolver o dinheiro, corria esse risco, aconteceu isso com dois professores.

T: O senhor sabe por que escolheram o curso de Ciências com Habilitação em Matemática pra Cassilândia?

B: Então, não, mas é... Em Glória de Dourados era Matemática Pura, foram os professores de Dourados que fizeram aquele processo, certo?! Em Nova Andradina e Cassilândia eu não sei quem é que se baseou nesse negócio de Ciências. Alguns queriam Ciências e outros queriam Matemática, aí, eu falei: "Então vamos misturar os dois cursos?!" Aí, fizeram, mas no fim...

T: O senhor participou dessa escolha?

B: Não, quando eu entrei na UEMS já estava pronto esse cronograma. O Paulo participou desse negócio aí, ele estava em Cassilândia no começo do Curso [Ciências]. Dos professores, somente o Paulo participou, porque a Janete não fazia parte ainda.

T: Quais eram os desafios e as dificuldades no início do curso de Ciências?

B: A dificuldade era o seguinte... Tinha Química e ninguém gostava de Química, tinha Biologia, a turma não podia nem ouvir falar em Biologia, o professor de Biologia era o Edilson, um professor muito bom, mas o povo parece que não entendia. Os alunos queriam saber de Matemática. Tinha Zoologia, Química, Física (tinha 4 disciplinas de Física, era a que tinha mais aulas), tinha Matemática Pura e não me lembro das outras.

T: Sobre os desafios no início do curso de Ciências, o senhor lembra se tinha muita procura por esse Curso, se tinha livro, se tinha biblioteca e laboratório?

B: Não tinha nada! Entraram 40 alunos, acho que o vestibular foi 50 ou 60 alunos, aí, escolheram os melhores (com alguma nota lá, mas entraram os 40, certo?!). No

segundo vestibular aumentou a concorrência, veio uma turma melhor. Porque no primeiro vestibular, no meio do ano, quem é que participou? Aqueles que tinham terminado o Colegial no final do ano anterior e não sabiam o que estavam fazendo ali, não tinha nada pra fazer, faculdade tudo longe. No segundo vestibular, um ano e meio depois do primeiro, já começou a aparecer uns elementos muito bons, tinha gente que era graduado em Engenharia (um cara lá de Chapadão do Sul era graduado em Engenharia, iniciou o curso pra poder lecionar). Tinha também umas professoras formadas em outros cursos.

A primeira turma eu gostei mais, porque eles tinham mais união, terminavam as aulas nós descíamos pra aquele boteco da esquina, que tinha um nome engraçado, nós ficávamos ali, naquele monte de mesa, até 1 hora da manhã, todos os alunos ficavam juntos. A segunda turma também foi legal. Da terceira turma em diante, começou a vir o pessoal de Itajá – GO, Caçú – GO, Aporé – GO, Paranaíba – MS, Chapadão do Sul – MS, todas aquelas cidades vizinhas, chegamos a ter 130 pessoas fazendo vestibular (pra escolher 40), aí, saíram boas notas, escolhíamos os bons, né?!

Mas a partir da primeira turma de Matemática já começou a ficar fraco. Em 2001, o que que aconteceu? Todo aquele povo que estava ali, inativo, muito... Na primeira, segunda e terceira turma deu muita gente antiga, com idade avançada, tinha cara casado, mulher casada, professora que tinha quinze anos de trabalho e não tinha certificado.

T: Trabalhava mas não tinha habilitação?

B: Não, ganhava como Professor Um lá, certo?! Então, começou a diminuir e veio os meninos novos, eles entravam e não aguentavam o repuxo. Aí, veio aqueles professores esquisitos, aqueles caras pegaram no pé desses meninos e os meninos falavam pra mim: “ôh, Brandini, não tem jeito!”

T: Onde ocorriam as aulas nos primeiros anos do curso de Ciências?

B: Ah, foi no prédio central lá, de três andares, como é que chama?! Os dois andares de cima eram nossos.

T: Tinha laboratório e tinha biblioteca?

B: Ah, tinha um laboratório, alguma coisinha da própria escola, a biblioteca era da própria escola. Mas depois a Leocádia começou a mandar uns livros bons. Eu arrumei umas duas camionetes de livro aqui em Aparecida do Taboado, desse pessoal que faz cursinho, faculdade de Medicina, de Engenharia, eu comecei a ir na casa desse povo pedir, e eles falavam: “Brandini, se você levar isso embora pra mim é um alívio, porque eu ia jogar tudo fora!” Então, eu levei um monte de livro pra lá. Veio um cara de Dourados com uma Perua¹²⁹, ele encheu ela até o teto, tirou os bancos, veio só pra levar os livros. Os livros foram pra Dourados pra selecionar, os livros de Medicina, de Química foram pra outro lugar, onde podia ser aproveitado, e já foram com o carimbo da UEMS.

T: Não tinha livros de Educação Superior no início do Curso?

B: Não tinha. No início dava mão de obra, começamos a trabalhar com aquilo que a gente tinha. Só o professor tinha livro, nos primeiros anos, aluno nenhum tinha livro, só se ele comprasse, né?! Muitos compravam, e pra comprar eles perguntavam: “Onde encontramos esse Piskunov?” Eu falava: “Ah esse só em São José do Rio Preto – SP!”

T: Piskunov era o que vocês usavam?

B: É, depois veio o Leithold, né?! Isso de Matemática. De Ciências [disciplinas de Ciências] tinham os livros deles lá, que nem lembro mais. Depois começou chegar livros, e quando fomos lá pra fazenda [nova unidade] no começo de 2002, já tinha bastantes livros adequados, pra todo mundo, tanto de Letras, Física e Matemática, já era Matemática Pura, né?! Começou a melhorar os professores, vieram uns professores de fora, mestres, começou a melhorar o nível. Aí, eu também terminei o mestrado em seguida.

T: Qual que era o perfil dos alunos que iniciavam no curso de Ciências?

¹²⁹ Carro denominado de Kombi Perua da Volkswagen.

B: Ah, aluno que trabalhava o dia inteiro na cidade e até brigava com o patrão pra sair meia hora mais cedo pra não perder o ônibus, 90% dependia da mão de obra pra sobreviver, e outros lecionavam no período da manhã, no 1º ou 2º grau, e a noite iam pra faculdade e meia dúzia de bancários. Tinha aluno que trabalhava no Banco do Brasil, outro no Banco Bradesco, hoje é tudo gerente!

T: Como era a evasão no curso Ciências, teve evasão?

B: Ah, teve. Até a terceira turma não, mas a partir da quarta turma o pessoal de Itarumã – GO, de Aporé – GO, de Itajá – GO, e gente lá da Cassilândia mesmo, não aguentavam o segundo semestre. Saía ou trancava matrícula, aí, entrava no outro ano novamente, melhorava um pouquinho, às vezes continuava, mas no terceiro ano trancava outra vez.

T: Por que acontecia isso?

B: Porque o pessoal não tinha base, o Colegial de Cassilândia era muito fraquinho. O Paulo e a Janete falavam: “Brandini, nós lecionamos no primeiro e segundo grau, os professores das disciplinas eram fracos demais, não tinham Habilitação pra lecionar Física, Ciências, História e Geografia”. Então, o aluno iniciava o primeiro ano, ia tudo bem, era o básico, quebrava o galho. No segundo ano já encontrava um Cálculo Diferencial, um troço daquele jeito, não aguentava e saía.

T: O senhor falou que no curso de Ciências tinha disciplinas de Zoologia, Química, Física e depois tinha Cálculo Diferencial e Integral. Neste Curso tinha diferença entre as disciplinas dos primeiros anos para as disciplinas dos últimos anos?

B: Até o segundo ano tinha disciplinas de Ciências. No terceiro e no quarto ano era mais Matemática, era Análise Matemática, Fundamentos II, Cálculo I e II, tinha até Cálculo III, Equações Diferenciais e Cálculo Numérico. Quando chegava nessas disciplinas os alunos não aguentavam!

T: Tinha unidade que ofertava Ciências com Habilitação em Matemática e tinha unidade que ofertava Ciências com Habilitação em Biologia, isso?!

B: Parece que não estou lembrado?! Ah, tinha mesmo! O aluno podia optar.

T: O aluno poderia fazer os dois primeiros anos de Ciências com Habilitação em Matemática, em Cassilândia por exemplo, e depois transferir para outra unidade que ofertava Ciências com Habilitação em Biologia e aproveitar os dois primeiros anos?

B: Não tinha transferência.

T: Não podia transferir de unidade?

B: Não, dentro da própria UEMS ele poderia, mas parece que ninguém fez isso?! Não teve transferência de aluno pra sair do segundo ano completo e ir pra outra unidade da própria UEMS. Não teve essa transferência. O aluno que não quisesse fazer o curso saía. Mas me parece que tinha uma matéria que o cara podia optar, ele optava pra Química ou pra Biologia, podia fazer isso, escolher a disciplina. Mas dentro do Curso normal, ele não fazia essa disciplina, mas fazia a outra, você entendeu?!

T: Quem eram os professores do curso de Ciências?

B: Ah, tinha o Edilson que era o professor de Biologia, de Zoologia, toda disciplina de Ciências era o Edilson que ministrava. A parte de Física era eu e a parte de Matemática era o Paulo. E a parte da disciplina de Didática Geral era essa professora de Paranaíba que eu não lembro o nome.

T: De onde vinham esses professores?

B: As professoras de Letras vinham de Três Lagoas, essa professora que eu não lembro o nome vinha de Paranaíba, o Paulo era da casa [Cassilândia], eu e o Edilson éramos de Aparecida do Taboado, eram cinco professores só, e a Janete era diretora.

T: O Edilson era de Aparecida do Taboado?

B: Ele morava aqui.

T: Ele ficou muito tempo no curso?

B: O Edilson brigou... ele discutiu, violentamente, com o prefeito¹³⁰, naquela época tinha prefeito lá na UEMS, o prefeito ficava lá em Dourados, era o título do cara, ele era prefeito da UEMS.

T: Mas ele seria o reitor?

B: Não, não era reitor. Tinha reitor, tinha vice-reitor, tinha o prefeito e tinha o secretário. O Edilson conversando com esse prefeito, e eu não sei o que o cara falou (o Edilson tinha um conhecimento muito bom esse prefeito era um professor simples, ele não tinha bagagem nenhuma pra discutir), o Edilson falou pra ele: “Rapaz, eu não sei porque que você está aí?! É cargo político?”, eu falei pro Edilson: “Rapaz, para com isso, o cara vai te mandar embora!” Teve o concurso e o Edilson tirou 9,5 na prova escrita, aí, precisava de 2,5 na prova didática. Eu assisti a aula do Edilson, ele deu um *show*, eu nunca vi um cara dar uma aula daquela na minha vida! Sabe quanto os caras [da banca] deram pra ele? Dois! Era pra reprovar! Deram dois pra ele!

T: Aí ele saiu da UEMS?

B: Saiu, eu falei pra Leocádia: “Oh, professora, eu não tenho nada com isso, não, mas por que perseguir as pessoas? O rapaz é superinteligente, está cursando o mestrado lá em Marília”, (o primeiro mestrado que concluiu foi o dele, o segundo foi o meu). Em Marília ele é uma sumidade, um secretário do IBILCE fez o mestrado

¹³⁰ A prefeitura do campus é o órgão responsável pela administração, supervisão e controle das atividades de conservação da sede e execução de serviços gerais. (MANUAL ACADÊMICO, 2001/2002, p. 10). Assim como a UEMS, a Universidade Estadual de Londrina – UEL, possui a prefeitura do *Campus* universitário, que planeja, elabora, executa e controla os projetos relacionados com a estrutura física do *campus*, incluindo a programação e administração das áreas públicas, bem como todas as atividades de manutenção da Universidade. Disponível em: <<http://www.uel.br/pcu/portal/>> Acesso em 07.04.18.

com ele em Marília, aí, quando abriram concurso lá, o secretário falou pra ele: “Edilson, é só doutor que está participando aqui, mas mestrado também pode.

T: O senhor lembra se tinha Iniciação Científica e Projeto de Extensão no início do curso de Ciências?

B: No segundo ano eu fiz um projeto de extensão aqui, em Física, preparação para o vestibular. Você duvida que eu joguei dois cara no IBILCE?! Foi aqui [Aparecida do Taboado], assistia os alunos aqui. Tinha 37 alunos nessa extensão. Fiz o projeto lá, e o destino era a população de Aparecida do Taboado, com alunos daqui, tinha até professor no meio, dois caras entraram no IBILCE, hoje são mestres em Tangará da Serra- MT.

T: Tinha Iniciação Científica também?

B: Iniciação Científica quem fez primeiro foi o Marco, ele fazia mestrado junto comigo, ele tinha mais facilidade, tinha mais tempo, né?! Ele foi um dos caras que fez a primeira Iniciação Científica.

T: A UEMS tinha um projeto de rotatividade de cursos, o senhor lembra desse projeto?

B: Lembro. Então, é o seguinte... Toda vez que a Leocádia queria trocar esse curso, eles colocavam o Valdomiro no meio, colocava político no meio. Queriam levar o curso de Cassilândia não sei pra onde, e trazer outro pra lá. Mas os caras não deixavam.

T: A Leocádia que queria trocar?

B: É, ela falava: “Gente, mais tem que trocar, essa Matemática tá antiga, vamos tirar isso daí, vamos levar essa Matemática pra Campo Grande e a gente traz outro curso semelhante ao de Letras”. Aí, a turma da Matemática ameaçava: “Oh, se fizer isso nós não vamos trabalhar mais, nós vamos embora, por que nós temos que mudar daqui pra Campo Grande? Não dá certo!” Porque se falasse que o curso vinha pra

Paranaíba não era problema. Um dia eu sugeri: “Leva Matemática pra Paranaíba”, aí eles falaram: “Mas Brandini, lá é Direito, não tem nada a ver!” Falei: “Manda o Direito pra Cassilândia, porque o prefeito está louco por esse curso!” Aí, eles: “Ah, mas aí vamos contrariar o prefeito de Paranaíba!” O prefeito de Paranaíba sempre deu verba pra eles, e o da Cassilândia não dava nada.

T: Em Cassilândia não aconteceu a rotatividade?

B: Não, nunca.

T: Em outras unidades aconteceu a rotatividade?

B: Ah, vixe! O rodízio lá era “feio”. O meu voto transferiu Matemática de Glória de Dourados para Dourados, criou Geografia em Jardim, Direito Matutino em Paranaíba, Direito em Naviraí e Pedagogia em Paranaíba. Eu fui demitido da FIPAR¹³¹ por causa disso, eu não sei quem falou para o pessoal lá que o meu voto tinha aprovado Pedagogia em Paranaíba. Aí, tirou os alunos deles, 40 alunos que ingressavam na FIPAR foram pra UEMS, estudar de graça. O cara [da FIPAR] falou assim: “Ano que vem Brandini, você só continua aqui se quiser ganhar a metade do que você ganha”. Falei: “Não, obrigado!”.

T: O senhor lembra quem era o coordenador do curso de Ciências e o gerente da unidade?

B: Era um só, o Paulo, ele assumiu os dois e a Janete era a gerente.

T: O senhor foi coordenador?

B: Eu fui coordenador no começo de 2002 até 2010.

T: Já era Matemática Licenciatura, né?!

¹³¹ Faculdades Integradas de Paranaíba – MS.

B: Era Matemática Pura, foram quatro mandatos. Eu fui dois mandatos de COUNI, dois mandatos de CEPE, dois mandatos de como é que chama lá?! De ensino... Presidente do... Um negócio de ensino lá, fui eleito duas vezes naquilo, foram dois mandatos de diretoria de Matemática, no início. Ninguém me conhecia... é... eu vou contar um acontecimento, porque é muito legal!

Eu comecei na UEMS em abril, quando chegou em agosto (começava o ano, né?!) naquela época, todo começo de ano tinha uma reunião dos professores, e dessa vez foi em Aquidauana – MS. Nós fomos pra Aquidauana e aquele povo discutia, tinha um pessoal que era advogado, lecionavam não sei onde, só eles conversavam, porque eu não ia comprar conversa fiada, eles brigavam entre eles, sabe?! A Leocádia brigando com um outro cara que trabalhava com ela, aquele rolo. Bom, chegou no último dia (isso foi num sábado) a Leocádia falou: “Amanhã faremos as votações pra eu escolher quem vai ser da diretoria de Matemática, quem vai ser do COUNI, tenho que arrumar todo esse povo, porque as diretorias tem que ficar prontas amanhã. Hoje nós vamos dispensar vocês, já estão cansados”, (de segunda-feira até sexta-feira, lá no prédio da UEMS de Aquidauana). Ela falou também: “E o prefeito vem aqui fazer uma palestra, hoje às 14 horas, nós vamos assistir e depois vocês estão liberados pra dar uma volta pela cidade, quem não quiser ir tem lugar de ficar aqui”. Tinha dormitórios naquela faculdade, nós almoçávamos lá, o pessoal de lá fazia uma comida que nossa... nós quase morríamos de tanto comer! Aí, eu falei assim: “Esse prefeito eu vou acertar esse cara!” Um cara falou assim: “Mas o que você vai falar pra ele?” Eu disse: “Deixa comigo cara!”

Eu não fui assistir a palestra do prefeito coisa nenhuma, fiquei esperando ele sair, aí, quando ele saiu da palestra, eu estava esperando ele na saída, (ele era doutor, estava assumindo o lugar do prefeito que estava doente) aí falei: “oh, doutor! Gostaria de conversar com o senhor um pouquinho.” E ele: “Pois não, professor?! Tem que ser rápido porque o avião está me esperando, tenho que ir pra Brasília – DF, tem reunião dos prefeitos lá”. Falei: “Tá bom, é o seguinte... Como o senhor viu, a UEMS tem 14 unidades e a sua cidade foi escolhida, tem 350 pessoas aqui, foi uma reunião espetacular, a sua cidade ficou famosa na televisão”. A TV Morena¹³² passava toda hora o que estava acontecendo lá! Aí, continuei: “Então, nós

¹³² TV Morena, afiliada da Rede Globo de Televisão, localizada em Campo Grande – MS.

queríamos que o senhor fizesse qualquer coisa pra nós, amanhã ou hoje à noite, um comes e bebes, né?! Ele falou assim: “Rapaz, mas o que o senhor é aí?” Falei: “Eu sou apenas um professor, a professora Leocádia me deu essa autoridade pra conversar com o senhor”, (tudo mentira!). Ele respondeu: “Uma cervejinha?!” Falei: “Rapaz, mas cerveja é... O senhor sabe muito bem que cerveja é diurético, né?!” Ele falou: “Você parece que entende... O senhor é político?” Eu falei: “Eu sou de dentro dos políticos de Aparecida do Taboado.” E ele: “Você conhece o doutor Vilson?” Eu respondi: “O doutor Vilson? Eu sou de dentro da casa dele eu leciono para as três filhas dele no colegial lá”, (lecionei, mas falei que estava lecionando ainda). Aí, ele disse: “Rapaz, você é amigo do doutor Vilson? Ah, você vai fazer um favor pra mim! Eu e o doutor Vilson ano passado, ficamos no mesmo quarto em Brasília, numa reunião com o Presidente da República, o homem é espetacular”. Falei: “Ah, mas isso você não precisava nem falar, porque ele é mesmo!” E ele: “Eu vou escrever uma carta pra ele e daqui duas horas o senhor vai na prefeitura pegar essa carta com a minha secretária e o senhor vai ver o que vou fazer pra vocês”.

Todo mundo ficou olhando eu conversar com o prefeito, aí alguém falou pra Leocádia: “O Brandini é conversador, você vai ver o que esse cara vai fazer!” De longe a Leocádia falou: “Brandini, o que você aprontou?” Falei: “Oh, professora, em primeiro lugar eu vou pedir desculpas pra senhora, porque eu falei que a senhora tinha me designado pra conversar com ele”, aí ela: “Não, tá perdoado. Mas saiu bem mal?” Falei: “Bem mal? Disse que meio dia é pra eu ir na prefeitura buscar as coisas, que estão arrumado pra nós lá”, a Leocádia: “Mas o que?” Eu falei: “Eu pedi uns comes e bebes, né?! Não sei o que vai acontecer!”

Tinha um Cara lá, o Neto, ele trabalha com o reitor hoje, ele é vereador, chamei o Neto e fomos na prefeitura. O Neto falou assim: “Oh, ou ele vai fazer uma coisa bem pequena porque ele é garrucha, não compra nem roupa pra mulher dele, ou ele vai fazer uma surpresa que nós vamos cair duro, eu conheço o cara”. Chegando lá, de longe nós vimos um caminhão encostado, lotado de coisas. Peguei a carta com a secretária e ela falou: “Essa carta o senhor tem que entregar pro doutor Vilson. E aqui está tudo que vocês têm pra quatrocentas pessoas comer e beber a noite inteira, e ele arrumou um conjunto do Paraguai pra tocar pra vocês lá, o Arpa.

Ele mandou 500 quilos de carne mateadas numa caixona com gelo, só pra colocar no fogo, tinha umas 20 caixas de *coca-cola*, guaraná e 10 barris de *Chopp* de 50

litros cada um. Tinhas trezentas e cinquenta pessoas, professores, tudo da UEMS. Fizemos a festa, o pessoal comeu, bebeu até madrugada e ainda sobrou muita coisa.

T: Essa reunião era pra formar comissões?

B: No outro dia, de manhã, todo mundo tomou um banho e fomos pra essa reunião. Todo mundo era candidato, o pessoal de Matemática todo mundo era candidato. Aí perguntaram: “Quem quer ser candidato?” O pessoal de Cassilândia: “Brandini, entra no meio aí!” Eu ganhei as três eleições que eu participei. Primeiro pra ser do COUNI, depois do CEPE e depois da diretoria de Matemática.

T: De Cassilândia estava o senhor e quem mais?

B: O Paulo não estava, porque se estivesse seria ele, né?! Estávamos eu, o Edilson, essa mulher que eu não lembro o nome dela, a Silvane, agora eu lembrei o nome dela, e a Janete.

T: Então, o senhor foi eleito do COUNI?

B: É, mas só podia ser eleito de dois, da diretoria da Matemática e do COUNI.

T: Qual era a função dessa diretoria?

B: A cada seis meses tinha uma reunião, pra ver como estava o andamento do curso. Nós éramos eleitos lá dentro, depois escolhíamos uma outra pessoa pra ser presidente e, aí, nós escolhemos esse cara, que era o prefeito, ele era de Matemática, né?! Eu falei: “O senhor já ficar aqui [em Dourados], vai ser o candidato, o senhor é o nosso presidente”. Nós éramos em sete elementos.

T: Era presidente de todos os cursos de Matemática que tinham na UEMS ou era só de Cassilândia?

B: Dos três cursos.

T: Vocês se reuniam e verificavam o andamento dos cursos?

B: É, nas reuniões tinha uma explanação, o Paulo sempre me passava as coordenadas, pra eu falar como estava o curso, eu fui quatro anos nessa diretoria.

T: Qual foi o motivo da extinção do curso de Ciências?

B: O motivo foi o seguinte... O povo já estava cansado, parece que esse curso não estava tendo muita aceitação em concurso pra professor de Matemática. Quando tinha concurso em São Paulo o edital exigia formação em Matemática Pura, então as pessoas não podiam fazer nem pra Ciências e nem pra Matemática, porque era Ciências com Habilitação em Matemática, misturava. Então, o MEC percebeu que esse troço estava errado.

T: Sobre essa decisão do MEC, vocês discutiram como seria o novo curso de Matemática?

B: Era pra ser Matemática Pura. Reuniram os professores tudo, né?! O Marcão fazia parte disso, o João Toledo que era da UNESP, o Nery, eu, o Paulo e a Janete. Montamos a grade do curso de Matemática Pura e Ciências caiu.

T: O que mudou na grade, do curso de Ciências para o curso de Matemática?

B: Essas matérias de Ciências saiu tudo. Nós incrementamos Matemática Pura: Cálculo I, Cálculo II, Cálculo III, Fundamentos I, Fundamentos II, Cálculo Numérico, Álgebra, Equações Diferenciais e a matéria que ninguém gostava: Análise.

T: Quais as principais diferenças entre esses dois cursos?

B: Dependia do gosto do cara, eu não podia nem ver o outro curso [Ciências], as vezes alguém falava: “Oh, Brandini, não quer dar uma aula de...” Eu respondia: “Não! Meu negócio é só Física, Cálculo e Fundamentos. Não vem com essas outras disciplinas que eu não quero!” Eu jogava tudo pro Edilson.

O outro curso [Matemática] nossa... O outro curso pra mim foi primordial. O curso de Ciências acho que... Eu ia ver Zoologia pra fazer o que? Eu ia fazer Biologia? Vai fazer Biologia, curso específico, né?! Biologia é muito legal, mas...

T: Qual a importância desses dois cursos pra cidade de Cassilândia naquela época?

B: Olha, eu acho que o curso de Matemática foi essencial. Agora o outro curso [Ciências], deixou a desejar. Eu nunca vi ninguém saindo dali falando que ia fazer Biologia, Química e Zoologia.

T: E por que senhor acha que Matemática foi essencial?

B: Porque pra todo lado que tinha concurso a exigência era Matemática. O curso de Matemática proporcionava uma formação específica, a pessoa podia fazer concurso do Banco do Brasil, pra Fiscal Tributário, em todos esses concursos a Matemática exigida é Matemática Pura, disciplina de Ciências não cai nada.

T: Qual a relação desse Curso com a Educação Básica?

B: Você fala Educação Básica?

T: É... a escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

B: Ah, eu vou falar sobre aqui [Aparecida do Taboado], quando eu dava aula aqui.

T: Mas sobre Cassilândia, o senhor não lembra?

B: Eu nunca acompanhei esse pessoal lá dentro. Eu só ouvia o pessoal falar, quando a gente ia dar alguma palestra, ali, na sala de aula ou quando íamos convidar os meninos pra Semana da Matemática. A gente nunca tocou nessa outra parte, certo?! Eu me baseava só na Matemática Pura mesmo, naquelas disciplinas apropriadas pra aquilo ali.

T: Professor, tem alguma coisa que nós não perguntamos que o senhor gostaria de contar?

B: Ah, é o seguinte... Eu vou falar agora o que eu fiz lá na UEMS! Olha, na UEMS, dentro dos meus vinte anos, a coisa mais legal que eu fiz foi essa arrumada de ônibus, o Jair não podia nem ver a cara do pessoal lá da UEMS, e sem pedir nada ele arrumou os dois ônibus. Uma outra coisa foi esse curso de extensão, de Física, que eu fiz aqui em Aparecida do Taboado, eu coloquei dois meninos na UNESP, eles saíram daqui de Aparecida do Taboado prestaram o vestibular e passaram. Eu fiz também de 50 a 70 cursos de extensão, enquanto o doutor Wilson, de Física, escolhia só uma aluna, mas ele podia escolher três, eu tinha direito de dois alunos porque eu era mestre, né?!

T: O senhor fala Iniciação Científica?

B: É, enquanto ele [Wilson] escolhia só uma, ele falava: “Não, só quero uma!” Ele escolhia e ainda falava: “Brandini, eu quero dar o curso pra essa menina aqui, oh!” Ele nunca escolheu um menino, não sei o que ele pensava, certo?! Eu além de fazer os dois com bolsa, eu ainda fazia por fora ainda, sem bolsa, por minha conta.

T: Fazia Iniciação Científica com remuneração e sem remuneração?

B: É, durante esse tempo todo eu acho que eu fiz de 30 a 40 cursos de extensão com meus alunos. Todas as Semanas da Matemática, durante o meu período, eu fui o articulador maior, pode ir lá cutucar até aqueles professores que não gostam muito da gente, mas um dia eles falaram: “Se o Brandini não participar da Semana da Matemática, não tem Semana da Matemática!” Eu arrumava tudo pra Semana da Matemática, eu saía naqueles empresários pedindo. Teve ano que eu faturei 6000, 7000 mil reais pra comprar as coisas, pra gastar na Semana, você entendeu?! Não era dinheiro, não, era mercadoria, eu falava pro empresário: “Você não precisa me dar dinheiro, não, cara, me dá vinte pacotes de bolachas desse aí, me dá duas bolas de presunto, duas bolas de mozzarella”, e era assim, eu ia ganhando tudo e a Semana funcionava. E aquele dinheiro, aqueles dez reais que cobravam dos alunos, ficava livre. Ficava livre não! Tinha que arrumar dinheiro pra pagar a gasolina de quem vinha dar minicurso ou palestra. As diárias de hotéis eu ganhava tudo pros

caras, e às vezes eu dava um algum troco pra algum, porque o cara vinha numa marra danada.

Bom, pelo trabalho que fiz em Cassilândia, com os políticos, porque eles me adoraram, no final do meu trabalho eles me deram um certificado de... Como que fala? Certificado de Honra ao Mérito! Eu recebi no dia 11 de março de 2017, lá em Cassilândia, na prefeitura, o Arthur¹³³, que é esposo da Jandra¹³⁴, e o Valdecy¹³⁵ que me deram esse certificado. Falaram pra mim: “É, Brandini, eu vi professor seu falando que escolheram você pra receber esse certificado, mas que tem mais gente lá na UEMS!” Aí, o cara respondeu: “Olha, se escolheram ele é porque eles viram alguma coisa diferente nele, e que em vocês não viram, vocês podem ser muito bons aqui dentro da Universidade, mas lá fora ninguém te conhece, você nunca fez nada pela cidade, você nunca correu atrás de aluno, você nunca visitou aluno”. Eu fui atrás de vários alunos que tentaram sair da UEMS. Eu ia! Eu! Ninguém fazia isso, o Paulo falava: “Brandini, não mexe com isso não!” Eu falava pra ele: “Deixa comigo cara!”. Todo final de ano eu ia visitar os alunos das cidades vizinhas, eu e o professor Jorge Viegas, para comemorarmos o belo ano que estava findando, me sentia feliz em fazer isso e os alunos gostavam de receber minha visita.

Fui em Itajá – GO, atrás daquela professora que teve a maior nota da primeira turma. Setecentos e vinte e oito alunos colaram grau em Dourados, a formatura da primeira turma foi lá! Essa aluna teve a melhor nota. Era uma loirinha que tinha lá, ela saiu da faculdade no último ano e eu fui atrás dela saber o motivo. Eu cheguei na escola que ela trabalhava e me falaram que ela não estava, mas uma outra pessoa lá falou que havia visto ela na escola, aí, eu falei: “Oh, minha senhora, fala pra ela que o negócio é sério!” Ela estava lá dentro, saiu de lá chorando e falou pra mim: “Ah, Brandini, me desculpe! Eu estava escondendo de você, quando você falou pra menina que precisava falar comigo eu fiquei com vergonha. Eu não volto lá [na UEMS] mais”. Eu falei: “Mas você tem que falar o porquê”, aí, ela falou: “É por causa do fulano de tal!” Ele era professor de Sociologia, tinha uma disciplina de Sociologia. Eu falei pra ela: “Oh, professora, a senhora pode voltar lá [na UEMS], a senhora não precisa olhar na cara dele, sua nota é dez, não tem outra nota sem ser dez!” Você

¹³³ Arthur Barbosa de Souza Filho, vereador de Cassilândia, eleito em 2016.

¹³⁴ Jandra José de Freitas Machado e Souza, Secretária da Coordenação do curso de Agronomia da UEMS de Cassilândia – MS.

¹³⁵ Valdecy Pereira da Costa, vereador de Cassilândia, eleito em 2016.

senta lá atrás, não dá moral pra ele e pronto! E ele vai saber, porque eu vou mandar o Paulo dar um toque nele”. Ela tirava dez com todo mundo. Quase que eu lembrei o nome dela agora! Aí, o Paulo falou pra ele: “Cuidado com os nossos alunos, se você quiser fazer rolo, vai fazer pra rua”. Depois ele deu problema mais sério com outra aluna e acabou tendo que ir embora.

E gostaria de comentar também, que no dia 17 de agosto deste ano, prestei uma seleção para professor substituto da UFMS, Campus de Paranaíba – MS, com 40 horas, fui aprovado por dois anos, é mais uma virtude que consegui em minha vida¹³⁶.

T: Professor, muito obrigada.

B: Poderia ter dado uma entrevista até melhor, ter escrito os item né?! Se eu tivesse um tempo.

[Neste momento fazemos os agradecimentos e explicamos os procedimentos que seriam realizados com o material, finalizando com a leitura do termo de autorização de uso da entrevista para fins de pesquisa]

¹³⁶ Gravamos a entrevista no mês de junho de 2017 e essa informação se refere a um acontecimento no mês de agosto de 2017, quando fizemos a devolução da entrevista para o professor Brandini, ele solicitou que acrescentássemos essa informação.

4.7 Edemir Feliciano Garcia

Figura 20: Edemir Feliciano Garcia



Fonte: arquivo pessoal do professor

Entrevista com o professor Edemir Feliciano Garcia, realizada no dia 27 de julho de 2017, às 13 horas, na UEMS de Cassilândia – MS, com duração de 32 minutos e 56 segundos.

Tatiana (T): Professor, gostaria que o senhor se apresentasse, falasse seu nome completo, data de nascimento, onde nasceu e outras informações que quiser complementar.

Edemir (E): Bom, meu nome é Edemir Feliciano Garcia, nasci na cidade de Paranaíba – MS, em 14 de fevereiro de 1969. Sou casado há 28 anos e tenho dois filhos. Sou formado em Ciências com Habilitação em Química pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto – SP, hoje é a UNORP¹³⁷. Fiz especialização em Metodologia e Didática nas Faculdades Integradas de Urubupungá, em Pereira Barreto – SP, em 1998. Fiz mestrado em Engenharia de Produção com ênfase em Mídia e Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina, a UFSC, no período de 1999 a 2001, era uma parceria da UEMS

¹³⁷ Centro Universitário do Norte Paulista, São José do Rio Preto – SP.

com a UFSC, as aulas eram realizadas em Dourados – MS, por videoconferência. E, por último, fiz Doutorado em Ciências de Materiais com ênfase em Química Ambiental pela UNESP, unidade de Ilha Solteira – SP, Departamento de Física e Química. Então, esse sou eu!

T: Como o município de Cassilândia surgiu na vida do senhor?

E: A minha família é pioneira aqui, né?! Apesar de eu ter nascido em Paranaíba, meus avós maternos são pioneiros em Cassilândia. Tem uma história muito forte em Cassilândia, porque o pai da minha mãe, junto com seus irmãos, construíram a primeira ponte sobre o Rio Aporé, e nessa ponte eles cobravam pedágio, sobreviveram da construção dessa ponte por muitos anos, então, minha família é pioneira. A minha mãe morou em Três Lagoas – MS, depois em Paranaíba – MS, se casou e foi embora de Cassilândia e, ao se separar do meu pai, ela voltou pra casa dos meus avós em Cassilândia, e eu voltei junto. Fui para São José do Rio Preto – SP, cursar a faculdade em 1988 e em 1992 eu voltei pra Cassilândia para lecionar.

T: O primeiro lugar que o senhor lecionou foi em Cassilândia?

E: O primeiro lugar foi aqui em Cassilândia. Eu comecei na Escola Marechal Rondon, mas naquela época tínhamos a Escola Walkíria Romão Costa¹³⁸, onde funcionavam os cursos técnicos de Magistério e técnico Contábil. Lecionei também na escola particular CIEC¹³⁹, iniciando minha carreira nessas três escolas em 1992.

T: O senhor lecionou na Educação Básica por muito tempo?

E: De 1992 até 1997. Em 1994 eu comecei a lecionar no Colégio Agrícola¹⁴⁰, que funcionava nesse mesmo prédio onde funciona a UEMS hoje, e parei em 1997 quando eu vim para a UEMS.

¹³⁸ Escola Estadual Walkíria Romão Costa fundiu-se com a Escola Estadual Ambrosina Apolinária de Rezende na década de 1990, passando a ser denominada de Centro Educacional de Cassilândia e atualmente Escola Hermelina Barbosa Leal.

¹³⁹ Centro Integrado Educacional de Cassilândia, escola privada que atualmente recebe o nome de Intelectus Anglo.

¹⁴⁰ A EMAC – Escola Municipal Agrícola de Cassilândia.

T: O senhor lecionava Química na Educação Básica?

E: Na Educação Básica eu lecionei Ciências numa 5ª série¹⁴¹, Matemática numa 8ª série¹⁴², Química, Física, Matemática e Biologia no Nível Médio¹⁴³, naquela época era Segundo Grau, né?!

T: A habilitação do senhor é Química e permitia lecionar Matemática também?

E: Permitia lecionar Matemática, porque o meu curso era Ciências com Habilitação, o meu curso de Ciências me habilitava para as áreas de Ciências do Ensino Fundamental, então, de 5ª a 8ª série eu tinha habilitação de Ciências e Matemática e eu tinha habilitação para Química no Nível Médio. Porém, como Cassilândia não tinha professores na área de Física, eram raros os professores de Matemática e também existia uma deficiência muito grande na área de professores de Biologia, que aceitasse trabalhar o conteúdo do 3º ano, que era Genética, e essa disciplina envolve alguns cálculos. Então, eu fui convidado para lecionar também Biologia no Nível Médio. Então, tinha turma que eu entrava na primeira aula, na segunda, na terceira... [Risos].

T: [Risos] E quando o senhor começou a lecionar na UEMS?

E: Eu comecei a lecionar na UEMS por volta de agosto, setembro de 1997, quando o professor que estava trabalhando se demitiu e então a professora Janete, que era gerente na época, me convidou para lecionar na UEMS, no lugar desse professor. Eu vim cedido, porque eu estava concursado no Estado, e o Estado fez essa cedência para eu vir para a UEMS. Até o fim do ano de 1997, considerando a dificuldade de contratação de professores, eu lecionava na UEMS e na Educação Básica, afastando somente do Colégio Agrícola e da escola particular. Em 1998 eu fiz o concurso pra UEMS e fui aprovado.

T: Professor, conte-nos sobre o curso de Ciências com Habilitação em Matemática.

¹⁴¹ Atual 6º ano do Ensino Fundamental.

¹⁴² Atual 9º ano do Ensino Fundamental.

¹⁴³ Atual Ensino Médio.

E: A grande vantagem desse Curso é que ele formava professores com esse mesmo perfil que eu tenho, que é um professor digamos “generalista”. Então, o professor sai com o conhecimento básico em diversas áreas das Ciências e com uma boa formação em Matemática. O professor também saía com a formação em Física, Química e Biologia, eu lembro que tinha até uma disciplina de Geologia. Então o aluno que fazia esse curso, ajudava a suprir a deficiência de professores nessas áreas. Em todos os locais do nosso país, nós temos uma grande deficiência de professores na área de Ciências, então, esses cursos ajudam. O egresso do curso de Ciências com Habilitação em Matemática, ele não saía especialista nessas disciplinas de Física, Biologia, Geologia e Química, porém, ele tinha o conhecimento básico que ajudava a suprir as necessidades na região.

T: O senhor comentou que começou a lecionar na UEMS em 1997 e antes disso lecionava na Educação Básica. O senhor lembra como foi a implantação da UEMS em Cassilândia e como foi o processo de escolha do curso de Ciências?

E: Eu lembro que havia uma demanda muito grande para um curso de Direito em Cassilândia, um anseio por uma faculdade de Direito, porém, Paranaíba já tinha entrado com essa demanda e foi atendida. Cassilândia então ficaria com o curso de Letras, eu lembro que o professor Paulo Neres juntamente com a Janete e outras pessoas da cidade, levantaram essa demanda do curso de Matemática. Eu não sei porque, ao invés de implantar um Bacharelado ou um curso de Licenciatura, foi implantado um curso de Ciências, não sei se alguém pensou nessa formação básica, holística que dava esse curso ou se era o curso que tinha disponível no momento. Mas eu lembro da implantação, vinha pra melhorar a qualificação dos professores nessa área aqui na cidade e região.

T: No curso de Ciências o senhor lecionou só disciplinas de Química?

E: Não, tinha as disciplinas de Química no 1º ano, as disciplinas de Química no 2º ano e tinha também as disciplinas de Geologia, então eu lecionei Química e Geologia.

T: Como era a grade curricular desse Curso? Os primeiros anos para os últimos tinha alguma diferença?

E: Olha... eu estava revendo ainda hoje os planos de aula. A carga horária era bem elevada, no primeiro ano a carga horária era 102 horas anual, no segundo ano era 72 horas. Então, comparando com o curso de Agronomia, onde o conhecimento de Química é bastante exigido, a carga horária da disciplina de Química do curso de Ciências com Habilitação em Matemática era maior que a carga horária que temos hoje no curso de Agronomia, que é uma Ciência básica para o curso. O conteúdo era praticamente o conteúdo do Nível Médio, porém, aprofundava um pouco mais, incluindo atividades práticas e de laboratório.

T: Quem eram os professores do curso de Ciências?

E: Professor Paulo Neres, professora Janete Bortolaia, que era gerente também, professor Antônio Canuto Brandini, professor Adilson, não lembro se era Adilson ou Edilson, ele lecionava Biologia e foi para a UNESP. Pouco tempo depois veio o professor Jorge, ele veio de Dourados, e também chegou o professor Marco Aparecido Queiroz Duarte. São os que eu lembro.

T: Quem era o coordenador do curso de Ciências e o gerente da unidade?

E: Quando o curso foi instalado, em 1993, o gerente era o Celes de Castro, o coordenador eu não sei quem era. Pouco tempo depois o Celes saiu e entrou a professora Janete como gerente da unidade e o Paulo Neres como coordenador, se não me falha a memória, foi assim durante um tempo.

T: O senhor foi gerente da unidade ou coordenador do curso de Ciências ou de Matemática?

E: Eu fui gerente da unidade, mas bem depois, quando a unidade tinha sido transferida pra esse prédio onde funciona a unidade hoje e já com o funcionamento do curso de Licenciatura em Matemática.

T: Como era a estrutura física do local onde funcionava a UEMS inicialmente?

E: No início a UEMS de Cassilândia funcionava na Escola Hermelina Barbosa Leal, no centro da cidade, que é o que chamam de Marcelão, aquele prédio enorme. Funcionávamos no último andar daquela escola e a estrutura era bastante precária, as salas de aula eram suficientes para o funcionamento do curso de Ciências com Habilitação em Matemática e para o curso de Letras. A biblioteca era uma sala de aula e montou-se ali uma pequena estrutura com um número muito pequeno de títulos e volumes. O Laboratório era muito precário, eu não sei como vieram aqueles reagentes naquela época, mas eram reagentes antigos, velhos e vencidos. Tinha alguma vidraria para a disciplina de Química. Física tinha também alguma coisa, mas muito pouco. Técnico de laboratório, que nos ajudava, era um jovem cedido pela prefeitura, nós tínhamos esse apoio da prefeitura, ela contratou essa pessoa e cedeu para nos auxiliar no laboratório. Não tínhamos laboratório de informática, eu lembro que tinha dois computadores na unidade, era um processo de transição, estava informatizando. Mas os laboratórios eram bastante precários. Um laboratório que era bem estruturado, para a unidade e para a época, era o laboratório de idiomas, esse laboratório era bem estruturado.

T: Como era a qualificação acadêmica dos professores que atuavam no curso?

E: Não me lembro. Na época nós saímos para fazer especialização. Mestre chegou o professor Marco, mas foi depois. Teve também uma professora que trabalhou nesse Curso [de Ciências], a professora Gláucia, ela já chegou doutora, mas, os demais, era no máximo especialista. Então, na área de Matemática, não tinha nenhum mestre e doutor, que eu me lembre.

T: O senhor falou dos livros que tinham poucos títulos e poucos volumes, mas eram suficientes para as aulas ou não?

E: Não, eu acredito que não eram suficientes. Se usava muita cópia, os alunos tiravam cópias, montavam suas apostilas, mas era tudo baseado em cópia de livros.

T: O senhor começou em 1997 no curso de Ciências e foi até quando?

E: Eu fui até o término do curso, porque no final da década, em 1999, já estava encerrando o curso, passando pra Licenciatura em Matemática, eu estava começando o mestrado quando então surgiu essa ideia de mudar o curso. Com essa mudança de curso eu ficava sem aulas, porque o curso de Licenciatura em Matemática não tinha disciplina de Química. Na lotação de 2001 eu precisei ir para outra unidade, aí, tinha disponibilidade pra eu ir pra Dourados, Naviraí ou Coxim, e eu escolhi ir pra Coxim. Nessa época a gente já discutia a possibilidade de implantar um curso de Agronomia ou Zootecnia na cidade. Então, no encerramento do curso de Ciências com Habilitação em Matemática eu precisei ir embora de Cassilândia e eu fui trabalhar no curso de Licenciatura em Biologia de Coxim.

T: Por que houve a extinção do curso de Ciências?

E: Eu lembro vagamente que o pessoal falava que esse curso de Ciências com Habilitação era um curso ultrapassado, que já não atendia a demanda. Discutia-se que o aluno não saía formando nem em Matemática e nem numa das Ciências, então, que seria necessário manter um foco e esse foco seria Matemática. Eu lembro assim... de conversa de corredor, de bate papo.

T: O senhor foi pra Coxim e retornou quando pra Cassilândia?

E: Com a abertura do curso de Agronomia e com a grade atendendo disciplinas de Química, em julho de 2002 eu voltei pra Cassilândia, aí, eu consegui fazer a lotação de uma forma assim... muito difícil. A Universidade ofereceu pra eu voltar pra Cassilândia se eu cobrisse toda a carga horária do curso de Biologia em Coxim, num semestre, e toda a carga do curso de Agronomia em Cassilândia no segundo semestre. Como eu tinha vontade de voltar pra Cassilândia eu atendi aquela situação, então eu voltei em 2002.

T: Quando o senhor voltou pra Cassilândia, lecionou alguma disciplina no curso de Matemática?

E: Para eu voltar, como o curso de Agronomia não completava minha carga horária, eu completei com Metodologia Científica no curso de Matemática, disciplina que ministro no Curso até hoje.

T: Como era a concorrência do curso de Ciências?

E: Não era muito concorrido, alguma coisa de 3 ou 4 candidatos por vaga.

T: Como era o perfil dos alunos que frequentavam o curso de Ciências?

E: Nós observávamos que boa parte dos alunos faziam o curso por falta de opção. Eu lembro que quando eu comecei a lecionar na UEMS, a faixa etária dos alunos era mais avançada, né?! Não era uma faixa etária de jovens que estavam saindo do Nível Médio, atendemos muitas pessoas com uma faixa etária mais avançada. Eram pessoas com bastante dificuldade, inclusive eu tive muita dificuldade em lecionar na disciplina de Química, por exemplo, devida essa deficiência de formação do Ensino Básico dos alunos. Mas, o que era interessante, e eu acho que bastante positivo, foi o atendimento dessas pessoas de faixa etária fora da idade comum de ingresso na universidade.

T: Algum aluno já era professor da Educação Básica em Cassilândia e vinha fazer o Curso formalizar a situação?

E: Eu lembro de um ou outro aluno, mas muito pouco, mas tinha sim. Eu lembro de um aluno que era professor aqui do Colégio Agrícola, trabalhava comigo no Colégio Agrícola e era aluno do curso de Ciências com Habilitação em Matemática.

T: Os alunos que frequentavam o Curso eram de Cassilândia ou vinham de outra localidade?

E: Grande parte era de Cassilândia, mas tinha um ou outro que vinha de fora, um número muito reduzido.

T: O senhor lembra de qual cidade eles vinham?

E: Eu lembro que tinha um de Caçú – GO, inclusive se formou e hoje está em Aporé – GO, trabalha em Aporé. Eu lembro de uma aluna de Paranaíba – MS, inclusive ela gostou muito da disciplina de Química, me substituiu no Marechal Rondon quando eu vim pra UEMS, então, tinha um ou outro, um número reduzido mas tinha sim.

T: Como era a evasão desse Curso?

E: Olha... era menor que hoje! Eram oferecidas 40 vagas e sempre tinha de 10 a 20 alunos formando e hoje nós temos um número muito menor, são oferecidas 40 vagas e a evasão é muito maior.

T: Por que o senhor acha que tem mais essa evasão em Matemática do que Ciências?

E: Principalmente pelo grau de dificuldade do curso. Algumas pessoas vêm fazer o curso por falta de opção, são pessoas que trabalham durante o dia, que querem fazer um curso e precisa ser numa universidade pública, então, ele tem a opção do curso de Letras ou Matemática. As vezes são pessoas que não gostam de ler, e o curso de Letras exige esse perfil, aí, a pessoa escolhe o curso de Matemática. Porém, quando inicia o curso se depara com as dificuldades e desiste, infelizmente. Eu acredito que seja isso. O aluno ingressante não tem ideia do que é o curso de Matemática, vem por falta de opção e quando inicia, aparecem as dificuldades e ele prefere se afastar. No curso de Ciências o aluno tinha um leque maior de disciplinas e não tão específicas como tem o curso de Licenciatura em Matemática.

T: O senhor comentou que no curso de Ciências a faixa etária dos ingressantes era maior que a faixa etária dos ingressantes de hoje no curso de Matemática.

E: Hoje nós observamos que o número de pessoas com idade mais avançada é muito menor, ainda tem, mas é muito menor.

T: Qual é o perfil dos alunos que frequentam o curso de Matemática?

E: Eu observo que também são pessoas com grandes dificuldades na formação básica, na escrita, na leitura, enfim, eu observo que são pessoas mais jovens em relação ao curso de Ciências, porém, são jovens com grandes dificuldades, inclusive em operações básicas, leitura e escrita. É um absurdo os textos que eles escrevem, a forma como eles escrevem.

T: E a maioria desses jovens só estudam ou estudam e trabalham?

E: A maioria estuda e trabalha, a grande maioria são trabalhadores, são jovens de classe social mais baixa, são pessoas que precisam trabalhar pra se sustentar.

T: Qual a importância desses dois cursos [Ciências e Matemática] para Cassilândia?

E: Eu acredito que o curso de Ciências – considerando que nós não conseguimos colocar um curso para substituir a formação de professores na área de Física e Biologia – esse curso não dava o perfil de professor de Nível Médio de Física, de Biologia e de Química, mas ele dava uma base maior, abria um leque maior na questão profissional para o egresso e atendia melhor a demanda. Hoje nós temos uma demanda muito grande para essas disciplinas de Química, Física e Biologia, e não temos professores, nem mesmo professores formados em Ciências com aquela formação básica. Eu acredito que o curso de Ciências era muito importante para Cassilândia e foi muito importante para muitas pessoas.

T: O senhor acha que já foi suprida a necessidade de professor de Matemática em Cassilândia?

E: Não. Conversando esses dias sobre esse assunto, a gente observa que Cassilândia e região ainda tem uma demanda muito grande, pois muitos egressos do curso de Matemática foram morar em outras cidades, foram trabalhar em outras cidades, essa necessidade ainda não está suprida. Acredito que a área de Matemática em Cassilândia ainda não está totalmente suprida por conta disso, os alunos formam e alguns vão procurar espaço em outras cidades.

T: Os egressos que ficam em Cassilândia eles vão para as escolas lecionar ou procuram outra atividade?

E: A gente encontra muitos egressos do curso Matemática e do curso de Ciências lecionando na cidade. Eu não sei dizer uma porcentagem, uma fração disso, mas temos um grande número de egressos lecionando na Educação Básica em Cassilândia.

T: Professor tem alguma coisa que nós não perguntamos que o senhor gostaria de falar?

E: Não... Só dizer que a UEMS, em Cassilândia, eu acho que ela cumpre o seu papel de ter revolucionado a questão de formação, a questão cultural. Eu lembro que na época que eu entrei na Universidade, eu discutia com um colega a importância da Universidade no Estado, não só a importância social ou cultural de formação, mas também a importância econômica. E, pra mim, hoje, independente dos cursos, a Universidade Estadual, ela cumpre esse papel: social, econômico e cultural. Eu acredito que a Universidade ajudou a melhorar muito a questão cultural de comportamento e de formação da nossa comunidade. A questão econômica também, se fizermos um retrato de Cassilândia sem a UEMS e com a UEMS, a UEMS, talvez, em Cassilândia, se coloca hoje como uma das maiores empresas da cidade, na questão de investimento no município e pra trazer recursos diretos. Eu sempre discuti isso, a importância econômica da UEMS, é indiscutível a sua importância cultural e a importância que ela teve no desenvolvimento social da nossa cidade e na região. Porque nós recebemos alunos de várias cidades da região, para os cursos de Matemática, Letras e Agronomia. A vinda desses alunos é muito importante para a cidade, pra mim a UEMS é muito importante e, é urgente a necessidade de se discutir a ampliação da unidade, a implantação de novos cursos, apesar de estar ocorrendo uma ampliação verticalizada, uma implantação dos cursos de Pós-Graduação, tais como o Mestrado em Agronomia (que já foi implantado), e está em discussão a implantação do Doutorado em Agronomia e do Mestrado Interdisciplinar pelo curso de Matemática. Mas, além desta ampliação verticalizada, há a necessidade também de se discutir a instalação de novos cursos de graduação, considerando a importância desta Universidade para Cassilândia e região.

T: Obrigada!

[Neste momento fazemos os agradecimentos e explicamos os procedimentos que seriam realizados com o material, finalizando com a leitura do termo de autorização de uso da entrevista para fins de pesquisa

5. O NOSSO DESFECHO: UMA HISTÓRIA SOBRE O CURSO DE CIÊNCIAS DA UEMS DE CASSILÂNDIA

Quem conta um conto...

Cassilândia é uma cidade do interior de Mato Grosso do Sul, conhecida por muitos como “Cidade Sorriso” ou “Princesinha do Vale do Aporé”, uma pacata cidade interiorana, com um povo hospitaleiro, generoso e festeiro. No início da década de 1990, alguns moradores colocavam, ao final do dia, uma cadeira em sua calçada para observar as crianças que brincavam nas ruas (algumas ainda de terra), conversar com os vizinhos, comentar sobre suas vidas e alguns acontecimentos da pequena cidade, como a implantação de uma unidade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, a UEMS, uma instituição que a comunidade cassilandense recebeu com muita expectativa.

Essa expectativa era grande, afinal, foram 14 anos da criação da Universidade até ela começar a ser implantada nas cidades. O início desse processo foi lá em 1979, com a divisão do estado. Mas as atividades nas unidades só começaram em agosto 1994. Em Cassilândia a unidade iniciou com dois cursos: Letras e Ciências com Habilitação em Matemática, o último foi extinto em 2000, iniciando nesse mesmo ano o curso de Licenciatura Plena em Matemática.

A UEMS foi criada por “vontade” política e pode-se dizer que demorou para ser implantada por falta de vontade política, questões políticas partidárias, situações que adiaram por anos essa implantação o que prejudicou a consolidação da Universidade. A Instituição foi criada em 1979, pela primeira Constituição do Estado de Mato Grosso do Sul, o deputado Walter Benedito Carneiro¹⁴⁴, do partido ARENA (Aliança Renovadora Nacional) redigiu uma emenda à Constituição Estadual, objetivando a criação da Universidade Estadual, com sede em Dourados, por ser uma região de potencialidades econômicas. O deputado defendia que após a federalização da UEMT¹⁴⁵, era necessário providenciar uma universidade para Dourados¹⁴⁶. A primeira emenda enviada pelo deputado não foi aprovada, os membros da Comissão Constitucional alegavam que a criação da Universidade não

¹⁴⁴ Foi Deputado Estadual, com três mandatos consecutivos, entre 1979 e 1991 e presidente da Assembleia Legislativa nos anos de 1993 e 1994.

¹⁴⁵ Com a divisão do estado, em 1979, a UEMT – Universidade Estadual de Mato Grosso se transformou em UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

¹⁴⁶ Recorte de jornal disponível em: <www.uems.br/museu> Acesso em 14.mai.17.

fazia parte de uma lei, que deveria ser encaminhada como um projeto. Porém, em uma segunda tentativa, durante a votação da Constituição, Walter Benedito Carneiro redigiu, a punho, uma nova emenda e argumentou com a bancada (políticos da ARENA e do MDB – Movimento Democrático Brasileiro), sobre a criação da Universidade Estadual. Com votação quase unânime, foi aprovada a criação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com sede em Dourados.¹⁴⁷ Será que essa votação unânime foi consequência de alianças políticas ou a bancada considerou relevante criar uma universidade estadual em Mato Grosso do Sul?

Em 1989, na revisão da Constituição Estadual, Walter consegue inserir e aprovar novamente a criação da UEMS e com prazo para instalação previsto para o início do ano letivo de 1992. Talvez isso pareça estranho para alguns, mas além da UEMS, outras universidades estaduais foram criadas por suas Constituições Estaduais e com prazo estabelecido para início de suas atividades. Alguns exemplos são duas estaduais do Estado da Bahia, que tiveram o prazo de até seis anos para instalação estabelecido na Constituição Estadual e a Universidade Estadual do Norte Fluminenses, no Rio de Janeiro, que teve prazo de três anos para implantação¹⁴⁸.

As frequentes mudanças de governadores, alguns com tempo de gestão muito pequeno (menos de 20 dias), e as brigas entre partidos políticos, podem ter sido motivos para a UEMS não ter sido implantada no prazo estabelecido pela Constituição Estadual. Desde a criação do Estado, em 1979, havia fortes desavenças entre os partidos, as lideranças políticas de Mato Grosso do Sul não conseguiam firmar um acordo para nomear o primeiro governador do Estado. O nome mais indicado para o governo era Pedro Pedrossian (ARENA), porém, essa indicação gerou grandes embates políticos, até entre os membros do partido ARENA, que estavam divididos em dois grupos rivais. A decisão ficou para o presidente Ernesto Geisel, que nomeou Harry Amorim Costa, do partido ARENA (que governou o Estado de janeiro a junho de 1979). Após Harry, assume temporariamente Londres Machado, também do partido ARENA (13 a 30 de junho/1979), e foi sucedido por Marcelo Miranda Soares do PDS (junho/1979 a outubro/1980). Marcelo Miranda foi retirado do cargo, e assume novamente Londres Machado (outubro a novembro de 1980), que foi sucedido por Pedro Pedrossian,

¹⁴⁷ FARIA, (2013, p.108).

¹⁴⁸ FARIA (2013, p. 115).

iniciando seu primeiro mandato como governador de Mato Grosso do Sul (novembro/1980 a março/1983)¹⁴⁹. Todos esses líderes políticos não fizeram grandes movimentações para implantar a Universidade.

Em 1982, na primeira eleição para governador do Estado, Pedro Pedrossian apoiou o candidato de oposição a Wilson Barbosa Martins (também candidato a governador), saindo o último vitorioso nas urnas. Após assumir o governo, Wilson Barbosa Martins não demonstrou interesse em implantar a Universidade Estadual e, a Educação Básica em Mato Grosso do Sul, passava por um momento de dificuldade, com manifestações da população por melhorias no setor¹⁵⁰. O partido de oposição ao governo, (partido de Pedrossian), evidenciava o baixo salário dos professores e as condições precárias das escolas, aproveitando para rebater as críticas feitas pelo partido de Wilson quando Pedrossian governou o Estado.

Pouco antes da divisão do Estado, havia em algumas regiões do Sul de Mato Grosso *Uno* uma grande quantidade de professores de Matemática sem formação específica atuando nas escolas¹⁵¹, o que continuou após a divisão do Estado, em 1979, quando Mato Grosso do Sul herdou uma Educação Básica muito precária, com enorme déficit escolar e de professores devidamente qualificados¹⁵².

O déficit no campo educacional continuou elevado na década de 1980, o número de crianças fora da escola era muito grande, faltavam salas de aula, professores habilitados para atuar no Ensino Fundamental e Médio. As greves e manifestações por melhores salários e condições de trabalho perduraram por um longo período, além do desejo de uma escola sem interferência político-partidária¹⁵³.

Na década de implantação da UEMS, em 1990, o Estado apresentava altos índices de evasão e repetência na Educação Básica e a qualificação dos professores ainda era um problema evidente nas cidades que receberiam uma unidade da UEMS. Além disso, a maioria dos professores que atuava, não possuía habilitação específica¹⁵⁴, o que indicava a necessidade de cursos de formação de professores.

¹⁴⁹ FILHO (2008, p.55).

¹⁵⁰ FILHO (2008, p. 57).

¹⁵¹ BRITO; SOUZA (2016, p. 158).

¹⁵² FERRONATO (2008, p. 59).

¹⁵³ AMARAL (2002, p. 11).

¹⁵⁴ Projeto Inicial da UEMS, citado por FARIA (2013, p. 116).

No início da década de 1970, apesar de haver algumas Instituições de Ensino Superior no Estado, como a UEMT/UFMS¹⁵⁵ e FADAFI/FUCMT/UCDB¹⁵⁶ e elas ofertarem cursos de formação de professores (de Matemática e Ciências), em cidades mais desenvolvidas (Campo Grande, Três Lagoas, Corumbá e Dourados), ainda era difícil (geograficamente e financeiramente) para os professores que residiam e atuavam em regiões mais remotas do Estado se deslocarem até esses centros para se qualificarem. Além dessa dificuldade de deslocamento, o Estado necessitava de qualificação para os jovens, pois eles saíam do estado para se qualificarem e, depois de concluírem a graduação, não voltavam, o que acabava prejudicando o desenvolvimento da nova federação.

Voltando às tentativas de implantação da UEMS... Em 1987, Marcelo Miranda Soares, assume novamente o governo do Estado e juntamente com uma comissão composta por representantes da Secretaria de Educação do Estado cria o projeto UILA (Universidade de Integração Latino-Americana). Esse projeto seria a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com sede em Dourados e tinha o objetivo de desenvolver o Estado de Mato Grosso do Sul e a suas fronteiras com os países Bolívia e Paraguai. Era uma universidade em moldes diferentes das outras, exploraria alguns potenciais naturais, econômicos e minerais do Estado, uma proposta de modernização, que formaria pessoas para contribuir com o desenvolvimento do Estado e dos países vizinhos. Com a criação dessa universidade, chegou-se a cogitar a implantação de um polo siderúrgico, que poderia unir Mato Grosso do Sul a alguns países da América Latina que extraíam e produziam derivados de minério¹⁵⁷.

Embora o projeto da UILA já tivesse sido aprovado pelo MEC e recebido até prêmio na Jornada Latina Americana de Educação, ele não se concretizou. Por motivos políticos, como a divergência entre os membros do PMDB, o rompimento de Marcelo Miranda Soares com Wilson Barbosa Martins, a perda de apoio político de Marcelo Miranda na Assembleia Legislativa, a diminuição do repasse do orçamento

¹⁵⁵ Com a divisão do Estado em 1979, a UEMT – Universidade Estadual de Mato Grosso foi federalizada, transformando-se em UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

¹⁵⁶ A UCDB – Universidade Católica Dom Bosco em 1971 era denominada de FADAFI – Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras, em 1976 foi transformada em FUCMT – Faculdades Unidas Católicas Dom Bosco e, em 1993, recebeu o nome de UCDB (SILVA, 2015).

¹⁵⁷ FILHO (2008, p. 84).

do Estado para concretizar o projeto da Universidade e as insistências de Pedro Pedrossian em tomar o governo, a Universidade Estadual não foi implantada¹⁵⁸.

As lideranças políticas se aproveitavam das reivindicações e das necessidades da população para fazer um jogo político, deixando os sul-mato-grossenses com uma Educação Básica precária, que proporcionava poucas condições de qualificação aos jovens que residiam no novo Estado.

A UEMS tinha objetivos diferentes do projeto UILA, seu foco era a formação de professores para a Educação Básica (que era uma das necessidades de Mato Grosso do Sul). Quando a UEMS iniciou, grande parte dos seus cursos (11 de um total de 18) era voltada à formação de professores nas diversas áreas e todos no período noturno, essa oferta de cursos de licenciatura prosseguiu em 2006¹⁵⁹ e dos 46 cursos, 29 eram licenciaturas, continuando no período noturno, o que evidencia a continuidade do seu objetivo inicial (formar professores). No início de 2018¹⁶⁰, a Universidade ofereceu 27 cursos de licenciaturas (21 no período noturno), 28 cursos de bacharelados e 2 cursos tecnológicos, mantendo grande parte de seus cursos para a formação de professores.

Na década de 1990 foram criadas, na região centro-oeste, as universidades estaduais, UEMS, UNEMAT e UEG e todas tiveram como justificativa de sua criação a necessidade de formar professores para a educação básica. A UNEMAT e a UEG surgiram de um conglomerado de Instituições de Educação Superior¹⁶¹, diferente da UEMS que foi criada como Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e implantou várias unidades de uma só vez.

A implantação da UEMS ocorreu em 20 de dezembro de 1993¹⁶², no final do governo de Pedro Pedrossian (segundo mandato), que autorizou o Poder Executivo a implantar a Universidade, com sede em Dourados (como constava na Constituição Estadual) vinculada à Secretaria de Estado de Educação e com autorização do Conselho Estadual de Educação.

¹⁵⁸ FILHO (2008, p. 86).

¹⁵⁹ FERRONATO (2008, p. 16)

¹⁶⁰ Disponível em: <<http://www.uems.br/noticias/detalhes/uems-oferecera-2338-vagas-em-57-cursos-pelo-sisu-2018-114039>> Acesso em 16.fev.2018.

¹⁶¹ A UNEMAT – Universidade do Estado do Mato Grosso iniciou em 1978, como Instituto de Ensino Superior de Cáceres. Em 1985 transforma-se em Fundação Centro Universitário de Cáceres e, em 1992, para Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso. E, em 1993, passa ser UNEMAT. A UEG – Universidade Estadual de Goiás iniciou sua história em 1961, como Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis. Em 1990, foi transformada em Universidade Estadual de Anápolis e, em 1999, foi incorporada a uma nova instituição, denominada de UEG. (FERRONATO, 2008, pp. 62-63).

¹⁶² Lei nº 1461 de 20 de dezembro de 1993. Publicada no Diário Oficial nº 3691 de 21.dez.93.

Para implantar a sede em Dourados, o governo do Estado assinou um convênio com a UFMS, que cederia um espaço do terreno do curso de Agronomia para implantação da Universidade Estadual. Para assinatura desse convênio, foi realizada uma reunião¹⁶³ num hotel em Dourados e, um dia antes dessa reunião, o reitor da UFMS, Celso Vitório Pierezan, reuniu todos os professores do CEUD¹⁶⁴ para apresentar o projeto da UEMS, que já estava criada e dependia desse convênio para ser implantada em Dourados. Alguns professores eram contra a implantação da Estadual, mas após o reitor fazer a apresentação do projeto, os professores de Ciências Contábeis, Letras e Matemática apoiaram a implantação da Estadual no terreno da UFMS.

Implantada no modelo *multicampi*¹⁶⁵, um tipo de estrutura diferente de algumas universidades, que normalmente só se expandem para outros *campi* depois de consolidada sua estrutura de ensino, pesquisa e extensão na sede, a UEMS iniciou com 15 unidades no Estado.

No decorrer do processo de implantação da Universidade, foram constituídas comissões e subcomissões, com o objetivo de discutir com a população das cidades que receberiam uma unidade da UEMS, sobre as necessidades locais. A UEMS foi implantada com a intenção de interiorizar suas tarefas para contribuir com o desenvolvimento do Estado de Mato Grosso do Sul, pois era um Estado novo e necessitava de algumas ações que contribuíssem com o seu progresso.

Além disso, a Universidade adotou três estratégias diferenciadas: a rotatividade dos cursos, sendo permanentes em sua oferta e temporários em localização; a criação de Unidades de Ensino, em substituição ao modelo de *campus* e, a estrutura centrada em coordenação de curso, ao invés de departamento.

O projeto de rotatividade de cursos era algo diferente das outras universidades. A oferta de um curso seria temporária em uma unidade, atenderia a necessidade local, até supri-la e, depois, seria transferido para outra unidade. Para a reitora da UEMS da época, Leocádia Aglaé Petry Leme, esse rodízio evitaria o desinteresse do local pelos cursos e a falta de mercado para os profissionais

¹⁶³ Odival Faccenda em entrevista a Faoro (2014, p.89).

¹⁶⁴ Centro Universitário de Dourados que atualmente é a Universidade Federal da Grande Dourados.

¹⁶⁵ Implantar simultaneamente vários *campi* espalhados pelo Estado, em regiões geográficas diversas e distantes dos grandes centros, com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento da comunidade que está inserida.

formados¹⁶⁶. Porém, esse projeto foi extinto no início da década de 2000¹⁶⁷, funcionando em algumas unidades (em Cassilândia nunca funcionou).

A rotatividade permitia que os professores residissem em uma cidade diferente da que lecionavam e podiam lecionar em mais de uma unidade, tendo o deslocamento descontado em sua carga horária. É o que acontecia com o professor Marco Aparecido Queiroz Duarte, que residia em Três Lagoas e viaja toda semana para lecionar na unidade de Cassilândia, tendo seu tempo de viagem (10 horas) descontado em sua carga horária semanal (40 horas). Alguns professores não simpatizavam com essa rotatividade, tinham família e queriam estabelecer residência na cidade em que lecionavam.

Talvez a UEMS tenha revisado esse projeto e verificado que essa rotatividade de cursos era inviável. Como um curso poderia se consolidar, melhorar sua estrutura, desenvolver e aprofundar pesquisas se após um determinado período teria que deslocar de unidade? Em algumas unidades os cursos compartilham de professores e livros, como é o caso de Cassilândia, com os cursos de Matemática e Agronomia. Ainda, um outro agravante, era a falta de condições adequadas para fortalecer grupos de pesquisas e desenvolver projetos de ensino e extensão, pois os professores podiam lecionar em mais de uma unidade, tendo o deslocamento descontado na carga horária, tornando o tempo destinado a desenvolver atividades de pesquisa e extensão mais restrito.

Embora a UEMS tivesse o objetivo de atender as necessidades regionais, populações que por dificuldades geográficas ou sociais, dificilmente teriam condições de acesso à Educação Superior, a política teve forte influência na escolha das cidades (e dos cursos) que receberiam uma unidade da UEMS. Cada deputado estadual queria implantar uma unidade da UEMS em sua cidade, certamente seria uma marca de seu mandato junto àquela população. Essa influência política é notada em alguns acontecimentos, como reuniões entre políticos para discutirem a implantação da Universidade e a escolha das unidades. Podemos notar isso em uma reunião, realizada na casa do deputado Valdomiro Alves Gonçalves em Campo Grande – MS, na qual estavam presentes o governador do estado, Pedro

¹⁶⁶ Recortes de jornais, datados de 11.Ago.93 e 20. Dez.93, disponível em: <www.uems/museu> Acesso em 14.mai.17.

¹⁶⁷ A informação da extinção da rotatividade foi encontrada no vídeo da palestra proferida por Lucélio Ferreira Simião, intitulada de “A contribuição da UEMS para o ensino de Matemática em Mato Grosso do Sul, no XIII Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática, realizado em Ponta Porã – MS, realizado de 23 a 26 de outubro de 2017.

Pedrossian, alguns deputados e o professor Antônio Canuto Brandini, ficando escolhidas algumas cidades que receberiam uma unidade da UEMS.

Cassilândia foi uma das cidades que teve influência política para implantação de uma unidade da UEMS. Até o mês de dezembro de 1993, Cassilândia não estava na lista das cidades escolhidas para implantar uma unidade, mas Valdomiro Alves Gonçalves, líder do PTB¹⁶⁸ na Assembleia Legislativa pediu a Pedrossian (que também foi membro do PTB) que incluísse a cidade nessa lista¹⁶⁹. E, no final do mês de janeiro de 1994, Cassilândia recebeu alguns membros da comissão de implantação da UEMS, que era composta por pessoas que tinham cargo público na época, como Ary Rigo (vice-governador), Roberto Razuk (representante da Assembleia Legislativa), Leocádia Aglaé Petry Leme (secretária de estado de educação), Fernando Paiva (vice-reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS) e Jair Soares Madureira (ex-reitor da UFMS e posteriormente nomeado reitor *Pró-Tempore* da UEMS)¹⁷⁰.

O deputado Valdomiro sugeriu que fosse implantado o curso de Agronomia em Cassilândia e a população cassilandense tinha anseio por esse curso e pelo curso de Direito. Porém, o curso de Direito já havia sido prometido para as cidades vizinhas Paranaíba e Três Lagoas e, o curso de Agronomia, para a cidade de Aquidauana (que tinha um campus que permitia a implantação desse curso) o que dificultava a implantação de um deles em Cassilândia.

O curso de Agronomia era o mais almejado e talvez todo esse desejo seja justificado por Cassilândia estar localizada numa região agropastoril, ter na época a Escola Municipal Agrícola de Cassilândia (EMAC), uma economia predominante na agropecuária e tradições ligadas ao meio rural.

Apesar de todo o desejo da população e do deputado Valdomiro, Cassilândia recebeu cursos na área da educação e para definição dos cursos implantados a comissão se reuniu com a população (representantes políticos, professores de diversas áreas e estudantes) no auditório da Escola Estadual Hermelina Barbosa Leal, antigo CEC, ofertando inicialmente o curso de Letras. Porém, as pessoas que estavam presentes queriam outros cursos e solicitaram mais a esta comissão, que

¹⁶⁸ Partido Trabalhista Brasileiro.

¹⁶⁹ CASSILÂNDIA JORNAL, 08/01/94, p. 3.

¹⁷⁰ Pedagógico do curso de Matemática – Licenciatura Plena, p. 1.

sugeriu então o curso de Ciências com Habilitação em Matemática. Numa escolha sem escolha, Cassilândia ficou com esses dois cursos.

Será que a carência de professores na área de Ciências em Cassilândia era maior que a de Agrônomos, já que é uma região agropastoril e tem cidades vizinhas com lavouras de soja, milho e algodão (como Chapadão do Sul – MS e Chapadão do Céu – GO)? Ou será que implantar cursos de licenciatura seria economicamente mais viável para o governo do Estado, pois estaria ofertando qualificação à população com menor investimento?

Talvez a comissão de implantação tenha ofertado cursos na área educacional pelo pouco investimento que os cursos nesta área necessitam e por Cassilândia ter uma maior necessidade de professores habilitados que agrônomos, já que nessa época havia um alto percentual¹⁷¹ de professores atuando na área de Matemática sem habilitação específica, o que possibilitava o governo do Estado unir o útil ao agradável?

No final da década de 1970, quando a professora Janete Bortolaia de Freitas chegou a cidade, recém formada em Matemática, começou a lecionar, pois quase não havia concorrência, quem lecionava no município era uma economista e alguns engenheiros. Mas, será que esses profissionais que lecionavam em Cassilândia tinham, pelo menos, uma complementação pedagógica? A LDB de 1971 permitia que na ausência de professores licenciados, os graduados em outros cursos de nível superior lecionassem, bastando fazer uma complementação de estudos (uma formação pedagógica na mesma área ou em área afim). Mas será que essa complementação pedagógica era suficiente para preparar os profissionais de outra área para atuarem na educação?

Embora fosse permitido que profissionais não licenciados lecionassem, um conteúdo matemático poderia ser ensinado de um modo mais técnico, deixando a desejar na parte pedagógica, afinal, cada profissão tem sua especificidade.

Essa complementação pedagógica nos leva a pensar no modelo de formação de professores de Matemática nas décadas de 1960 e 1970, conhecido como “3+1”, em que o aluno cursava três anos de disciplinas específicas e um ano (normalmente

¹⁷¹ De acordo com Freitas (2001, p. 71) o Núcleo Educacional de Cassilândia constatou que no período em que alguns acadêmicos da UEMS concluíram o ensino médio, havia uma porcentagem de 40% de professores atuando na área de Matemática sem habilitação específica.

o último) de disciplinas pedagógicas¹⁷². Embora a LDB/1961 estabelecesse que os cursos de bacharelado e licenciatura tivessem enfoques diferentes, as licenciaturas se aproximavam dos bacharelados, na prática, “[...] surge um modelo deformado de formação de professores de Matemática – que continua, inclusive, sendo chamado de 3+1 [...]”, em que a parte específica e pedagógica eram dissociadas¹⁷³.

Na década de 1970, os cursos 3+1 e a complementação pedagógica eram os modelos de formação de professores vigentes, em que uma formação “sólida” em conteúdo mais uma formação pedagógica genérica, era o que se entendia como um bom profissional da educação, ou, ao menos, suficiente para tal atuação.

Quando o professor Paulo Neres Carvalho visitou Cassilândia, no final da década de 1980 e soube da carência de professores habilitados na cidade, decidiu mudar-se de Campinas para Cassilândia, pois estava terminando o curso de Ciências pela PUC de Campinas e estava insatisfeito com a carreira militar.

Situação semelhante aconteceu em 1992, quando o professor Edemir Feliciano Garcia chegou a Cassilândia para iniciar sua carreira de professor, essa carência ainda era notada, pois apesar de ter graduação em Ciências com Habilitação em Química, de ser habilitado para lecionar Ciências no Ensino Fundamental e Química no Ensino Médio, o professor chegou a lecionar as disciplinas de Matemática, Física, Biologia e Química, numa mesma turma de Ensino Médio por falta de outros professores habilitados – o que reforça o argumento do estado para a implantação de tais cursos.

Até o final da década de 1990, a grande maioria dos professores habilitados em Ciências e Matemática que lecionava em Cassilândia, veio de outros estados ou ainda estava cursando a licenciatura e lecionando na Educação Básica, como os que lecionaram para Erika Pereira da Silva Souza no Ensino Médio em Cassilândia nessa década.

Além do objetivo de formar professores para a Educação Básica e atender as necessidades de cada região, a UEMS objetivava interiorizar suas tarefas, possibilitar “acesso mais facilitado para a formação de nível superior aos cidadãos sul-mato-grossenses”¹⁷⁴. O que de certa forma aconteceu, a Universidade implantou

¹⁷² MARTINS-SALANDIM (2012).

¹⁷³ MARTINS-SALANDIM (2012, p. 340).

¹⁷⁴ AMARAL (2002, p. 133).

algumas unidades em regiões que não havia uma universidade pública, como Cassilândia.

A oferta de vagas na Educação Superior tinha maior concentração em instituições públicas até a década de 1960 e, o acesso a esse nível de ensino limitava-se, via de regra, às pessoas mais favorecidas economicamente. A partir desta década, o Brasil começa a ampliar o número vagas na Educação Superior pública e incentivar o setor educacional privado. Na década de 1990, a política neoliberal é enfatizada no Brasil e o setor educacional privado, principalmente no período noturno, cresce aceleradamente e favorece o acesso à Educação Superior para as camadas menos favorecidas economicamente¹⁷⁵.

Na Educação Superior pública de Mato Grosso do Sul, em meados da década de 2000, a área da Educação concentrava o maior número de matrículas, mais da metade no período noturno. A segunda maior área era as de Ciências Sociais, Negócios e Direito, também com a maioria de oferta de vagas no período noturno e, a terceira área, de Ciências, Matemática e Computação, com pouco mais da metade das matrículas também no período noturno. As áreas de Engenharia, Saúde e Agricultura apresentavam matrículas exclusivas no período diurno¹⁷⁶.

O que explicaria essa concentração de matrículas em cursos na área da educação, no período noturno? Apesar de toda a expansão de vagas, o acesso à Educação Superior no Brasil ainda é elitista. Os cursos de Medicina e Engenharias, por exemplo, são ofertados no período diurno, com uma clientela de maior poder econômico, enquanto as licenciaturas são ofertadas, em sua maioria, no período noturno. Talvez implantar licenciaturas é mais viável economicamente para o governo, não exige tanto investimento como nos cursos de Medicina e Engenharia. Embora as vagas tenham aumentado significativamente, o acesso à Educação Superior ainda é dificultado às pessoas de menor poder econômico, ficando impedidas de cursar uma graduação diurna – em função de terem que trabalhar para se manterem – restando a elas os cursos noturnos, que em sua maioria, são da área educacional (como os ofertados pela UEMS).

Quando o curso de Ciências foi implantado em Cassilândia, a cidade era a única da região que ofertava cursos de licenciatura noturno numa instituição pública, o que tornava essa, a única formação gratuita à população de Cassilândia e região.

¹⁷⁵ BITTAR; ALMEIDA; VELOSO (2008, p.281-282).

¹⁷⁶ BITTAR; ALMEIDA; VELOSO (2008, p. 295).

Por Cassilândia estar localizada numa região de fronteira com o Estado de Goiás e ser uma cidade mais desenvolvida se comparada com algumas pequenas cidades vizinhas desse estado, oferecendo mais recursos e serviços à população (saúde, educação, comércio), é denominada por alguns como “Centro de Região”. O município recebia (e ainda recebe) um número considerável de pessoas do estado de Goiás, principalmente para o setor da educação, tanto para as três escolas privadas da Educação Básica como para as duas Instituições de Educação Superior (UEMS e FIC – Faculdades Integradas de Cassilândia), pois as cidades vizinhas desse Estado não dispunham, (e ainda não dispõem), de instituições como essas.

O contrário aconteceu na vizinha Paranaíba, que não tinha curso de formação de professores até a década de 1990, tendo esses profissionais que se deslocarem até as cidades do interior do Estado de São Paulo (Jales, Pereira Barreto, Andradina e São José do Rio Preto) que eram “centros” para formação de professores de Paranaíba. Embora tivessem que fazer alguns esforços, como caronas para conseguir chegar a cidade de Aparecida do Taboado – MS e fazer a travessia em balsas para o outro Estado, era a oportunidade mais próxima de qualificação que tinham¹⁷⁷.

As cidades vizinhas a Cassilândia (Chapadão do Sul e as do Estado de Goiás), não dispunham de uma Instituição de Ensino Superior pública, o que proporcionou uma boa procura pelos cursos noturnos ofertados na UEMS (Ciências e Letras). Embora Cassilândia já tivesse a FIC (instituição privada), que ofertava os cursos de Pedagogia e Administração, no período noturno, a população de menor condição econômica não teria a oportunidade de frequentar essa Instituição, impossibilitando-lhe o acesso à Educação Superior.

A população das cidades do Estado de Goiás próximas à Cassilândia, como Itajá, Aporé, Itarumã e Lagoa Santa, buscava, e ainda busca, qualificação em Cassilândia. Alguns alunos optavam pela UEMS por ser uma universidade pública e mais próxima de suas residências, permitindo-lhes trabalharem durante o dia e viajarem para estudar à noite.

Mesmo a UEMS de Paranaíba oferecendo um curso de Direito noturno (com ampla concorrência), Cassilândia recebia alguns alunos dessa cidade para cursar

¹⁷⁷ SILVA (2016), que pesquisou sobre a formação de professores de Matemática que atuaram em Paranaíba na segunda metade do século XX.

Letras e Ciências, pois era a cidade mais próxima a ofertar um curso de licenciatura gratuito, possibilitando qualificação aos professores desse município.

Os primeiros cursos de licenciatura da UEMS, como o de Ciências, foram implantados sob a vigência da LDB de 1971 (que dividia as licenciaturas em curtas e plenas) e de algumas resoluções do Conselho Federal de Educação. As curtas eram voltadas para a formação de professores para o primeiro grau (proporcionando habilitação geral em Ciências), com duração mínima de um ano e meio e, as plenas, para o segundo grau (além da habilitação geral proporcionava habilitação específica em Matemática, Física, Química e Biologia), com duração mínima de três anos. Os cursos de curta duração tinham o objetivo de formar um grande número de pessoas num tempo reduzido para suprir as necessidades do mercado, uma medida emergencial¹⁷⁸.

Em 1974, a Resolução nº 30 do CFE¹⁷⁹ – Conselho Federal de Educação, normatizou os cursos de licenciatura em Ciências, estabelecendo um formato para a formação de professores em todo o país. O currículo era composto de uma parte comum a todas as habilitações e uma diversificada de acordo com a habilitação específica. Esse curso de Ciências tinha a duração mínima de 1800 horas para as licenciaturas curtas e 2800 horas para as plenas. O aluno cursava uma habilitação e, depois de concluí-la, poderia reingressar em outra habilitação, com duração de um ano. No ano seguinte, a Resolução do CFE nº 37 de 14/02/75, determinava que as instituições de Educação Superior teriam até o ano de 1978 para implantar progressivamente o curso de Ciências, convertendo todas as licenciaturas em Física, Química, Biologia e Matemática para licenciatura em Ciências.

Esse modelo de curso recebeu críticas de algumas sociedades científicas, como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, Sociedade Brasileira de Física – SBF, Sociedade Brasileira de Química – SBQ e Sociedade Brasileira de Matemática – SBM. Essas sociedades enviaram ao Ministério da Educação um alerta sobre esse “modelo” de curso de formação de professor. Além dessas sociedades, algumas universidades (UFSCAR, UNB, UFGO)¹⁸⁰ que implantaram esse curso, notaram que os alunos estavam mal preparados para a

¹⁷⁸ MARTINS-SALANDIM (2012, p. 332).

¹⁷⁹ O Conselho Federal de Educação foi instituído pela LDB/1961, com o objetivo de fixar normas para a educação. Em 1994, o CFE foi substituído pelo Conselho Nacional de Educação – CNE. (PEREIRA, 2013 p. 122).

¹⁸⁰ Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. Universidade de Brasília – UNB. Universidade Federal de Goiânia – UFGO.

profissão, que esse curso não aprofundava os estudos de algumas disciplinas. Após manifestações contrárias a esses cursos, a Resolução nº 05/78 do CFE prorrogou a implantação desses cursos, conforme estabelecido na Resolução nº 30/74, com o objetivo de discutir melhor esse curso de formação¹⁸¹.

Em Mato Grosso do Sul, algumas universidades começaram a ofertar cursos de Ciências na década de 1970, mudando a oferta para Licenciatura Plena em Matemática na década de 1980. A UEMT/UFMS de Três Lagoas iniciou com o curso de Matemática, mudou para Ciências e voltou para Matemática; a UEMT/UFMS (de Corumbá, Campo Grande e Dourados¹⁸²) e a FADAFI/FUCMT/UCDB de Campo Grande iniciaram com Ciências e mudaram para Matemática¹⁸³.

Em Mossoró – RN, a situação era semelhante a algumas instituições de Mato Grosso do Sul. Em 1974, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, começou a ofertar o curso de Licenciatura em Matemática, que foi suspenso em 1981, e passou a ofertar o de Licenciatura em Ciências (modalidade curta) com habilitação plena em Matemática. Retomando no ano de 1993 o curso de Licenciatura Plena em Matemática¹⁸⁴.

Na década de 1990, algumas instituições privadas de Educação Superior, como a UNIDERP por exemplo, ofertaram cursos de Licenciatura em Matemática com ênfase em Ciências da Computação, o que era um atrativo para ganhar clientela, já que essa década foi marcada pela explosão da tecnologia¹⁸⁵. Talvez esse *boom* da tecnologia fosse uma justificativa para o curso de Ciências da Computação ter sido um dos votados pela população cassilandense (embora os preferidos eram Direito e Agronomia) na escolha dos cursos a serem implantados em Cassilândia¹⁸⁶.

Embora no início da década de 1990, em algumas regiões do país, o curso de Ciências já tivesse sido “substituído” pelas Licenciaturas Plenas específicas, algumas instituições públicas, como a USP – Universidade de São Paulo e a UEMS, implantaram um curso de Ciências com Habilitações específicas.

¹⁸¹ CURI (2000, p. 21-22).

¹⁸² O estudo sobre o curso de Dourados foi feito por FAORO (2014).

¹⁸³ SILVA (2015) escreveu uma narrativa sobre o movimento de criação e funcionamento de licenciaturas em Ciências e Matemática nas cercanias da década de 1970, estudando três cursos vinculados à UEMT/UFMS e um curso da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

¹⁸⁴ MORAIS (2012, p. 15).

¹⁸⁵ ZANDOMENIGHI (2017, p. 147).

¹⁸⁶ CASSILÂNDIA JORNAL (22.Jan. 94, p. 3).

Os Institutos de Física, Química e Matemática da USP do campus de São Carlos, mantinham até 1993 licenciaturas específicas no período diurno e integral. As licenciaturas em Física e Química eram estruturadas de acordo com os respectivos cursos de bacharelado, o que ocasionou a proposta de um curso de formação de professores para a Educação Básica. Em 1993, foi implantado um curso de Licenciatura em Ciências Exatas com Habilitações em Física, Química e Matemática no período noturno e que se encontra em funcionamento atualmente. Até 2007, quem ingressasse nesse curso, faria três anos de disciplinas comuns e, no último ano, escolheria uma habilitação (Física, Química e Matemática). Em 2007 houve mudanças, atualmente o aluno cursa os quatro semestres iniciais de disciplinas do ciclo básico comum e, no quinto semestre, escolhe uma habilitação específica (mas ainda cursa algumas disciplinas paralelas comum a todos), podendo após o término do curso, reingressar para outra habilitação, com duração de um ano¹⁸⁷.

Na UEMS, o curso era Ciências com Habilitações em Matemática e Biologia, implantado em 1994 no período noturno, em seis unidades universitárias (cada unidade oferecia apenas uma habilitação específica). Em Cassilândia, Maracaju e Naviraí era ofertado o curso de Ciências com Habilitação em Matemática e em Coxim, Jardim e Mundo Novo, Ciências com Habilitação em Biologia. Em 1999, o curso de Ciências com Habilitação em Matemática foi implantado também em Nova Andradina e Amambai¹⁸⁸.

A unidade de Glória de Dourados foi a única que ofertou o curso de Licenciatura Plena em Matemática no ano de 1994 pela UEMS. Por qual motivo a Universidade implantou uma Licenciatura em Matemática apenas em uma unidade? Seria porque Glória de Dourados não tinha uma carência de professores na área de Ciências como Cassilândia?

Há informações que a escolha do curso foi realizada por uma comissão constituída por pessoas da comunidade, representantes religiosos e estudantes, que

¹⁸⁷ Podemos encontrar mais informações sobre esse curso em: <<https://www.icmc.usp.br/graduacao/ciencias-exatas-licenciatura>> e <<http://cursos.ifsc.usp.br/index.php/licenciatura-em-ciencias-exatas/o-curso>> Acesso em 05.jan.2018.

¹⁸⁸ A informação da implantação do curso de Ciências com Habilitação em Matemática de Nova Andradina e Amambai foi retirada dos *slides* da palestra de Lucélio Ferreira Simião, intitulada de “A contribuição da UEMS para o ensino de Matemática em Mato Grosso do Sul, no XIII Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática, realizado em Ponta Porã – MS, de 23 a 26 de outubro de 2017.

fizeram uma pesquisa junto à população e aos alunos do Ensino Médio¹⁸⁹. Será que a população de Glória de Dourados teve seu desejo atendido, diferente de Cassilândia, em que a população desejava Agronomia e Direito e foram implantados outros cursos?

Dourados é uma cidade bem próxima a Glória de Dourados e ofertou um curso de Ciências na década 1970 (pela UFMT/UFMS) e, na década de 1980, Licenciatura em Matemática pela UFMS (atualmente UFGD). Será que ainda havia carência de professor de Matemática nessa região na década de 1990, considerando que a UEMS implantou seus cursos de acordo com as necessidades da região? Ou foi por questões políticas, já que na escolha das unidades da UEMS este foi o tom?

Retomando a implantação do curso de Ciências... Apesar desse ser ofertado em unidades diferentes e distantes, o projeto pedagógico e o coordenador do curso de Ciências eram únicos para as seis unidades. A UEMS quando iniciou, não tinha um coordenador para cada curso em cada unidade, era uma coordenação (em Dourados) para cada curso da Universidade e estes eram tomados como um mesmo curso em múltiplas ofertas. Após um tempo, percebeu-se a inviabilidade de tal centralização, visto a distância de algumas unidades com a sede, como Cassilândia, e estabeleceu um coordenador para cada curso em cada unidade universitária.

O curso de Ciências da UEMS tinha a seriação de quatro anos, com carga horária de 3180 (horas aula) e um currículo composto de uma parte comum (para os dois primeiros anos do curso) e uma parte diversificada (para os dois últimos anos do curso, com disciplinas da habilitação específica). Além dessas duas partes, o currículo era composto por disciplinas complementares obrigatórias e de legislação especial, distribuídas nos dois primeiros anos do curso (na parte comum)¹⁹⁰. O profissional formado por esse curso recebia o título de licenciado em Matemática, e poderia atuar no Ensino Fundamental, ministrando as disciplinas de Ciências Físicas, Biológicas e Matemática e no Ensino Médio nas disciplinas de Matemática ou Biologia (conforme sua habilitação)¹⁹¹. Embora o curso fosse de Ciências com Habilitação em Matemática, era visto por muitos como uma Licenciatura em

¹⁸⁹ FIGUEIREDO (2015, pp. 60-61).

¹⁹⁰ Grade curricular em anexo.

¹⁹¹ Projeto Pedagógico do curso de Ciências – Habilitações em Matemática e Biologia.

Matemática, talvez, porque na grade havia muitas disciplinas de Matemática, porém, sem o aprofundamento que um curso de Licenciatura em Matemática exige.

No curso de Ciências da UEMS, o aluno ingressava em uma única habilitação, desde o início, pois cada uma das seis unidades que ofertava esse curso, só oferecia uma habilitação (Matemática ou Biologia), o aluno não poderia iniciar o curso e depois escolher a habilitação. Porém, se houvesse vaga, era permitida a transferência para outras unidades¹⁹², para o mesmo curso e habilitação ou para outra habilitação do mesmo curso.

Para a criação do curso da USP, houve uma iniciativa do Instituto de Física e Química de São Carlos – IFQSC, que após realizar uma pesquisa em São Carlos – SP e em cidades vizinhas, constatou que vários jovens trabalhadores desejavam um curso noturno de qualidade e gratuito. Além disso, esse curso de formação de professores seria importante para diminuir o déficit de professores nas áreas de Física, Química e Matemática, formando professores de Matemática e Ciências para o Ensino Fundamental e, para o Ensino Médio, professores de Matemática, Física e Química¹⁹³.

Então, por que a UEMS teria implantado um curso de Ciências na década de 1990? Seria por falta de professores habilitados em algumas áreas, como aconteceu na USP em São Carlos?

Talvez porque fosse um curso que necessitava de pouco investimento financeiro do Estado e que teria uma boa demanda, pois Cassilândia faz fronteira com o estado de Goiás e está próxima da fronteira com os estados de São Paulo e Minas Gerais. Independente do motivo de sua criação, o curso (no início) tinha uma clientela com idade mais avançada, alguns já lecionavam na Educação Básica e não tinham formação específica ou nenhuma formação e, outros, tinham formação em outras áreas. Além disso, a maioria dos alunos era aluno trabalhador¹⁹⁴, vindos de escola pública em busca de qualificação de nível superior e a dupla jornada (ou tripla para quem viajava), exigia muito esforço e dedicação para continuar no curso. Apesar do curso ter alunos que já lecionavam e estavam em busca de qualificação,

¹⁹² RESOLUÇÃO CEPE/UEMS nº 47 de 24 de julho de 1996.

¹⁹³ Disponível em <<https://www.icmc.usp.br/graduacao/ciencias-exatas-licenciatura>> e <<http://cursos.ifsc.usp.br/index.php/licenciatura-em-ciencias-exatas/o-curso>>. Acesso em 05.jan.2018.

¹⁹⁴ Nesse texto quando mencionamos aluno trabalhador, referimo-nos àquele aluno que trabalha, mas continua sendo parcialmente mantido economicamente por sua família e seu futuro profissional seria planejado a partir da qualificação obtida no nível superior, esse conceito foi desenvolvido por Forachi (1965) citado em Ferronato (2008).

tinha um alto percentual de alunos que iniciavam Ciências por falta de opção, como os alunos que ingressaram na turma de 1996 (segunda turma do curso) mais de cinquenta por cento da turma iniciou o curso nessa situação¹⁹⁵.

Entretanto, alguns alunos que iniciaram o curso de Ciências por falta de opção, encantaram-se com a profissão, tornando-se professores da Educação Básica, como foi o caso de Erika Pereira da Silva Souza, que queria fazer Arquitetura, porém, não tinha condições econômicas para estudar em outra cidade e Renata Patrícia Paulino Brandão Machado, que começou o curso de Farmácia em outra cidade, mas não gostou, voltou para Cassilândia e, por exigência de sua mãe não podia parar de estudar, escolhendo assim cursar Ciências.

Talvez cursar uma licenciatura por falta de opção possa estar associado ao pouco incentivo e a desvalorização da profissão. Embora a LDBEN 9394/1996, em seu artigo 67, determine que os sistemas de ensino promovam a valorização dos profissionais da educação¹⁹⁶, isso não tem acontecido. Algumas vezes, a desvalorização ocorre na própria família, que incentiva os filhos a buscarem uma carreira de maior prestígio social e retorno financeiro. Além da baixa remuneração praticada na maioria dos sistemas públicos de ensino, as condições de trabalho como dupla ou tripla jornada, os altos níveis de *stress*, a indisciplina dos alunos, as agressões verbais em direção ao professor, a falta de planos de carreira atrativos e incentivo para qualificação, podem influenciar na pouca procura dos jovens por cursos de licenciatura. Esses fatores podem, também, influenciar aqueles que cursam uma licenciatura apenas por uma qualificação de nível superior e querem ficar bem distante de uma sala de aula.

Um outro fator preocupante nos cursos de licenciatura é a evasão. Apesar da oferta de alguns programas do governo, que contribuem para a permanência de estudantes em instituições de educação superior pública (como o PNAES –

¹⁹⁵ FREITAS (2001, p. 65). Freitas fez sua dissertação com o objetivo de analisar as contribuições do curso de Ciências com Habilitação em Matemática da UEMS de Cassilândia para a formação de professores de Matemática. Para esse estudo foi aplicado um questionário aos alunos da segunda turma do curso de Ciências, coletando a opinião sobre o referido curso. Freitas tabulou os dados (com frequência absoluta e relativa) e apresentou-os de forma analítica.

¹⁹⁶ A LDB 9394/1996, em seu artigo 67, determina que: Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

I – ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; II – aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim; III – piso salarial profissional; IV – progressão funcional baseada na titulação ou habilitação e, na avaliação de desempenho; V – período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho; VI – condições adequadas de trabalho.

Programa Nacional de Assistência Estudantil e o PNAEST – Programa Nacional), essas ações ainda são insuficientes para manter alunos com dificuldades de aprendizagem e ou dificuldades de conciliar trabalho e estudo, havendo a necessidade de programas que atendam às necessidades específicas desses alunos¹⁹⁷.

O curso de Ciências tinha evasão elevada, mais de cinquenta por cento ocorreu nos dois primeiros anos¹⁹⁸. Talvez alguns fatores possam ter contribuído para essa evasão, como dificuldades em conciliar a jornada de trabalho e estudos (alguns alunos ainda viajavam), menos tempo para se dedicar à família e dificuldades em algumas disciplinas (Cálculo Diferencial Integral, Química e Técnicas de Redação), que podem ser reflexos das lacunas deixadas pela Educação Básica, já que o município tinha uma carência de professores habilitados em algumas áreas.

Além desses fatores, a carga horária do curso pode ter contribuído com essa evasão. O curso tinha uma carga horária elevada nas duas primeiras séries e bem menor nas duas últimas e, para cumpri-la, eram necessárias 5 aulas diárias, inclusive aos sábados. A UEMS quando iniciou tinha um calendário de 210 dias letivos e utilizava o módulo de 38 semanas para o cálculo da carga horária das disciplinas anuais¹⁹⁹. Em 1997, a Universidade estabeleceu normas para elaboração do Projeto Pedagógico e do Currículo Pleno dos cursos de graduação²⁰⁰, passando a ter no mínimo 204 dias letivos e utilizar o módulo 34 semanas para cálculo da carga horária das disciplinas anuais, não podendo exceder 4 horas aulas por turno.

Porém, nos cursos de Ciências da UEMS (Habilitações em Matemática e Biologia) não foi possível fazer essa modificação, pois a carga horária era excessiva e a sua distribuição ficaria inadequada nas séries, impossibilitando ter 4 aulas diárias²⁰¹ e ofertar atividades acadêmicas complementares²⁰². A mudança na carga

¹⁹⁷ MACIEL, LIMA, GIMENEZ (2016, p. 776). Nesse texto, os autores abordam a política de permanência existente em instituições federais e estaduais da região centro-oeste e, que algumas políticas oferecidas por essas instituições, como o PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil e, o PNAEST – Programa Nacional, contribuem para minimizar a desigualdade social, porém, é necessária a compreensão de outros fatores que interferem na permanência dos estudantes nesse nível de ensino.

¹⁹⁸ FREITAS (2001, p. 53).

¹⁹⁹ Resolução CEPE/UEMS nº 003, de 18 de julho de 1994.

²⁰⁰ Resolução CEPE/UEMS nº 63, de 12 de março de 1997.

²⁰¹ Projeto Pedagógico de Ciências – Biologia e Matemática.

²⁰² As atividades acadêmicas complementares, estabelecidas pela Resolução CEPE/ UEMS nº 63 de 12/03/97 eram: I - participação em programa de monitoria acadêmica; II - participação em projetos de

horária só seria possível após o reconhecimento do curso (que ocorreu em 1999), então, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEMS, decidiu considerar como atividade acadêmica complementar para esse curso o excesso da carga horária²⁰³.

A carga horária excessiva não era o único problema. No início, a biblioteca era improvisada e faltavam livros (o que “forçava” os alunos comprarem livros ou tirarem cópias). Neste início laboratórios também não existiam, com o passar do tempo a unidade montou alguns em espaços destinados aos laboratórios da escola que a abrigava, aproveitando a estrutura montada pelo Estado, porém, alguns materiais eram muito precários. Para a disciplina de Química havia pouca vidraria, reagentes antigos e até vencidos, pouquíssimos materiais para a disciplina de Física e um técnico de laboratório contratado pela prefeitura para auxiliar os professores. Não havia laboratório de informática e nem computadores na sala dos professores.

Talvez, a falta de estrutura adequada aos professores e alunos da unidade de Cassilândia neste início de Curso possa ser explicada por ser o começo de uma Instituição de Ensino Superior Pública e com questões políticas muito fortes, implantada num modelo diferente de algumas universidades, o que exigia um alto investimento financeiro do Estado. Essa necessidade de investimento financeiro gerou muitas manifestações por parte dos acadêmicos, que reivindicavam melhorias para os cursos de graduação, ainda no governo de Pedro Pedrossian. Em sua campanha eleitoral para governador do estado, em 1994, Wilson Barbosa Martins acusa seu rival, Pedrossian, de desrespeito à educação e à população, com a intenção de desmoralizá-lo²⁰⁴.

Mais uma vez, a UEMS tem seu crescimento e fortalecimento prejudicados por questões políticas, sendo usada por dois políticos rivais, que não pensavam na Universidade, na população ou no desenvolvimento do Estado, as questões políticas e rivalidades partidárias se sobrepuseram aos interesses educacionais. No decorrer deste processo, até a tentativa de extinção da UEMS ocorreu.

ensino; III - participação em projetos e/ou atividades de extensão; IV - participação em projetos de pesquisa; V - participação em projetos e/ou eventos culturais; VI - participação em cursos especiais; VII - eventos acadêmicos; VIII - estágio extracurricular.

²⁰³ Resolução CEPE/UEMS nº 101 de 09/06/98.

²⁰⁴ FILHO (2008, p. 131).

Em 1995, quando Wilson Barbosa Martins vence as eleições e assume o governo do Estado (novamente), seu primeiro ofício (o Ofício 001²⁰⁵) foi enviado ao Ministério da Educação, pedindo a devolução do processo de autorização da UEMS, para rever sua estrutura administrativa e o projeto pedagógico. Por essa situação, o segundo vestibular que seria realizado em junho de 1995 é suspenso, até solução da regularização da Universidade. Outra decisão de Wilson foi a retirada de Leocádia Aglaé Petry Leme da reitoria, assumindo Sandra Freire.

Wilson Barbosa Martins alegava que a Educação Superior não era responsabilidade do Estado e Mato Grosso do Sul necessitava investir na Educação Básica, que apresentava um déficit educacional elevado, com alunos fora da escola e professores sem habilitação. Talvez, Wilson Barbosa Martins quisesse a extinção da Universidade, por ser uma instituição implantada por seu rival político Pedro Pedrossian, já que na LDB/1971 constava que a educação era dever da “União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Territórios, dos Municípios [...]” sendo “o ensino nos diferentes graus ministrado pelos poderes públicos [...]”²⁰⁶.

Em setembro de 1995, o Secretário de Estado de Educação Aleixo Paraguassu, envia ao MEC o processo para reconhecimento e autorização da Universidade. Entretanto, não houve alterações consideráveis no processo encaminhado, o que gerou questionamentos do Ministério da Educação a respeito da criação da UEMS, como o orçamento financeiro do Estado (que era uma unidade federativa recém criada) e a implantação de 15 unidades de uma só vez, o que implicaria um esforço financeiro grande e a qualidade das atividades acadêmicas poderia ser comprometida²⁰⁷.

Mesmo com a justificativa de criar vários *campi* espalhados pelo interior do Estado, o MEC considerava que Mato Grosso do Sul dispunha de uma rede de instituições em vários municípios, não havendo necessidade de implantar 15 unidades. Entretanto, na região de Cassilândia, por exemplo, só havia uma instituição privada, a FIC – Faculdades Integradas de Cassilândia, que ofertava os cursos de Pedagogia e Administração e, a população de menor poder econômico,

²⁰⁵ O Ofício 001/95 foi o primeiro ofício do ano de 1995, do novo governador do Estado (Wilson), enviado ao Ministro da Educação solicitando que não efetuassem a autorização da UEMS, até que pudesse rever o projeto pedagógico e a estrutura administrativa (REIS, 2016, p.78).

²⁰⁶ Artigos 41 e 42 da Lei nº 5692 de 1971.

²⁰⁷ Diário Oficial de Mato Grosso do Sul, nº 4133 de 04. Out.1995, p.1-3.

não teria condições financeiras para frequentar essa Instituição, impedindo-as de ter acesso à Educação Superior.

Para sanar as irregularidades da Universidade foi sugerido ao Governo do Estado que suspendesse o vestibular e que formasse uma comissão para reestruturar o projeto da UEMS e encaminhar o processo ao MEC para reconhecimento dos cursos, porém, os alunos matriculados nos cursos em andamento teriam seus direitos preservados.

No mês de outubro de 1995, Wilson Barbosa Martins institui a Comissão para regularização da UEMS. Todas as unidades receberam a visita dessa Comissão e foram avaliadas sobre as condições de ofertar o vestibular de 1996²⁰⁸. Após as avaliações das unidades, a comissão enviou um relatório ao governador do Estado, constando que a UEMS não teria qualidade no ensino se continuasse com a estrutura que foi criada (15 unidades e 18 cursos), era necessário reduzir o número de unidades e de cursos (6 unidades e 8 cursos foi a sugestão). A unidade de Cassilândia entraria na lista das unidades a serem extintas²⁰⁹.

Nessa época, iniciou-se uma “batalha” para manter a UEMS em funcionamento. Alunos de várias unidades da UEMS se reuniram em Campo Grande – MS, para reivindicar melhorias e protestar contra o fechamento de algumas unidades. Cassilândia marcou presença, reuniu seus alunos, professores e lideranças políticas da cidade (como o deputado Valdomiro Alves Gonçalves) para protestarem contra o fechamento da unidade. Após reivindicações da comunidade acadêmica e de lideranças políticas (que podem ter influenciado nessa decisão) Wilson Barbosa Martins decide pelo não fechamento das unidades e ressalta que uma possível solução para manter a Universidade seria uma parceria com os municípios (como apoio financeiro e cedência de funcionários). Em Cassilândia houve essa parceria, na gestão dos prefeitos Jair Boni Cogo e Édio Amim, o município fez cedência de funcionários e contribuiu com o pagamento das despesas de professores que vinham de outras cidades. E, no ano de 2002, a unidade de Cassilândia recebeu a doação de um sítio de 70 hectares da Prefeitura Municipal, onde funcionava a Escola Municipal Agrícola (EMAC).

Após a unidade ganhar um prédio próprio, algumas dificuldades ainda eram notadas, como a ausência de iniciação científica, que não era pensada naquela

²⁰⁸ O Cassilândia Jornal, 05.Jan.1996, p. 3.

²⁰⁹ CASSILÂNDIA JORNAL (edição nº 693, 1996, pp. 1 e 2).

época, pois ainda era tudo muito precário, a unidade tinha a preocupação em melhorar a sua estrutura. Além disso, o curso não tinha professores mestres ou doutores neste início, tinha no máximo especialistas. A maioria dos professores que lecionava na UEMS foi cedida pelo Estado, eram professores que lecionavam na Educação Básica. Porém, em 1998, a UEMS realizou seu primeiro concurso para docentes e a maioria dos professores que estavam cedidos se efetivou, como os professores Paulo Neres, Janete Bortolaia e Edemir Feliciano.

Dentre os benefícios que a titulação acadêmica de professores traz para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, ter professores com estudos complementares ou específicos em sua área de atuação contribui para a prática pedagógica e para a avaliação do curso²¹⁰. A UEMS moveu algumas ações que gerou oportunidades para que seus professores pudessem se qualificar, oferecendo cursos de mestrado em parceria com outras universidades, pelo projeto MINTER – Mestrado Interinstitucional – alguns professores da unidade de Cassilândia fizeram mestrado, como a professora Janete pela UFSCAR e o professor Edemir pela UFSC, que iam a Dourados para assistir às aulas.

Então, a partir do primeiro concurso, o Curso de Ciências começa a ter mestres em seu corpo docente e a receber professores de outras regiões, como o professor Marco Aparecido Queiroz Duarte que cursava o mestrado na UNESP de Ilha Solteira – SP e foi para Cassilândia em 1999 lecionar no curso como convocado e, mais tarde, se torna efetivo da unidade, também o professor João Toledo, que tinha a titulação de doutor e era aposentado pela UNESP. Nessa época, a biblioteca tinha uma quantidade de livros suficientes para os alunos, os laboratórios eram mais equipados e, com a vinda do professor Marco, começaram os projetos de iniciação científica.

No início do ano de 2000, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEMS, resolve extinguir gradativamente o curso de Ciências com Habilitação em Matemática, destinando as vagas à ampliação do curso de Licenciatura Plena em Matemática²¹¹, que era ofertado em Glória de Dourados desde 1994, passando a ser ofertado em Cassilândia, Amambai, Glória de Dourados e Nova Andradina a partir do ano letivo 2000/2001.

²¹⁰ TERRIBILI FILHO (2007, p. 159).

²¹¹ RESOLUÇÃO CEPE/UEMS, nº 157, de 23/02/00.

Qual seria a motivação para que a UEMS extinguísse o curso de Ciências com Habilitação em Matemática?

Um problema que o curso tinha era a carga horária excessiva nas duas primeiras séries, o que gerava um desconforto aos alunos²¹², já que a maioria era aluno trabalhador. Além disso, alguns professores do Curso achavam que os alunos saíam habilitados em várias áreas (Física, Química, Biologia e Matemática), mas não especialistas em uma das ciências (uma crítica semelhante a de algumas sociedades científicas). Porém, alguns professores do curso não queriam sua extinção, para eles esses profissionais seriam importantes para lecionar Ciências no Ensino Fundamental.

Embora esse curso da UEMS formasse professores de Ciências (para o Ensino Fundamental) e Matemática (para o Ensino Fundamental e Médio), ele acabou dando uma parcela de contribuição para as áreas de Física, Química e Biologia, pois em Cassilândia não havia professores formados nessas áreas, o que possibilitou a alguns alunos lecionarem essas disciplinas também no Ensino Médio – em caráter excepcional, mas um tanto permanente.

Talvez a UEMS tenha resolvido repensar a oferta desse curso pelas opiniões contrárias a ele, pela carga horária excessiva nas duas primeiras séries, já que o curso de Licenciatura em Matemática (implantado em 2000) iniciou com uma carga horária mais branda, e, ainda, pela Resolução do Conselho Nacional de Educação de 1999²¹³, que extingue as licenciaturas de curta duração, passando a formação de professores ser feita em cursos de Licenciatura Plena, conforme consta na LDBEN 9394/1996²¹⁴.

Comparando os projetos pedagógicos do curso de Ciências, com o primeiro de Licenciatura em Matemática e o atual:

²¹² Ata da Reunião Extraordinária do CEPE, em 23/02/00, folhas 6.

²¹³ A Resolução CES nº 2 de 19/05/1999, do Conselho Nacional de Educação traz em seu artigo 1º: “Os cursos de licenciatura de curta duração previstos na Lei 5.692, de 1971, estão extintos pela Lei 9.394, de 1996, assegurados os direitos dos alunos”.

²¹⁴ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, expõe em seu artigo 62: “A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade Normal.”

Tabela 1: Comparativo da carga horária semanal e total dos cursos.

Séries / Projetos	Ciência com habilitação em Matemática (1994) – Carga Horária Semanal	Licenciatura em Matemática (2000) – Carga Horária Semanal	Licenciatura em Matemática (2018) – Carga Horária Semanal	
			Presencial	À distância
1ª Série	27 h/a	20 h/a	21 h/a	5 h/a
2ª Série	26 h/a	20 h/a	20 h/a	8 h/a
3ª Série	21 h/a	21 h/a	16 h/a	2 h/a
4ª Série	17 h/a	21 h/a	16 h/a	-
Total do Curso	3180 h/a	2898 h/a	3855 h/a	

Fonte: Organizada pela autora, 2018.

Podemos notar que do curso de Ciências para o primeiro curso de Licenciatura em Matemática houve uma redução tanto na carga horária semanal, nas primeiras séries, quanto no total geral do curso. Embora no curso atual a carga horária total seja significativamente maior, há uma parte presencial menor do que a carga horária semanal dos cursos anteriores.

Após a extinção do curso de Ciências, a UEMS começa a ofertar o curso de Licenciatura Plena em Matemática, no ano letivo 2000/2001²¹⁵, em quatro unidades (Amambai, Cassilândia, Glória de Dourados e Nova Andradina), com uma carga horária mais branda nos dois primeiros anos²¹⁶.

Apesar de algumas opiniões contrárias aos cursos de Ciências, em 2006, a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação revoga a Resolução de 1999²¹⁷, permitindo a oferta novamente dos cursos de curta duração. Mas, por qual motivo teriam permitido novamente esse curso? Ainda por carência de professores habilitados em algumas áreas? Por estes professores se mostrarem mais eficazes no ensino? Pela possibilidade de barateamento da educação com o aligeiramento da formação (com os dois anos iniciais)? Por uma visão transdisciplinar do conhecimento científico, podendo este profissional transitar mais facilmente por estas áreas?

Além dessas indagações, não conseguimos responder outras, como por exemplo: por qual motivo a UEMS implantou Licenciatura em Matemática apenas em Glória de Dourados? Será que as disciplinas pedagógicas e as específicas do

²¹⁵ Resolução CEPE/UEMS nº 158 de 23/02/00.

²¹⁶ Grade curricular em anexo.

²¹⁷ Resolução CES nº 11 de 10 de julho de 2006.

curso de Ciências com Habilitação em Matemática eram desvinculadas, tendo o curso um suave aspecto de licenciatura, como no modelo “3+1” da década de 1970?

Estas questões se aguçaram em nós, no entanto, ficarão, quem sabe, para um próximo conto e mais alguns pontos...

REFERÊNCIAS

ADACHI, A. A. C. T. **Evasão e evadidos nos cursos de graduação da UFMG**. 2009. 214f. Dissertação de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

AGUIAR, B; SOLDADO, E. B. R. **Quem quer ser professor?** Visão dos formandos de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas. 2009. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Curso de Ciências Biológicas, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – SP, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História: a arte de inventar o passado; ensaios de teoria da História**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Em estado de palavra: quando a história não consegue que se meta fora a literatura**. In: Flores, M.B.R.; Piazza, M.F.F. (Org.). *História e arte: movimentos artísticos e correntes intelectuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 249-261.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; THIAGO, D; OLIVEIRA, F; ALVES, F; Entrevista realizada com o professor doutor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em primeiro de junho de 2011. **Revista de Teoria da História**. Ano 2, n. 5, jun.2011. Universidade Federal de Goiás.

AMARAL, M. O. **A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: a criação, a implantação e a aventura do início da caminhada 1979 – 1998**. 2002. 157f. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2002.

ANDRADE, J. **A Verossimilhança**. [20--?]. Disponível em: <www.unicap.br/Arte/ler.php?art_cod=2555> Acesso em 2.fev.2018.

ARISTÓTELES. **Poética**. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução de Ana Maria Valente. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BITTAR, M.; ALMEIDA, C. E. M de.; VELOSO, T. C. M.A. **Políticas de educação superior: ensino noturno como estratégia de acesso para o estudante-trabalhador**. Revista Educação em Questão, Natal, set/dez.2008, nº 19, v.33, p.279-304.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. *La investigación biográfico-narrativa en educación – enfoque y metodología*. Madrid: Editorial La Muralla, 2001.

BOLIVAR, A. B. *De nobis ipsis silemus?': Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación*. In **Revista Eletrónica de Investigación Educativa**, vol. 04, n. 1. Barcelona. 2002. Disponível em: <<https://redie.uabc.mx/redie/article/download/49/91>> Acesso em 25.02.18.

BRITO, A. de J.; SOUZA, L. A. de S. **Cursos emergenciais de licenciatura para professores que ensinam matemática**. Revista de História da Educação Matemática, ano 2, nº 3, 2016, p.149-167.

BRUNER, J. **Fabricando Histórias: Direito, Literatura, Vida**. Tradução de Fernando Cássio. Letra e Voz, São Paulo, 2014.

CAPES. Projetos Minter e/ou Dinter. Disponível em:
<<http://capes.gov.br/avaliacao/projeto-minter-e-ou-dinter>> Acesso em 13.out.2017.

CASSILÂNDIA JORNAL. **Desfile pelas ruas – 63º aniversário de Cassilândia 2017**. Disponível em: Disponível em:
<<http://www.cassilandiajornal.com.br/?pg=noticia&id=11307>> Acesso em 08.ago.17.

_____. **Desfile na praça São José – 36º aniversário de Cassilândia, 1990**. Disponível em: <http://www.cassilandianoticias.com.br/ultimas-noticias/fotogaleria-de-onde-nunca-deveria-ter-saido>> Acesso em 30.jul.17.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 30, de 11 de julho de 1974. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a observar na organização do curso de licenciatura em Ciências. CFE. **Documenta**, Brasília, v.164, p. 509-11, jul. 1974.

_____. Resolução nº 37, de 26 de março de 1975. Dispõe sobre a implantação progressiva do curso de licenciatura em Ciências, a que se refere a Resolução nº 30/74. Alterado pela R. 05/1978. CFE. **Diário Oficial**, Brasília, 26 de março de 1975. Seção 1, pt. 1, p. 3.635.

CURI, E. **Formação de professores de matemática: realidade presente e perspectivas futuras**. 2000. 244f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2000.

CURY, F. G. **Uma narrativa sobre a formação de professores de matemática em Goiás**. 2007. 201f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2007.

CURY, F. G. **Uma história da formação de professores de matemática e das instituições formadoras do estado do Tocantins**. 2011. 290f. Tese de Doutorado em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2011.

CURY, F. G.; SOUZA, L. A. da.; SILVA, H. da. **Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática**. **Bolema**. Rio Claro – SP. v. 28, n.49, p. 910-925, ago.2014.

FAORO, T. C. T. **A formação de professores de matemática da universidade federal de Mato Grosso do Sul: um olhar sobre os anos iniciais da licenciatura em dourados**. 2014. 236f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, 2014.

FARIA, S. C. **Processo de expansão e de interiorização da universidade estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e a democratização da educação superior (1993 - 2010)**. 2013. 281f. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, 2013.

FERNANDES, D. N. **Sobre a formação de professores de matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível**. 2011. 388f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2011.

FERRONATO, E. T. T. **Políticas de educação superior e as universidades estaduais: um estudo sobre os cursos noturnos da universidade estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS**. 2008. 132f. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, 2008.

FIGUEIREDO, S. A. de. **Formação inicial de professores e a integração da prática como componente curricular na disciplina de matemática elementar**. 2015. 306f. Tese de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Anhanguera de São Paulo, São Paulo, 2015.

FILHO, L. A. da S. **Educação e política: apontamentos sobre a história da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (1979 – 1995)**. 2008. 175f. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2008.

FLUMIGNAN, D. L.; FIETZ, C. R.; COMUNELLO, E. **O clima na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul**. Dourados – MS: Embrapa agropecuária oeste, 2015.

Disponível em:

<<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/1007480/1/DOC2014127.pdf>> Acesso em 26.ago.2017.

FREITAS, J. B. de. **Contribuições do curso de ciências – habilitação matemática da UEMS para a formação de professores: concepções e avaliações de seus alunos**. 2001. 186f. Dissertação de Mestrado em Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2001.

GARNICA, A. V. M. **Manual de História Oral em Educação Matemática: outros usos, outros abusos**. Guarapuava: SBHMat, 2007.

_____. (Re)traçando trajetórias, (Re)coletando influências e perspectivas: uma proposta em História Oral e Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V.; BORBA, M de C. (Org.). **Educação matemática: pesquisa em movimento**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 165-178.

_____. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. de C; ARAÚJO, J. de L. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. cap. 3, p. 87-109.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. da. Entre a Amnésia e a Vontade de Nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema**, Rio Claro – SP, v. 25, n. 41, p. 213-250, dez. 2011.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha, 2ª ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MACIEL, C. E.; LIMA, E. G. dos. S.; GIMENEZ, F. V. Políticas e permanência para estudantes na educação superior. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação – RBPAE*, v. 32, n. 3, p. 759-781, set/dez.2016.

MATO GROSSO DO SUL, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico. **Estudo da Dimensão Territorial do Estado de Mato Grosso do Sul**: Regiões de Planejamento. Campo Grande – MS, 2015. Disponível em: <http://www.semagro.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/157/2017/06/estudo_dimensao_territorial_2015.pdf> Acesso em 26.ago.2017.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo**: um exame da década de 1960. 2012. 379f. Tese de Doutorado em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2012.

_____. **Práticas de pesquisa em história da educação matemática**. In: SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 10., 2016, Campo Grande **Anais eletrônicos...** Campo Grande: UFMS, 2016. Mesa-redonda. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/sesemat/article/view/2836/2197>> Acesso em: 23.dez.2016.

MORAIS, M. B. de. **Peças de uma História**: formação de professores de matemática na região de Mossoró (RN). 2012, 301f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2012.

PEREIRA, D. M; PIETROPAOLO, R. C. Uma análise das normatizações nacionais do século 20 para os cursos de formação inicial de professores de matemática da educação básica. **Research, Society and Development**, v. 1, n. 1, p. 63-87, jan-jul. 2016.

PINTO, T. P. **Projetos minerva**: caixa de jogos caleidoscópica. 2013. 379f. Tese (Doutorado em Educação para as Ciências) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Bauru, 2013.

REIS, A. C. de. S. R. dos. **A formação matemática de professores do ensino primário**: um olhar sobre a Escola Normal Joaquim Murtinho. 2014. 144f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, 2014.

REIS, A. T. V. **A importância das TICs e da educação como processo comunicacional dialógico no ensino superior: um estudo da universidade estadual de Mato Grosso do Sul.** 2016. 161p. Tese de Doutorado em Comunicação Social, Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo – SP, 2016.

SILVA, C. R. M. **Uma, Nove ou Dez Narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul.** 2015. 369f. Tese de Doutorado em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista -UNESP, Rio Claro, 2015.

_____. **A produção de narrativas como um movimento de análise.** In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 3., 2016, Belém – PA. **Anais eletrônicos...** p. 443-454. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/169988?show=full>> Acesso em 12.jan.18.

SILVA, N. C da. **Cenas sobre a formação e atuação de professores de matemática de Paranaíba/MS na segunda metade do século XX.** 2016. 216f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, 2016.

SILVA, H. da; TIZZO, V. S. **Narrativas sobre história da educação matemática: para a formação de professores.** São Paulo: Livraria da Física, 2015.

SIMÕES, M. C. de M. **Desenvolvimento local na cidade de Cassilândia: a festa do peão de boiadeiro e a construção da identidade e do sentimento de pertença.** 2007.118f. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, 2007.

SOUZA, L. A. de. **História oral e educação matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões.** 2006. 313f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2006.

SOUZA, L. A. de; SILVA, C. R. M. da. **Narrativas e História Oral: possibilidades e investigação em educação matemática.** São Paulo: Livraria da Física, 2015.

TERRIBILI FILHO, A. **Os professores na educação superior no Brasil e a titulação acadêmica.** Disponível em: <http://www.faacz.com.br/revistaeletronica/links/edicoes/2006_02/edutec_armando_professores_2006_2.pdf> Acesso em 20.nov.2017.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Recortes de jornais.** Disponível em: < <http://www.uems.br/museu/>>. Acesso em 14.maio.2017.

_____. **UEMS 20 anos.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zcxkwhHnalw>>. Acesso em: 18.jun.2016.

_____. **UEMS 20 anos.** Vídeo produzido pela ACS – Assessoria de Comunicação Social da UEMS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eKKNtx_8K1A>. Acesso em: 18. jun. 2016.

_____. **Resoluções CEPE, COUNI.** Disponível em: <<http://www.uems.br/ailen>> Acesso em: 15.maio.2016.

VIANNA, J. F.; AYDOS, M. C. R.; SIQUEIRA E. O. S. Curso Noturno de Licenciatura em Química – uma década de experiências na UFMS. Educação. **Química Nova.** 20(2), p. 213-218, 1997. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/qn/v20n2/4937>> Acesso em 17.nov.17.

VIOLA DOS SANTOS; LINS, R. C. Movimentos de teorizações em Educação Matemática. **Bolema.** Rio Claro – SP, v. 30, n.55, p. 325-367, ago.2016.

ZANDOMENIGHI, R. A. **Uma história acerca da constituição do curso de graduação em matemática da universidade para o desenvolvimento do estado e da região do pantanal (UNIDERP/CESUP).** 2017. 195f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, 2017.

APÊNDICES

Roteiros de Entrevista

1. Roteiro de entrevista: Paulo Neres Carvalho

Hoje, dia 20 de outubro de 2016 às 14:00 horas, estamos reunidos no LABPOT (Laboratório de Planejamento e Organização do Turismo) da unidade da UEMS de Campo Grande – MS, eu, Tatiana Rozalia Guedes, mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS – Campo Grande – MS e o Professor Paulo Neres Carvalho, para realizarmos uma entrevista relacionada à pesquisa que estou desenvolvendo no mestrado, sobre a Criação e Extinção do curso de Ciências com Habilitação em Matemática, da UEMS de Cassilândia – MS, que posteriormente mudou para o curso de Licenciatura em Matemática.

Apresentação

- Professor, gostaria que o senhor se apresentasse, falasse seu nome completo, data de nascimento e onde nasceu.

Formação Profissional

- Gostaria que falasse de sua formação profissional.
- Graduação;
- Especialização;
- Mestrado.

Atuação Profissional

- Como e quando o município de Cassilândia surgiu em sua vida?
- Antes de Cassilândia lecionou em outras cidades?

Implantação da UEMS em Cassilândia

- Como foi o processo de escolha de Cassilândia para sediar uma unidade da UEMS?
- Havia algum interesse político envolvido?
- Como era a estrutura organizacional (tinha gerente? tinha secretário?)
- Conte-nos sobre seu início na UEMS de Cassilândia?
- Quando começou a lecionar na UUC?
- Foi por concurso ou cedência?

Implantação do Curso de Ciências

- Como se deu a escolha do curso de Ciências com Habilitação em Matemática?
- Conte-nos sobre a implantação deste curso? Quais os desafios encontrados no início do curso?
- Quem estava envolvido nesse processo de implantação?
- Como se deu a construção do curso, sua grade curricular, seu projeto?
- Como era o curso de Ciências com Habilitação em Matemática?
- Como foram os primeiros anos do curso?
- O Projeto pedagógico do curso e a grade curricular eram exclusivos da unidade de Cassilândia?
- Quem eram os professores envolvidos? De onde vinham esses professores? Esses professores eram especialistas, mestres, doutores?
- Esses professores eram concursados ou cedidos?
- Quem era o coordenador curso?
- Como era a procura e a concorrência desse curso? Qual o perfil dos alunos que procuravam esse curso?
- Como era a permanência dos alunos? (evasão, número de graduados)
- Como era a estrutura física da unidade? (tinha biblioteca, auditório, laboratórios, equipamentos tecnológicos?)

Implantação da Licenciatura em Matemática

- Como e por que ocorreu a extinção do curso de Ciências com Habilitação em Matemática?
- Quem estava envolvido nesse processo?
- Como a grade curricular e o projeto pedagógico do curso foram alterados nessa mudança?
- Quem era o coordenador na época?
- E o gerente da unidade?
- Qual a importância desses cursos para a cidade de Cassilândia naquele momento?
- E hoje?
- Qual a relação do curso com a educação básica da época?
- O Senhor gostaria de falar alguma coisa que nós não perguntamos?

Esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará ao senhor para fazer as modificações que achar pertinente. Após estas modificações enviaremos ao senhor uma carta de cessão para uso desta textualização. O senhor autoriza a utilização desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa?

Eu, Paulo Neres Carvalho, RG _____ autorizo a utilização desta entrevista para fins de pesquisa.

Muito Obrigada pela sua participação e contribuição.

2. Roteiro de entrevista: Janete Bortolaia de Freitas e Antônio Canuto Brandini

Apresentação

- Gostaria que se apresentasse, falasse seu nome completo, data de nascimento, onde nasceu e outras informações que queira nos apresentar.

Formação Profissional

- Gostaria que falasse de sua formação profissional.
- Graduação;
- Especialização;
- Mestrado;
- Doutorado.

Atuação Profissional

- Como e quando o município de Cassilândia surgiu em sua vida?
- Antes de Cassilândia lecionou em outras cidades?
- Sempre foi professor (a)? Em quais níveis de ensino?

Implantação da UEMS em Cassilândia

- Como foi o processo de escolha de Cassilândia para sediar uma unidade da UEMS?
- Havia algum interesse político envolvido?
- Como era a estrutura organizacional (tinha gerente? tinha secretário)?
- Conte-nos como e quando iniciou na UEMS de Cassilândia.
- Começou a lecionar na unidade por concurso ou cedência?

Implantação do Curso de Ciências

- Como se deu a escolha do curso de Ciências com Habilitação em Matemática?
- Você participou do processo implantação deste curso?
- Quais os desafios encontrados no início do curso?
- Quem estava envolvido nesse processo de implantação?
- Como se deu a construção do curso, sua grade curricular, seu projeto?
- Como era o curso de Ciências com Habilitação em Matemática?
- Como foram os primeiros anos do curso?
- O Projeto pedagógico, a grade curricular do curso eram exclusivos da unidade de Cassilândia?

- Quem eram os professores envolvidos?
- Quem era o coordenador curso?
- Como era a procura e a concorrência deste curso?
- Qual o perfil dos alunos que procuravam este curso?
- Como era a permanência dos alunos? (evasão, número de graduados).
- Como era a estrutura física da unidade? (tinha biblioteca, auditório, laboratórios, equipamentos tecnológicos?)
- Tinha iniciação científica?
- Uma pessoa podia fazer os dois primeiros anos do curso de Ciências em Cassilândia (que tinha habilitação em Matemática) e depois ir para outra unidade, (cursar os dois últimos anos) fazer habilitação em Biologia?
- A UEMS tinha um projeto de rotatividade de cursos. Como funcionava essa rotatividade? Ela funcionou em Cassilândia?

Implantação da Licenciatura em Matemática

- Como e por que ocorreu a extinção do curso de Ciências com Habilitação em Matemática?
- Quem estava envolvido nesse processo?
- Após iniciar Licenciatura em Matemática, o que mudou na grade curricular? Quem era o coordenador na época? E o Gerente da unidade?
- Quais as principais diferenças entre estes dois cursos?
- Qual a importância desses cursos para a cidade de Cassilândia naquele momento?
- Qual a relação do curso com a educação básica da época?
- A senhora gostaria de falar alguma coisa que nós não perguntamos?

Esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará ao senhor (a) para fazer as modificações que achar pertinente. Após estas modificações enviaremos uma carta de cessão para uso desta textualização. Você autoriza a utilização desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa?

Eu, _____, RG _____ autorizo a utilização desta entrevista para fins de pesquisa.

Muito Obrigada pela sua participação e contribuição.

3. Roteiro de entrevista: Marco Aparecido Queiroz Duarte e Edemir Feliciano Garcia.

Apresentação

- Professor, gostaria que se apresentasse, falasse seu nome completo, data de nascimento e onde nasceu e outras informações que queira nos apresentar.

Formação Profissional

- Gostaria que falasse de sua formação profissional:
- Graduação;
- Especialização;
- Mestrado;
- Doutorado;
- Pós-Doutorado (ou quaisquer outros cursos que julgue relevante).

Atuação Profissional

- Como e quando o município de Cassilândia surgiu em sua vida?
- Antes de Cassilândia lecionou em outras cidades?
- Sempre foi professor? Em quais níveis de ensino?
- Conte-nos como e quando começou a lecionar na UEMS de Cassilândia. Foi por concurso ou convocado?

Curso de Ciências

- Conte-nos sobre o curso de Ciências com Habilitação em Matemática.
- O Projeto pedagógico do curso e a grade curricular eram exclusivos da unidade de Cassilândia ou eram comuns para todas as unidades que tinham esse curso? Quem os elaborou? Houve mudanças nele enquanto você atuava?
- Você lembra quem eram os professores desse curso? De onde vinham esses professores? Esses professores eram especialistas, mestres, doutores? Esses professores eram concursados ou convocados?
- Quem era o coordenador curso? Você participava das discussões do colegiado? Se sim, quais eram as principais reivindicações?
- Como era a procura e a concorrência desse curso? Qual o perfil dos alunos que procuravam esse curso? Como era a permanência dos alunos? (evasão, número de formandos).

- Como era a estrutura física da unidade? (tinha biblioteca, auditório, laboratórios, equipamentos tecnológicos?)

Implantação da Licenciatura em Matemática

- Como e por que ocorreu a extinção de Ciências com Habilitação em Matemática?
- Quem estava envolvido nesse processo?
- Houve muita mudança na grade curricular desse curso em relação ao curso de Ciências?
- Quem era o coordenador na época?
- E o gerente da unidade?
- Como era a procura e a concorrência desse curso?
- Qual o perfil dos alunos que procuravam esse curso?
- Como era a permanência dos alunos? (evasão, número de graduados).
- Quais as principais diferenças entre estes dois cursos?
- Qual a importância desses cursos (Ciências e Licenciatura em Matemática) para a cidade de Cassilândia?
- Você gostaria de falar alguma coisa que nós não perguntamos?

Esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará ao senhor para fazer as modificações que achar pertinente. Após estas modificações enviaremos ao senhor uma carta de cessão para uso desta textualização. O senhor autoriza a utilização desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa?

Eu, _____, RG _____ autorizo a utilização desta entrevista para fins de pesquisa.

Muito Obrigada pela sua participação e contribuição.

4. Roteiro de entrevista: Renata Patrícia Paulino Brandão Machado e Erika Pereira da Silva Souza

Apresentação

- Gostaria que se apresentasse, falasse seu nome completo, data de nascimento, onde nasceu e outras informações que queira nos apresentar.

Formação Profissional

- Gostaria que falasse de sua formação profissional;
- Graduação;
- Pós-graduação;

Implantação da UEMS e do curso de Ciências em Cassilândia

- Como era Cassilândia na época da implantação da UEMS? Quando você ingressou no curso de Ciências?
- Por que você optou fazer o curso de Ciências?
- Como eram as aulas? Você enfrentou dificuldades no decorrer do curso?
- Como era a infraestrutura oferecida a vocês? Biblioteca, sala de aula, laboratórios etc.
- Quais eram as disciplinas do curso de Ciências? (grade curricular de forma geral)
- Quais disciplinas você tinha mais dificuldade? E seus colegas?
- Vocês tinham projetos de extensão e/ou de iniciação científica?
- Quem eram os professores do curso, de onde vinham, qual a formação?
- Tinha muita procura por professores de Matemática antes da implantação do curso? E depois da implantação?
- Conte-nos sobre a extinção do curso de Ciências.
- Para você, qual foi a importância de ter feito este curso?
- Você gostaria de falar alguma coisa que nós não perguntamos?

Esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará a você para fazer as modificações que achar pertinente. Após estas modificações enviaremos a você uma carta de cessão para uso desta textualização. Você autoriza a utilização desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa?

Eu, _____, RG _____ autorizo a utilização desta entrevista para fins de pesquisa.

Muito Obrigada pela sua participação e contribuição.

ANEXOS

Anexo A – Cartas de Cessão

1. Carta de cessão: Paulo Neres Carvalho



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Campo Grande – MS, 09 de Outubro de 2017.

Eu, PAULO NERES CARVALHO, de Registro Geral de Identidade número 464835 SSP/MS, professor, brasileiro, residente à Avenida Brasil Central, número 477, Bloco M, Apartamento 101, Bairro Santo Antônio, na cidade de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados nas dependências da UEMS de Campo Grande – MS, no dia 20 de outubro de 2016, em entrevista a Tatiana Rozalia Guedes, **bem como os materiais advindos desta entrevista, ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Tatiana Rozalia Guedes, portadora do Registro Geral de Identidade número 001193763 SSP/MS, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,

Assinatura

2. Carta de cessão: Marco Aparecido Queiroz Duarte



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Cassilândia – MS, 28 de Setembro de 2017.

Eu, MARCO APARECIDO QUEIROZ DUARTE, portador do Cadastro de Pessoa Física (CPF) de número 289.644.892-68, professor, brasileiro, residente à Rua João Crispino da Silva, número: 5087, Bairro Vila Penha Novo, na cidade de Cassilândia, estado de Mato Grosso do Sul, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados nas dependências da Escola Evangélica Avivamento Bíblico, em Cassilândia – MS, no dia 08 de março de 2017, em entrevista a Tatiana Rozalia Guedes, **bem como os materiais advindos desta entrevista, ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Tatiana Rozalia Guedes, portadora do Registro Geral de Identidade número 001193763 SSP/MS, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,

Assinatura

3. Carta de cessão: Renata Patrícia Paulino Brandão Machado



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Cassilândia – MS, 29 de Setembro de 2017.

Eu, RENATA PATRÍCIA PAULINO BRANDÃO MACHADO, de Registro Geral de Identidade número 883416 SSP/MS, professora, brasileira, residente à Rua Antônio Paulino, número: 674, Bairro Centro, na cidade de Cassilândia – MS, estado de Mato Grosso do Sul, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados nas dependências da escola Hermelina Barbosa Leal, em Cassilândia – MS, no dia 18 de maio de 2017, em entrevista a Tatiana Rozalia Guedes, **bem como os materiais advindos desta entrevista, ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Tatiana Rozalia Guedes, portadora do Registro Geral de Identidade número 001193763 SSP/MS, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,


Assinatura

4. Carta de cessão: Janete Bortolaia de Freitas

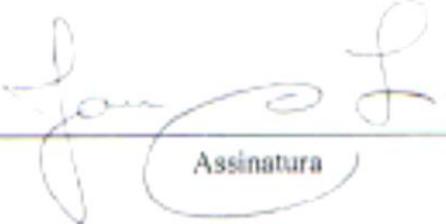


CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Andradina – SP, 16 de Outubro de 2017.

Eu, JANETE BORTOLAIA DE FREITAS, de Registro Geral de Identidade número 80233053 SSP/SP, professora aposentada, brasileira, residente à rua Dr Thomas Okabayashi Tosio, número:1470, Bairro Alto dos Ipes, na cidade de Andradina, estado de São Paulo, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados nas dependências da minha residência, no dia 03 de junho de 2017, em entrevista a Tatiana Rozalia Guedes, bem como os materiais advindos desta entrevista, ao **Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Tatiana Rozalia Guedes, portadora do Registro Geral de Identidade número 001193763 SSP/MS, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,


Assinatura

5. Carta de cessão: Erika Pereira da Silva Souza



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Chapadão do Sul – MS, 29 de Setembro de 2017.

Eu, ERIKA PEREIRA DA SILVA SOUZA, de Registro Geral de Identidade número 001069451 SSP/MS, professora, brasileira, residente à Rua Ruijia Flor, número: 322, Bairro Expansão, na cidade de Chapadão do Sul, estado de Mato Grosso do Sul, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados nas dependências da escola Cecília Meireles, em Chapadão do Sul – MS, no dia 12 de junho de 2017, em entrevista a Tatiana Rozalia Guedes, **bem como os materiais advindos desta entrevista, ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Tatiana Rozalia Guedes, portadora do Registro Geral de Identidade número 001193763 SSP/MS, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,


Assinatura

6. Carta de Cessão: Antônio Canuto Brandini



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Aparecida do Taboado – MS, 07 de Outubro de 2017.

Eu, ANTÔNIO CANUTO BRANDINI, de Registro Geral de Identidade número 3611132 SSP/SP, professor aposentado, brasileiro, residente à Rua Francisco de Queiroz, número: 1231, Bairro Vila Rica, na cidade de Chapadão do Sul, estado de Mato Grosso do Sul, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados nas dependências da minha residência em Aparecida do Taboado – MS, no dia 24 de junho de 2017, em entrevista a Tatiana Rozalia Guedes, **bem como os materiais advindos desta entrevista, ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Tatiana Rozalia Guedes, portadora do Registro Geral de Identidade número 001193763 SSP/MS, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,


Assinatura

7. Carta de Cessão: Edemir Feliciano Garcia

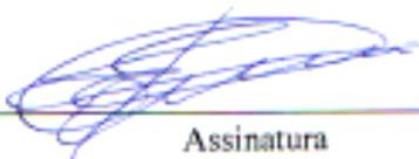


CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Cassilândia – MS, 29 de Setembro de 2017.

Eu, EDEMIR FELICIANO GARCIA, de Registro Geral de Identidade número 332980 SSP/MS, professor, brasileiro, residente _____ à Rua Ricardo Dutra de Oliveira, número: 348, Bairro Jd. Duarte, na cidade de Cassilândia, estado de Mato Grosso do Sul, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados nas dependências da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em Cassilândia – MS, no dia 27 de julho de 2017, em entrevista a Tatiana Rozalia Guedes, **bem como os materiais advindos desta entrevista, ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Tatiana Rozalia Guedes, portadora do Registro Geral de Identidade número 001193763 SSP/MS, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,


Assinatura

Anexo B – Estrutura curricular do curso de Ciências com Habilitação em Matemática e Biologia

1 – Disciplinas Desdobradas de Matérias do Currículo Mínimo		
Matérias do Currículo Mínimo	Disciplinas do Currículo Mínimo	C/H Total
1. Parte Comum:		
1.1. Matemática	1.1.1 – Matemática I	150
	1.1.2 – Matemática II	120
1.2. Física	1.2.1 – Física I	150
	1.2.2 – Física II.	120
1.3. Química	1.3.1 – Química I	150
	1.3.2 – Química II.	120
1.4. Elementos de Geologia	1.4.1 – Elementos de Geologia	75
1.5. Biologia	1.5.1 – Biologia Geral I	135

Matérias do Currículo Mínimo	Disciplinas do Currículo Mínimo	C/H Total
2. Formação Pedagógica:		
2.1. Didática	2.1.1 - Didática	90
2.2. Psicologia da Educação	2.2.1 - Psicologia da Educação	105
2.3. Estrutura E Funcionamento da Educação Nacional	2.3.1 - Estrutura e Funcionamento da Educação Nacional	75
		105
2.4. Prática de Ensino	2.4.1 - Prática de Ensino em Ciências Físicas e Biológicas e Matemática (Sob a forma de Estágio Supervisionado)	105
Total de Carga Horária das Disciplinas do Currículo Mínimo		1.395

3 - Disciplinas Complementares Obrigatórias		
Disciplinas Complementares Obrigatórias	C/H Total	
1. Desenho Geométrico	135	
2. Zoologia I	135	
3. Botânica I	135	
4. Técnica de Redação	75	
5. Introdução à Metodologia Científica	45	
Total de Carga Horária de Disciplinas Complementares Obrigatórias		525

4 - Disciplina de Legislação Especial	
Educação Física	60
Total de Carga Horária de Disciplina de Legislação Especial	60

Anexo C – Estrutura curricular do curso de Ciências com Habilitação em Matemática (por série).

Curso de Ciências – Habilitação: Matemática

1ª Série

Código	Disciplina	Categoria A/S	Carga Horária	
			Semanal	total
MAT-011	Matemática I	A	4	150
FIS-010	Física I	A	4	150
QUI-010	Química I	A	4	150
BIO-010	Biologia Geral I	A	4	135
MAT-020	Desenho Geométrico	A	4	135
LET-010	Técnicas de Redação	A	2	75
PSI-010	Psicologia da Educação	A	3	105
ESF-010	Educação Física	A	2	60
Total	de Carga Horária da Série		27	960

2ª Série

Código	Disciplina	Categoria A/S	Carga Horária	
			Semanal	total
MAT-012	Matemática II.	A	3	120
FIS-011	Física II.	A	3	120
QUI-011	Química II.	A	3	120
BIO-031	Zoologia I	A	4	135
BIO-021	Botânica I	A	4	135
AGR-170	Elementos de Geologia	A	2	75
PED-010	Didática	A	3	90
PED-060	Introdução à Metodologia Científica	A	2	45
PED-025	Estrutura e Funcionamento da Educação Nacional	A	2	75
Total	de Carga Horária da Série		26	915

3ª Série

Código	Disciplina	Categoria A/S	Carga Horária	
			Semanal	total
MAT-041	Álgebra I	A	3	105
MAT-052	Análise Matemática I	A	3	105
MAT-034	Cálculo Diferencial e Integral I	A	4	150
MAT-061	Geometria I	A	3	105
MAT-071	Matemática Aplicada I	A	3	105
PED-030	Prática de Ensino em Ciências Matemática, Físicas e Biológicas (Sob a Forma de Estágio Supervisionado).	A	5	105
Total	de Carga Horária da Série		21	675

4ª Série

Código	Disciplina	Categoria A/S	Carga Horária	
			Semanal	total
MAT-042	Álgebra II.	A	3	105
MAT-035	Cálculo Diferencial e Integral II.	A	3	105
MAT-062	Geometria II.	A	2	75
MAT-072	Matemática Aplicada II.	A	2	75
MAT-052	Análise Matemática II.	A	2	75
PED-040	Prática de Ensino em Matemática (Sob a forma de Estágio Supervisionado).	A	5	195
Total	de Carga Horária da Série		17	630
Total de Carga Horária do Currículo Pleno				3.180

Resumo Geral do Currículo Pleno

Composição do Currículo Pleno	C/H Total
1 - Disciplinas do Currículo Mínimo	1.395
2. - Disciplinas do Currículo Pleno	1.200
3 - Disciplinas Complementares Obrigatórias	525
4 - Disciplina de Legislação Especial - Educação Física	60
Total de Carga Horária do Currículo Pleno do Curso	3.180

Anexo D – Estrutura curricular do curso de Licenciatura em Matemática

1.2.7. - Disciplinas Desdobradas de Matérias do Currículo Mínimo		
Matérias do Currículo Mínimo	Disciplinas do Currículo Pleno	C/H Total
1.1 – Formação Específica:		
1.1.1 – Desenho Geométrico e Geometria Descritiva	- Desenho Geométrico e Geometria Descritiva	136
1.1.2 – Fundamentos de Matemática Elementar	- Fundamentos de Matemática Elementar	136
	- Elementos de Matemática I	102
	- Elementos de Matemática II	68
1.1.3 – Física Geral	- Física I	136
	- Física II	102
	- Física III	102
1.1.4 – Cálculo Diferencial e Integral	- Cálculo Diferencial e Integral I	136
	- Cálculo Diferencial e Integral II	136
1.1.5 – Geometria Analítica	- Vetores e Geometria Analítica	136
1.1.6 – Álgebra	- Álgebra Linear	136
	- Álgebra	136
1.1.7 – Cálculo Numérico	- Cálculo Numérico	136
1.1.8 – Matemática Aplicada	- Probabilidade e Estatística	102
1.2 – Formação Pedagógica		
1.2.1 – Psicologia da Educação	- Psicologia da Educação	102
1.2.2 – Didática	- Didática	102
1.2.3 – Prática de Ensino de Matemática na Educação Básica	- Prática de Ensino de Matemática na Educação Básica sob forma de Estágio Supervisionado – 3ª série	102
	- Prática de Ensino de Matemática na Educação Básica sob forma de Estágio Supervisionado – 4ª série	204
Total de Carga Horária das Disciplinas do Currículo Mínimo		2.278

1.2.8.- Disciplinas Complementares Obrigatórias	
Disciplinas Complementares Obrigatórias	C/H Total
2.1 – Introdução à Ciência da Computação	68
2.2 – Linguagem e Técnica de Programação I	68
2.3 – Linguagem e Técnica de Programação I	136
2.4 – Técnica de Redação	102
2.5 – Introdução à Metodologia Científica	68
Total de Carga Horária de Disciplinas Complementares Obrigatórias	442

1.2.9. Disciplina de Legislação Especial	
Prática de Educação Física	68
Total de Carga Horária de Disciplina de Legislação Especial	68

1.2.10. Atividades Acadêmicas Complementares – AAC	
Resolução n.º 63 de 12/03/97, art. 10 inciso 6 e art. 13 do CEPE	110
Total de Carga Horária de Atividades Acadêmicas Complementares	110
TOTAL DE CARGA HORÁRIA DO CURRÍCULO PLENO (1+2+3+4)	2.898